

# FREI LUÍS MARIA ALVES SARTORI

UM OPERÁRIO DO REINO



JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES  
PE. LUIZ CLÁUDIO VIEIRA  
MISSIONÁRIAS DE CRISTO OPERÁRIO  
(ORGANIZADORES)



EDITORA  
SCHREIBEN

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES  
PE. LUIZ CLÁUDIO VIEIRA  
MISSIONÁRIAS DE CRISTO OPERÁRIO  
(ORGANIZADORES)

**FREI LUÍS MARIA  
ALVES SARTORI**  
UM OPERÁRIO DO REINO

  
EDITORA  
SCHREIBEN  
2024

© Dos Organizadores - 2024  
Editoração e capa: Schreiben  
Imagem da capa: arquivo dos organizadores  
Revisão: os autores  
Livro publicado em: 03/04/2024  
Termo de publicação: TP0182024

**Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)  
Dr. Airton Spies (EPAGRI)  
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)  
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)  
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)  
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)  
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)  
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)  
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)  
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)  
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)  
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)  
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)  
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)  
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)  
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)  
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)  
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)  
Dra. Marciane Kessler (URI)  
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)  
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)  
Dr. Odair Neitzel (UFFS)  
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben  
Linha Cordilheira - SC-163  
89896-000 Itapiranga/SC  
Tel: (49) 3678 7254  
editoraschreiben@gmail.com  
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696f Rodrigues, José Raimundo

Frei Luís Maria Alves Sartori : um operário do reino / José Raimundo Rodrigues, Luiz Cláudio Vieira, Missionárias de Cristo Operário. – Itapiranga : Schreiben, 2024.

136p. : il. ; 16 x 23 cm + e-book

ISBN: 978-65-5440-242-2

EISBN: 978-65-5440-243-9

DOI: 10.29327/5388888

1. História regional. 2. Bibliografia. 3. Pastoral do Mundo do Trabalho. 4. Vida religiosa. I. Vieira, Luiz Cláudio. II. Missionárias de Cristo Operário. III. Título.

CDD 922

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

# Sumário

---

Prefácio.....	5
<i>Dom Lauro Sérgio Versiani Barbosa (Bispo de Colatina/ES)</i>	
Um homem, um Frei, uma humanidade à frente de seu tempo.....	9
Breve biografia de Frei Luís Maria Alves Sartori.....	13
A família de Frei Luís Maria, OFM.....	15
Histórico da Pastoral do Mundo do Trabalho.....	19
Da convivência com o operário do Reino à tarefa de continuar sua Obra.....	25
<i>Ir. Laura de Jesus Manoel</i>	
Prosseguir produzindo frutos na generosidade do Reino.....	29
<i>Ir. Wilma Manoel</i>	
Um incansável homem de Deus.....	35
<i>Ir. Izabel Damião Borges</i>	
Da sensibilidade diante do sofrimento dos operários ao engajamento por uma economia de comunhão.....	41
<i>Ir. Miryam Aparecida Marquezini Feitosa</i>	
Deixar-se conhecer por Cristo.....	49
<i>Ir. Maria Oliveira da Silva</i>	
Frei Luís Maria Alves Sartori, OFM: uma linda história de amor.....	51
<i>José Eustáquio da Costa</i>	
<i>Ana Maria Ramos da Costa</i>	
Um casal que acolheu o serviço do Reino pela voz de Frei Luís.....	55
<i>Antônio Aristério Mário Lima</i>	
<i>Izabel Conceição Ribeiro Lima</i>	
Um homem da caridade.....	57
<i>Maria Terezinha Caldeira de Jesus</i>	
Um operário forjado na luta junto com Frei Luís.....	59
<i>Vitor Vieira de Souza</i>	



A atualidade de Frei Luís.....	65
<i>Joaquim Rodrigues Machado</i>	
Nos riscos da luta, a certeza da fé .....	69
<i>Maria Eloá Dias Sayão</i>	
Um missionário que deixou marcas para minha vida sacerdotal.....	73
<i>Pe. Antônio de Pádua Santos</i>	
Um companheiro Franciscano inspirador.....	79
<i>Frei José Alamiro Andrade Silva</i>	
Frei Sartori, um visionário.....	87
<i>Pe. Marcelo Moreira Santiago</i>	
Os livros de Frei Luís Maria Sartori.....	91
Missionárias de Cristo Operário que nos precederam.....	115
<i>Ir. Wilma Manoel</i>	
Frei Luís aos olhos de Dom Luiz Flávio Cappio	
Um posfácio para continuar a caminhada.....	125

## *Prefácio*

---

**A** celebração do centenário do nascimento de Frei Luís Maria Alves Sartori, OFM, oferece ocasião privilegiada para revisitar o seu legado e destacar a sua originalidade e pioneirismo na Pastoral do Mundo do Trabalho. Verdadeiro filho espiritual de São Francisco de Assis, Frei Luís Sartori deixou a casa de seus pais e irmãos em Ouro Preto (MG), onde tinha posição social assegurada, para encontrar Cristo no pobre, especialmente entre os operários. É verdade que teve boa formação católica no seio familiar e passou pelo Seminário Menor da Arquidiocese de Mariana (MG), mas a leitura e a meditação sobre a vida de São Francisco de Assis cativaram definitivamente seu coração, levando-o para a formação com os franciscanos em Petrópolis (RJ).

Homem de oração, impulsionado pela Palavra de Deus expressa nas Sagradas Escrituras e iluminado pela Doutrina Social da Igreja, abraçou decididamente a causa operária. Da Ação Católica e da Pastoral Operária, chegou à Pastoral do Mundo do Trabalho. De personalidade forte, carismático, incansável, disciplinado, determinado e perseverante, tornou-se o apóstolo de Cristo Operário, dirigindo-se ao mundo operário, sem excluir empresários, executivos, funcionários das empresas, famílias e outras pessoas de boa vontade. Fundou o Instituto Missionário Cristo Operário, que resultou na Congregação das Irmãs Missionárias de Cristo Operário.

Fiel à Tradição da Igreja e partindo do trabalho evangelizador básico que se fazia antes do Concílio Vaticano II, inovou na prática pastoral, conseguindo entrar nas empresas em São Paulo e outros lugares, levando a Palavra de Deus, os Sacramentos da Igreja e a formação na Doutrina Social da Igreja. Fortalecido pelo Concílio Vaticano II e pelas Encíclicas Sociais de São João XXIII, São Paulo VI e São João Paulo II, prosseguiu em seu empenho evangelizador com todo o entusiasmo, promovendo retiros espirituais, celebrações, palestras, cursos de formação, reuniões e atividades variadas, publicando livros e peças de teatro, organizando encontros, peregrinações e experiências diversificadas. Este livro, que tenho a honra e a alegria de prefaciar, testemunha, de forma tocante, como Frei Luís formou lideranças e levou pessoas a se consagrarem ao apostolado no mundo do trabalho. Esta obra coletiva é tributo à vida doada do Frei Luís Sartori e cultiva a memória agradecida pelo que Deus realizou através da

entrega existencial deste filho de São Francisco de Assis ao mundo do trabalho e à vida dos operários. A apresentação panorâmica e sintética de seus numerosos livros, incluída nesta obra, descortina o horizonte e o dinamismo de sua atuação apostólica. Os registros fotográficos enriquecem e dão ainda mais vida aos preciosos depoimentos. Frei Luís viveu os seus últimos anos marcado pela enfermidade e pelo sofrimento, aceitos com serenidade e paz, configurando-se sempre mais à Paixão de Cristo, via para a glória da Ressurreição.

Como nota pessoal, lembro-me das reuniões que Frei Luís promovia nas casas das famílias, inclusive com os meus pais, em nossa casa em Ouro Preto (MG). Quando era ainda criança, meus pais frequentavam reuniões com as famílias de operários e nós, os filhos, ficávamos brincando nos arredores, observando e aprendendo o que era possível à nossa idade. Mais tarde, como seminarista, pude acolhê-lo juntamente com a sua equipe, para formação em nossa comunidade do Seminário São José da Arquidiocese de Mariana, ocasião em que partilhou a sua experiência de atuação no mundo do trabalho e divulgou a sua bibliografia.

Frei Luís lutou para que o trabalhador tivesse “Voz, Vez e Voto”. Crítico do capitalismo e do comunismo, defendia o “comunitarismo”, o “solidarismo”, valorizando a comunidade, uma “Economia de Comunhão”. Imagino a alegria do Frei Luís com o Magistério do Papa Francisco, com as suas Encíclicas Sociais *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, com as propostas do Pacto Educativo Global e da Economia de Francisco e Clara, com a valorização dos movimentos sociais como “poetas sociais” e a luta pelos três “Ts”: “Terra, Teto e Trabalho”. Talvez ele brincasse com os mais próximos: “o Papa andou lendo os meus livros...”.

Que a leitura deste livro leve a todos a louvar a Deus pela vida do Frei Luís e anime o compromisso social da fé cristã em comunhão com a orientação atual do Papa Francisco na perspectiva da ecologia integral, da amizade social e da fraternidade universal, em estilo sinodal, testemunhando o Evangelho da Misericórdia vivido por Jesus!

*Dom Lauro Sérgio Versiani Barbosa*  
Bispo de Colatina (ES)

Colatina, 05 de novembro de 2023.  
Solenidade Litúrgica de Todos os Santos.

**Ilustração: Visita de Dom Francisco Barroso e Pe. Lauro Sérgio Versiani,  
hoje Dom Lauro, à comunidade das Missionárias de Cristo Operário**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



## *Um homem, um Frei, uma humanidade à frente de seu tempo*

**A** vida de cada pessoa é um milagre! Naquilo que é a vivência única e irrepetível, como filho(a) de Deus, uma pessoa vem ao mundo com um futuro aberto à sua frente, sendo chamada a definir seu percurso. Do seio das famílias, nas suas mais diversas configurações, cada vida inicia um processo de mover-se ao infinito, fazendo escolhas, assumindo riscos, partilhando alegrias e esperanças, padecendo angústias e sofrimentos. Luís vem de uma família, de um lar, de uma casa, vem dos Sartori. Frei Luís vem de um cotidiano comum a tantos luíses de sua época.

Todavia, há no humano um imperativo que o impele a ser mais que aquilo que, inicialmente, pudesse almejar ser. A força da Palavra inquieta corações, impulsiona um desejo de doar-se para além do âmbito familiar. Palavra que promete a “quem abandonar pai, mãe, irmãos, receberá pai, mãe e irmãos cem vezes mais” (Mt 19,29). Foi guiado pela Palavra de Deus e inspirado pela figura de Francisco de Assis que Luís Sartori decidiu dar à sua vida um rumo como franciscano. Movia seu coração o apelo pelos mais necessitados. E fez-se Frei para se tornar irmão de muitos.

E o coração permanecia sensível à voz de Deus pedindo-lhe mais, exigindo outros passos. Frei Luís era o homem da Igreja. De uma Igreja que vivia uma abertura ao mundo e desejava comunicar-se de forma diferente com a sociedade. Uma Igreja que também estava muito atenta aos clamores da humanidade. Frei Luís, tomado pela perspectiva libertadora presente nos textos da Doutrina Social da Igreja, na segunda metade do século XX, torna-se o homem dedicado àqueles que, à época, mostravam-se muito necessitados de atenção. De todos os necessitados de ouvir o anúncio do Evangelho, Frei Luís fez dos operários o seu quinhão, a sua parcela predileta, o seu povo eleito.

Um homem de personalidade forte, marcado por uma coragem ardorosa, capaz de se colocar nos lugares de enfrentamento do problema da pobreza desde uma lógica muito distinta da que ditava as relações de trabalho no âmbito capitalista. Um homem de extrema sabedoria que descobriu formas de poder aproximar-se dos trabalhadores com aquilo que, de início, parecia algo ingênuo: uma

celebração da Eucaristia. Mas, quem se recorda das palavras de Jesus na instituição da Eucaristia há de se recordar que, ao repetir “Isso é o meu corpo! Isso é o meu sangue!”, Frei Luís estabelecia uma nova comunhão de vida. Ele mesmo era o Cristo ali presente junto dos operários. Ele mesmo era também o destinatário da mensagem que Deus, por meio dos operários, apresentava-lhe como missão. Fez-se corpo com os operários das diversas indústrias. Fez-se corpo explorado para auxiliar na libertação de tantos homens e mulheres, operários e operárias que, no chão das fábricas, viam suas vidas esvaziar num trabalho extenuante.

Frei Luís pode ser colocado na lista das pessoas incansáveis. Não considerava suficiente estar com os operários. Por isso, criou momentos de partilha da Palavra de Deus. Depois, incrementou esses tempos com oportunidades de se refletir sobre a Doutrina Social da Igreja. Enquanto em muitas paróquias do Brasil se incentivava o povo a aprender a oração do terço, Frei Luís fazia das tradições populares mais um trampolim para oferecer reflexões profundas sobre um outro mundo possível. Descortinava ao povo as possibilidades de uma Igreja comprometida com suas vidas e suas necessidades.

Incansável. Não se contentou com presença nas fábricas, com celebrações, com estudos. Como grande liderança, captou que os que o auxiliavam poderiam formar comunidades vivas onde os propósitos estudados se transformassem em prática cotidiana. Assim, nasceu o grupo feminino que por ele foi fidedignamente formado e orientado para fazer de seu carisma uma opção clara e inequívoca pelos operários. E as missionárias fizeram do encontro com os operários o encontro com o Cristo Operário. Mas ainda não foi tudo! Frei Luís queria o outro mundo possível já nos seus dias. Se, por um lado, apostava num outro futuro de comunhão da humanidade, com relações justas no mundo do trabalho; por outro, considerava a necessidade de um profetismo cotidiano. Idealizou, então, uma comunidade de famílias que pudessem viver segundo os preceitos dos primeiros cristãos.

Ao nos aproximarmos do centenário de nascimento de Frei Luís, sabendo-nos tocados por uma vida que continha em si uma humanidade inteira, desejamos compartilhar com aqueles que não o conheceram um pouco de sua trajetória. Em tempos como os nossos, em que a precarização do trabalho, o aumento exorbitante do subemprego e do desemprego, a crescente exploração pelo Capitalismo a matar homens e mulheres sob a desculpa de empreendedorismo, dentre outros fatores; nesse tempo, mais uma vez era preciso recuperar a memória daquele que estava muito à frente de seu tempo. O que Frei Luís sugeria no passado como aposta por uma outra forma de convivência permanece hoje como um desafio. Em tempos em que também na Igreja percebemos movimentos de resistência ao chamado do Espírito por nos colocarmos em saída,



recordamos aquele que, dentre nós, foi um dos primeiros a sair com o coração desejoso por anunciar as maravilhas que o Senhor realizou.

O presente livro tem o desejo de recuperar aspectos biográficos, relatos de convivência, testemunhos de vida, síntese de sua obra bibliográfica, algumas fotografias. Aos que tiveram a graça de conhecer Frei Luís, os textos aqui ressoarão como antiga cantiga a reavivar sonhos e a fazer da nostalgia uma força para reinventar hoje estratégias para a missão. Este livro é nosso modo de dizer também a Deus o quanto somos gratos por todos os frutos que nasceram daquele homem Luís Sartori, Frei Luís, um homem à frente de seu tempo.

Expressamos, por fim, especial agradecimento a todos que contribuíram com escritos para esse livro e à Andréia de Cássia Campos pela revisão dos originais. Somente Deus para recompensar a cada um por todo o esforço realizado.

### ***OS ORGANIZADORES***

*Abril de 2024, Páscoa do Senhor Jesus*



## *Breve biografia de Frei Luís Maria Alves Sartori*

**F**rei Luís Maria, de nome civil, Marcius Alves Sartori, nasceu na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, em 23 de junho de 1924. Desde a adolescência, despertou para a vocação à vida de doação e serviço à Igreja. Iniciou sua formação no Seminário Menor de Mariana, mas logo depois interessou-se pela vocação franciscana após ler sobre a vida de São Francisco de Assis. Foi para o Seminário de Petrópolis, sob a orientação de Frei Tito Harding. Recebeu o hábito franciscano no dia 02 de fevereiro de 1942 e foi ordenado sacerdote no dia 22 de dezembro de 1947.

Tendo ido trabalhar em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, em 1950 organizou uma Semana Social com o Curso da Doutrina Social da Igreja. Após esse evento, foi enviado pelo Frei Ludovico Gomes de Castro, Ministro Provincial, para São Paulo, no Bairro do Pari, onde iniciou seu trabalho com a Pastoral Operária, que, mais tarde, tornou-se a Pastoral do Mundo do Trabalho. Fundou também o Instituto Missionário Cristo Operário, que atualmente é a Congregação das Irmãs Missionárias de Cristo Operário.

Frei Luís levou os Cursos de Doutrina Social da Igreja a várias empresas em São Paulo e outras cidades do Brasil. Além disso, escreveu diversas peças de teatro e numerosos livros, fazendo dessa escrita uma maneira fecunda de evangelizar. Após passar por uma cirurgia do joelho, ficou 10 anos sofrendo por causa de uma infecção surgida no local. Mesmo na cadeira de rodas, fazia as reuniões nas residências e celebrava a santa missa. Tendo adquirido câncer de próstata e broncopneumonia, seu sofrimento agravou-se, tendo que ficar hospitalizado nas idas e vindas para tratamento, até que a doença foi se complicando ao ponto em que não conseguia mais falar, vindo a falecer no dia 27 de agosto de 2012. Deixou um legado importante com relação à expansão da Pastoral do Mundo do Trabalho e também à fundação da Pastoral Operária.

Esta biografia bastante sintetizada é um convite a olhar para este Operário do Reino como alguém que se dispôs completamente ao trabalho a

ponto de se aniquilar na entrega. Não era mais ele quem vivia, mas o próprio Cristo Operário que nele agia e compartilhava das dores e esperanças dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.

Ilustração: Notícia da ordenação de Frei Luís

# Tribuna de Ouro Preto

Ano II
Ouro Preto, 27 de dezembro de 1947
N. 57

## Frei Luiz Maria Alves Sartori

Ouro Preto sente-se feliz hospedando, desde alguns dias, a figura simpática de Frei Luiz Maria, dileto filho do sr. Albino Sartori e de sua digníssima esposa d. Alzira Alves Sartori.

Frei Luiz Maria, cuja vocação religiosa é um testemunho eloquente da sua espontânea e sincera piedade cristã, acaba de ser ordenado pela piedosa Ordem dos Franciscanos Menores.

A solenidade de sua ordenação realizou-se no dia 22 próximo passado, no Convento do Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis, tendo sido oficiante S. Excia. Revma. D. Daniel Hostim O.F.M., que pronunciou belíssimo e eloquente sermão.

Frei Luiz Maria celebrou sua primeira missa na Matriz de N. Senhora da Paz, em Ipanema, no Rio de Janeiro.

Vindo a Ouro Preto, sua terra, Frei Luiz Maria celebrou, nas primeiras horas do dia 25 último, a solene e tocante *Missa do Galo*, comemorando o nascimento de N. S. Jesus Cristo. Todos se comoveram ao ver o mais moço filho de Ouro Preto, como ministro de Deus, orando por esta tradicional Vila Rica, pedindo, naquele soleníssimo sacrifício da Santa Missa, pela Paz e pela Prosperidade da gloriosa terra que o viu nascer. E o próprio Frei Luiz Maria, já no desempenho de sua sagrada missão, fez o batismo de seus dois primeiros sobrinhos e ofereceu a comunhão a seus dignos pais e irmãos. Foi uma solenidade tocante, realçada ainda mais pela

pregação eloquente do Frei Luiz Gonzaga Costa O.F.M. que, apesar de muito moço, já é um consagrado orador sacro.

No mesmo dia em que toda a Humanidade, entre hosanas e aleluias triunfais, comemora o nascimento do Salvador, Frei Luiz Maria celebrou solene missa, às 8 horas, na magistral igreja consagrada àquele que é o patrono espiritual da ordem religiosa a que pertence. E, novamente, toda a sociedade de Ouro Preto teve oportunidade de ouvir religiosamente a missa celebrada por um filho ilustre desta velha cidade, na igreja que todos nós consideramos como a obra prima da arte indígena, o relicário de fé legado por aqueles que souberam deixar, para a posteridade, o nome e as tradições de que Ouro Preto tanto se orgulha. A igreja de São Francisco de São Francisco de Assis reviveu, então, um dos seus dias de maior gala e esplendor, falando, ao sermão, o Revmo. Padre Antônio Gabriel de Carvalho, DD. Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

Para festejar tão auspicioso e expressivo acontecimento; a família do dr. Albino Sartori ofereceu ao clero de Ouro Preto e aos parentes de Frei Luiz Maria um láuto banquete, que teve lugar no Colégio Arquidiocesano.

*Tribuna de Ouro Preto*, registrando tão significativo acontecimento, envia à família do dr. Albino Sartori as suas melhores e mais sinceras felicitações, fazendo votos para que Frei Luiz

## Santa Casa de Misericórdia

Em Assembléa Geral dos Irmãos, realizada a 21 do corrente, foi eleita a Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia desta cidade, para o ano de 1948, que ficou assim constituída:

Provedor, dr. Amadeu Barbosa; Vice-provedor, dr. José de Araújo Dias; Secretário, dr. Teodorico da Cruz; Tesoureiro, Jaime Bastos; Procurador, Francisco Solano da Costa; Visitadores, Pe. José da Rocha Filgueiras, dr. Orlando Ramos, dr. Teófilo M. Alvares da Silva, Artur Drumond Guimarães, João Batista de Magalhães Gomes e Salatiel Tôrres; Comissão de Contas, João de Castro Figueirôa, prof. Saulo de Freitas, Artur Veriani dos Anjos, Adalberto Reis e Francisco Marcos Neto.

Nos termos dos Estatutos, a posse deverá verificar-se no segundo domingo de Janeiro, dia 11, perante a Assembléa Geral dos Irmãos que, para tal fim, já está especialmente convocada.

A' Mesa Administrativa da nossa velha Instituição de Caridade, com efusivos cumprimentos, **TRIBUNA DE OURO PRETO** apresenta sinceros votos do mais feliz sucesso em sua nobre missão.

Maria, em suas meritórias orações, se lembre sempre de sua terra natal para que Ouro Preto seja melhor compreendida na sua significação de berço de fé religiosa e de ideais democráticos do povo mineiro!

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=222747&pagfis=2274&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

## *A família de Frei Luís Maria, OFM*

**T**oda pessoa chega a este mundo pelos braços de outrem, numa total dependência de nossa humanidade, mostrando nosso vínculo mais primordial. Com Frei Luís essa experiência se deu num lar mineiro com características muito próprias e numa convivência de muitos irmãos.

O pai, Dr. Albino Sartori, era filho de imigrantes italianos da região de Vêneto, na Itália. Dr. Albino nasceu em Passagem de Mariana, em 24 de outubro de 1890, mas tornou-se cidadão ouro-pretano. Filho mais velho de 10 irmãos, após os estudos primários e secundários, formou-se na Escola de Farmácia de Ouro Preto. Após dois anos exercendo esta profissão em Nova Lima – MG, estudou medicina na Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

De volta a Ouro Preto, durante alguns anos, foi o único médico da cidade e também inspetor da Escola de Farmácia. Sua grande experiência de clínico geral, aliada ao seu carisma pessoal no atendimento aos pacientes, tornou-o “especialista em tudo”. Católico de convicção e comunhão diária, tinha profundo senso de caridade; era médico de todos, mas especialmente dos pobres. Durante 17 anos atendia na Santa Casa, já às 7 horas da manhã, passando antes no Educandário Santo Antônio para participar da santa missa. A confiança que os doentes tinham na sua pessoa era, sem dúvida, a base dos “milagres” de cura que lhe eram atribuídos. Seu temperamento expansivo de “italiano”, sempre rápido e alegre, valeu-lhe o nome de “pronto-socorro” de Ouro Preto e médico da “mão pesada”. Preocupado com a educação, construiu junto com a Sociedade Amigos de Ouro Preto - por ele organizada - o Colégio Arquidiocesano de onde saíram grandes personalidades.

Falecido em Belo Horizonte, após uma enfermidade, foi sepultado no cemitério da Igreja do Carmo, de cuja Irmandade foi várias vezes provedor. No discurso de despedida, o prefeito da cidade dizia que “ninguém se esqueceria da carinhosa brutalidade” do Dr. Sartori. Era uma Quinta-feira Santa do ano de 1965. Estava com 75 anos.

A mãe, Alzira Alves Sartori, nascida aos 23 de novembro em Ouro Preto, era neta de um senador do Império, caçula de dez irmãs. Cedo se revelou uma alma de artista. Expansiva e muito religiosa, rezava diariamente o Rosário. Alma

de poetisa, retratou em inúmeras poesias, as pessoas de seus filhos e marido, fatos do cotidiano da vida e seu profundo relacionamento com Deus. Seu livro de poesia “Nevoeiro de Ouro Preto” mereceu-lhe ser admitida na Academia de Letras de Ouro Preto. Enviuvada, em 1965, revelou então facetas ocultas de sua rica personalidade. Seus últimos anos, vividos em pensionatos, demonstraram a sua liderança comunitária, artística e religiosa. Faleceu poucos meses antes de completar 95 anos. Foi sepultada ao lado do marido, no cemitério de Nossa Senhora do Carmo.

Frei Luís Sartori teve dois irmãos e quatro irmãs: Dr. Albino Sartori Junior, médico psiquiatra, casado, vice-almirante da Marinha, residia no Rio de Janeiro; Tháís Maria S. Burnier Pessoa de Melo, psicanalista, casada, morava em Campinas - SP; Dr. Eônio Aloisio Alves Sartori, engenheiro, casado; Clyce Maria Alves S. Inchausti, casada; Sirene Maria Alves Sartori, solteira; Liomar Maria A. Sartori, psicóloga, solteira; esses últimos quatro residiam em Belo Horizonte. Atualmente já estão todos falecidos.

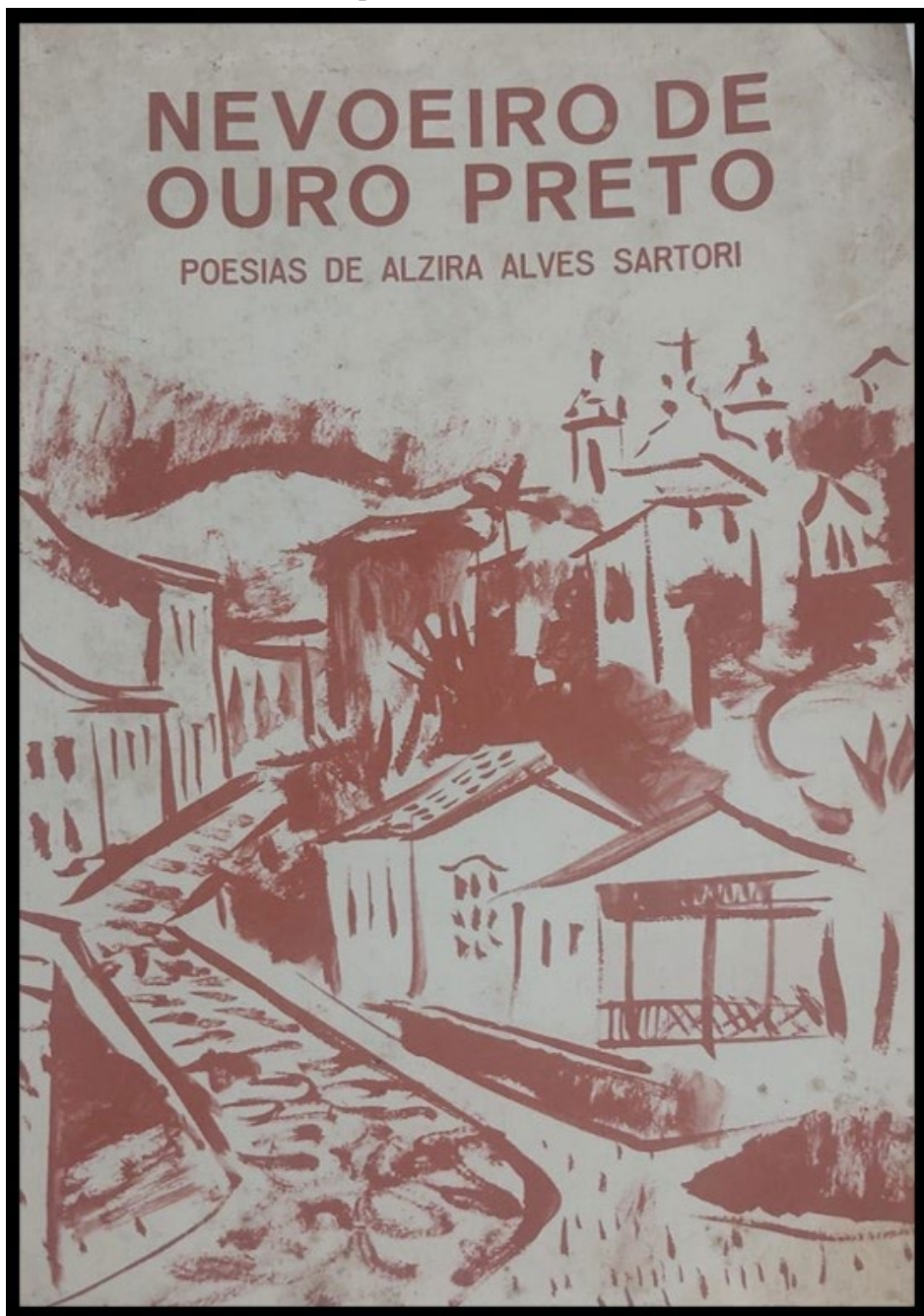
**Ilustração: Dr. Albino Sartori e D. Alzira Sartori, pais de Frei Luís**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário.**



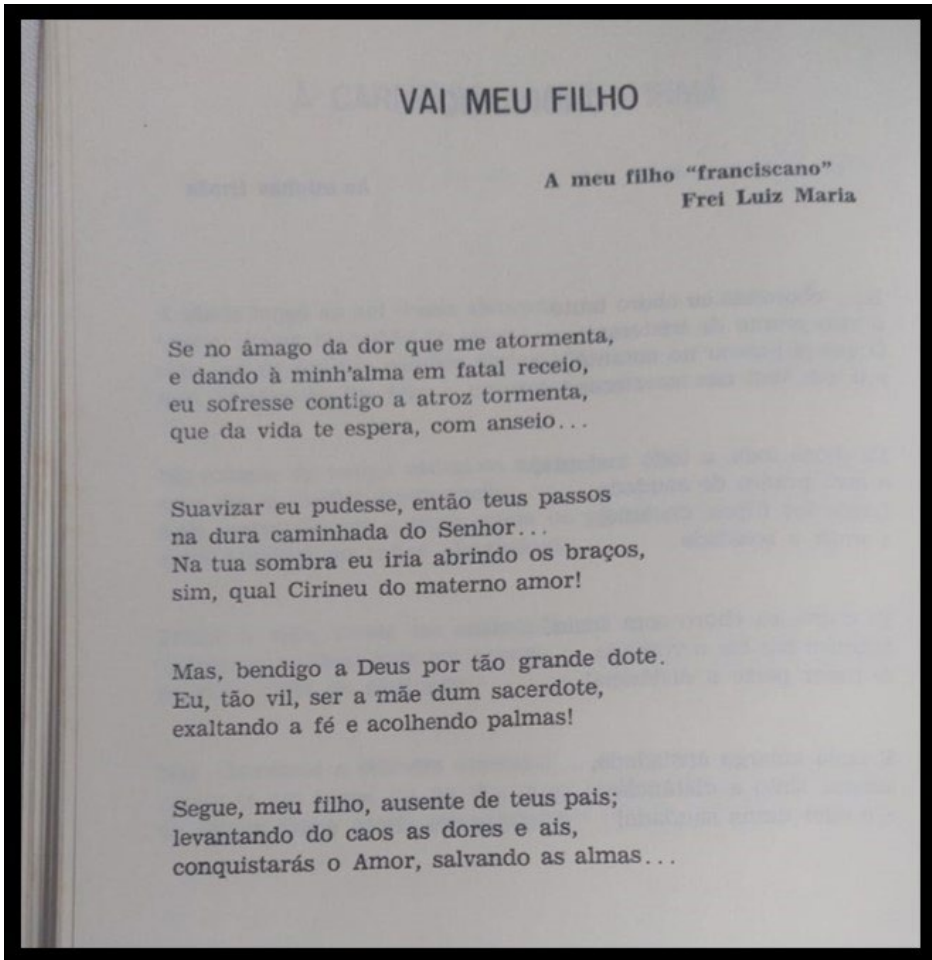
Ilustração: Capa do livro *Nevoeiro de Ouro Preto*



Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário e SARTORI, Alzira Alves. *Nevoeiro de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ibérica, 1977.



**Ilustração: Poesia de D. Alzira Alves Sartori em homenagem ao Frei Luís**



Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário e SARTORI, Alzira Alves. *Nevoeiro de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ibérica, 1977, p. 46.

## *Histórico da Pastoral do Mundo do Trabalho*

**E**m 1951, Frei Luís Maria Alves Sartori chegou à Paróquia Santo Antônio do Pari, vindo transferido de Niterói, para começar um trabalho junto aos operários.

Começou um trabalho nas casas, levando a imagem de Nossa Senhora, que permanecia durante uma semana em cada família, e, no domingo, ele comparecia na residência, encaminhando a imagem para outra casa e fazia a reflexão com as duas famílias.

Numa das vezes, a casa visitada era de um empresário que, inspirado por Deus, pediu que levassem a imagem de Nossa Senhora à sua empresa e, assim, começou o trabalho em várias fábricas.

Na terceira fábrica visitada, no dia do encerramento, era aniversário da mãe de três irmãos que pediram para que fosse celebrada uma Missa (não era costume celebrar em fábrica ou residência). No momento, achou-se que seria impossível, mas Frei Luís Maria fez o pedido a Dom Paulo Rolim, Bispo Auxiliar de São Paulo naquela época. Com persistência, foi permitida a celebração. A partir daí, outras fábricas foram se abrindo para a celebração onde aconteceram muitas conversões dos operários e foram realizados batizados, primeira comunhão e casamentos.

Foram organizadas visitas a esses trabalhadores, formando pequenas comunidades que se reuniam nas residências e foram feitos estudos sobre a Doutrina Social da Igreja, temas conjugais, reflexão sobre o Evangelho, assuntos trabalhistas e questões sociais.

O trabalho foi aumentando porque muitas fábricas começaram a pedir a presença da imagem e a celebração da santa missa. Então, foram organizados retiros mensais para os operários, que se iniciavam na sexta-feira à noite, estendendo-se pelo sábado e domingo. Porém, havia de ser solicitada a dispensa dos operários no sábado, porque era dia de trabalho. A participação era bastante grande, uma vez que as fábricas eram várias: Confiança, Filizola, Tinturaria Pari, Souza Noschese, Piraquê, Juta entre outras. Esses retiros eram gratuitos porque Frei Luís, por meio das moças que com ele trabalhavam, conseguia ônibus de graça. Depois, uma equipe que foi criada com o nome de Equipe dos São Cristóvão era

que levava também operários em seus carros, sendo a alimentação garantida pela Equipe do Quilinhos. O objetivo era atingir os operários inclusive em sua vida familiar, sindical, social e o trabalho nos bairros seria um passo concomitante.

Pensando nessa expansão da evangelização, um grupo de moças, juntamente com Frei Luís Maria, possuidoras de alto espírito apostólico, correram o risco e o desafio de fundar uma Família Religiosa, com a missão específica de evangelizar o mundo do trabalho.

“Era um apelo de operários nas indústrias, do mundo atual”, da Igreja de João XXIII. Todos pediam que ela fosse a “Igreja dos Pobres”, destes pobres que, em sua maioria, eram os operários. E, assim, essas jovens se uniram e oficializaram essa família religiosa, de início chamada Instituto Missionário Cristo Operário (IMCO), aos 08 de dezembro de 1959, festa da Imaculada Conceição.

A família religiosa fundada por Frei Luís Maria Sartori, OFM, nasceu como uma resposta ao incessante e angustioso clamor dos operários, que, da mesma forma como narram as Escrituras, “subiu também o clamor do Povo de Deus escravizado no Egito” (cf. Ex 3,7).

Considerava-se a empresa como sendo o específico Mundo do Trabalho, pois constitui uma comunidade básica da sociedade, com seus 4 integrantes: o empresário, os executivos, os funcionários e os operários.

Frei Luís Maria foi percorrendo as empresas inicialmente em São Paulo, mas, com o aumento das solicitações, tornou-se necessário organizar a evangelização de modo a poder atender a todos. Foi assim que se formou, em 1954, o Centro Catequético Rainha dos Apóstolos, com Curso de Religião por correspondência, atingindo cerca de 15.000 alunos.

Em 1955 foi realizado o 1º Retiro com os Operários, em novembro, numa chácara em São Miguel Paulista, resultado das contínuas visitas às fábricas. Em 1956, iniciaram-se os cursos de Doutrina Social da Igreja nos bairros e, em seguida, os Cursos de Ação Católica.

Em 1957, outras atividades foram sendo organizadas como: Cursos de Noivos; visitas às pensões do Bairro do Pari; visitas às favelas; formação de líderes apostólicos; formação da Equipe do Quilinho; Grupo São Cristóvão e foi realizada a 1ª Assembleia.

Já em 1958, ocorreu o 1º Retiro de Moças que já trabalhavam com Frei Luís (membros da JIC e da JOC) e que seriam orientadas para formarem o Instituto Missionário Cristo Operário. Esse grupo se iniciou com as jovens Alice Oguisso, Aracy Antinori, Carmem Miryam Kraemer e Elisa Regis. Também nesse ano aconteceu a publicação do primeiro livro escrito pelo Frei, com o título de “Oração do Apóstolo”. A primeira Casa das Missionárias foi fundada no dia 08 de dezembro de 1959, na Rua Pe. Tadei, nº 124, no Bairro de Canindé.

Inicialmente a Pastoral teve o nome de Pastoral Operária e, muito posteriormente, recebeu o nome de Pastoral do Mundo do Trabalho, porque a evangelização era conjunta com todos os participantes da empresa: patrões, operários e funcionários. No decorrer dos anos, foi aumentando e se criando maneiras para expandir a evangelização. Por exemplo, um grupo de 12 homens recebia formação específica para eles mesmos formarem outros operários. Dois finais de semana, mensalmente, ficavam livres em determinado local para estudos de vários temas como: Doutrina Social da Igreja; sindicalismo; política e outros. Estes eram chamados de Apóstolos.

Existia também a Equipe de Irradiação, ou seja, operários que dentro do ambiente de trabalho conquistavam amigos para juntos estudarem e refletirem sobre vários textos antes meditados; e também organizarem Comunidades de Casais em seus bairros (Comunidades da Virgem Operária - COFAVO); Cursos de Sindicalismo e Legislação Trabalhista.

Em 1967 já havia outras entidades trabalhando com a Pastoral Operária: Frente Nacional do Trabalho (composta por Advogados) que dava assistência jurídica e orientação sindical; Instituto Secular UNICOR, promovendo encontros estruturais entre as classes com líderes operários organizados em grupo de 12; a Ação Operária Católica (AOC) que realizava prolongados diálogos com operários mesmo dentro das fábricas durante 50 a 60 dias.

A Pastoral do Mundo do Trabalho foi crescendo segundo as etapas do personalismo, do comunitarismo e do solidarismo cristão, com todos os sinais e requisitos modernos e eclesiológicos da Pastoral Ambiental, conceito comum à época e relativo àquilo que rodeava o humano nas suas diversas atuações.

Com a ampliação do grupo e dos trabalhos, foram também fundadas outras Casas de Missionárias para atingir os operários, como por exemplo, em São Paulo, na Rua Iturama, nº 119, no Pari; na Água Funda. Em Mogi das Cruzes, no bairro da Mineração, criou-se uma comunidade a convite do Bispo local, Dom Paulo Rolim Loureiro, onde se iniciou a evangelização na Siderúrgica COSIM, posteriormente nas Empresas Elgin, Valmet, Huber Warco. Nessa última, Frei Luís trabalhou durante um mês como operário para melhor entrosamento com os operários da empresa.

Em Petrópolis, foram feitos trabalhos pastorais nas empresas ATA e Boêmia. Em Ouro Preto, na Aluminas. Além disso, foram realizadas Semanas Sociais no Grêmio Literário Tristão de Ataíde (GLTA); Grêmio da Escola Normal; Ginásio Arquidiocesano; e Colégio Polivalente.

Frei Luís Maria foi convidado para fazer palestras em outras cidades como Campinas, Volta Redonda - RJ; Itabira, Ipatinga, ambas em Minas; Louveira, Vinhedo, Jundiaí e outras.

Ciente das necessidades e atento aos clamores que sentia por irradiar ainda mais a causa do Evangelho, houve depois a fundação do ramo masculino, com a Fraternidade de Sacerdotes Franciscanos (FRAPO), que se dedicaram ao apostolado no meio operário.

Nas fábricas, foram criadas Equipes de Representantes, um trabalho dos mais visados e dos mais difíceis no movimento, embora um dos mais frutuosos pelo acervo de testemunhos que exigia e encerrava. Preferencialmente, se constituía por operários eleitos pelos próprios colegas, que eram líderes naturais. A finalidade era conquistar tanto a confiança de seus companheiros como a de seus patrões, através do diálogo e do entendimento entre os componentes de uma indústria.

Frei Luís inaugurou um modo de agir pastoral!

**Ilustração: Frei Luís em uma fábrica**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

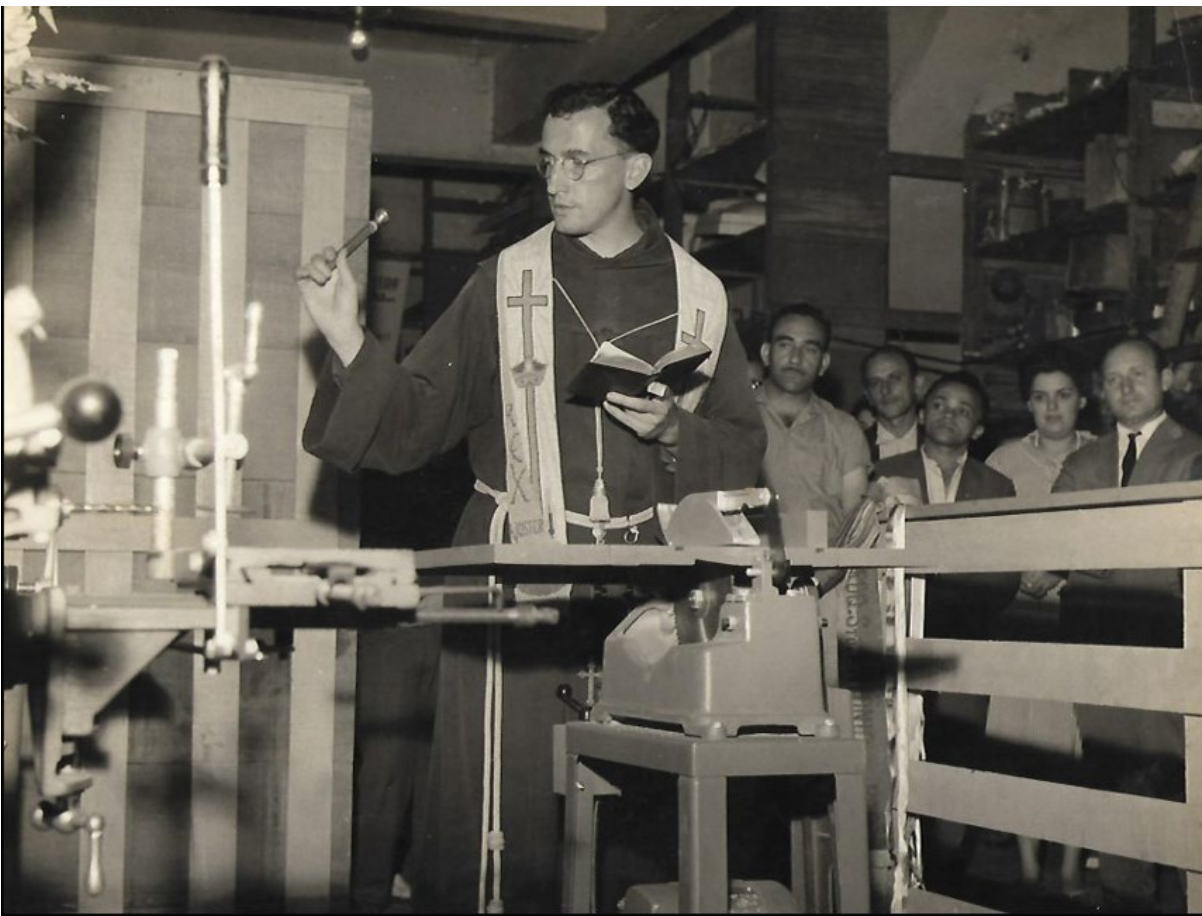


**Ilustração: Frei Luís na Artesanato São José**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Frei Luís abençoando maquinário**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



# *Da convivência com o operário do Reino à tarefa de continuar sua Obra*

*Ir. Laura de Jesus Manoel*

**S**ou natural de São Paulo, do Bairro do Pari. Minha família é de origem portuguesa e sou a oitava filha de doze irmãos. Mas, voltamos ao início, quando tive a alegria de compartilhar da vida de Frei Luís. Conheci-o em março de 1951, na Paróquia Santo Antônio do Pari, através de outro frade que veio apresentar o recém-chegado para trabalhar naquela comunidade.

Tenho boas recordações a respeito da direção espiritual que recebi, pois eu era muito distraída e dispersiva. Frei Luís, com muito jeito, em sessões semanais de direção espiritual foi revigorando de modo contundente a minha relação com Deus.

Ele era uma pessoa de oração profunda e austeridade exacerbada. Esses traços firmes de sua personalidade me recordam as atitudes de São Paulo com as comunidades visitadas. Deixou-nos um legado importante em torno da oração e trabalho, cuja atualidade perdura.

Fiquei atraída pelo Carisma, mesmo com minha família sendo contrária à minha adesão. Dentre outras opções nas quais fiz experiência, acabei por discernir por este carisma que envolve o Mundo do Trabalho. O tempo todo minha formação foi dada por Frei Luís. Meu primeiro emprego foi no Abbott Laboratórios do Brasil, como escriturária, durante 03 anos. Depois, fui trabalhar no Banco Comercial do Estado de São Paulo e, em seguida, no Banco Itaú, onde fiquei 22 anos.

Quando fui eleita superiora geral da Congregação, ficou difícil conciliar o cargo com o trabalho profissional, porque tinha que viajar sempre para Ouro Preto devido a questões que demandavam muito trabalho e preocupação. Também ia a Petrópolis ajudar a Ir. Iris, que estava sobrecarregada. Então, consegui ser indenizada pelo Banco e fiquei 05 anos sem trabalho profissional, mas continuei pagando o INSS e, finalmente, me aposentei. Nesses 05 anos, consegui fazer viagens de peregrinação para Terra Santa, Roma (Vaticano), Fátima, Assis e Lourdes. Minha atuação pastoral mais forte consistiu na cidade de Mogi das Cruzes- SP, onde realizei diversos trabalhos.

Em 19 de agosto de 2002, Frei Luís Maria, nosso fundador, foi hospitalizado para colocar prótese no joelho esquerdo e eu o acompanhei, cuidando dele no hospital em São Paulo. Pensávamos que num mês tudo estaria resolvido, mas, quando já ia receber alta, começou a ter febre e foi diagnosticado com infecção. Começou o drama: melhorava, vinha para casa, ficava em cadeira de rodas, porém ia às reuniões nas residências dos operários e escrevia livros. Foi durante este período que, no hospital, escreveu o livro “Maria, a agraciada de Deus”. A febre sempre voltava e ele tinha que de novo ser hospitalizado. A ordem Franciscana, devido ao prolongado tempo da doença, decidiu registrar 03 operários que se revezavam no cuidado com o Frei Luís: Marliedson Duarte; Luís Carlos de Souza e Francisco Alexandre Ribeiro. Depois de algum tempo, ficou sob os cuidados do Home Care. O seu estado de saúde foi se agravando, e faleceu no dia 27 de agosto de 2012, no hospital Sepaco, em São Paulo. Foi velado na Igreja Santo Antônio do Pari e sepultado no Cemitério Santíssimo Sacramento.

Antes da cirurgia, Frei Luís organizou 15 viagens de peregrinação à Terra Santa, sempre com duração de 30 dias, com 20, 30 e até 40 pessoas. Alguns peregrinos gostavam tanto que voltavam duas ou três vezes para aprofundar os conhecimentos; a maioria eram pessoas idosas que já estavam aposentadas. Em 1980, os peregrinos voltaram, mas Frei Luís ficou 06 meses em Israel fazendo um curso de arqueologia e esteve durante um tempo no Kibutz. Quando voltou para o Brasil, escreveu o livro “Vivendo o Cristo em Israel”.

Eu louvo a Deus por toda a minha atuação nesta história da Congregação que permeou toda a minha história de vida. Trabalhamos muito e colhemos muitos frutos para a glória do Senhor.

Sou co-fundadora desse grupo que, por ser ligado à justiça social e passarmos por toda a História da Igreja na época da industrialização, experimentamos períodos de greves, intervenção sindical e fomos taxados de comunistas.

Enfrentamos muitos desafios para conseguir a casa de Mogi e realizar todo o trabalho. Nisso fui auxiliada por minha companheira Wilma Fernandes e, mais tarde, Wilma Manoel. E, assim, a Congregação foi tomando forma conforme a vontade de Deus.

Hoje, a Congregação está minúscula. Somos 05 missionárias, mas o carisma atualizou-se de tal forma que o mundo passou a enxergar que não se sustenta sem a força do trabalho humano. Por isso, devemos divulgar cada vez mais a obra de Frei Luís que, dentre outros frutos, é composta de 55 livros sobre o carisma do trabalho, além de temas como mística e espiritualidade.

Atualmente, não podemos mais adentrar nas fábricas, ainda mais devido à mudança do sistema de trabalho, mas a evangelização passou a ser feita nos bairros e, principalmente, nas casas dos operários, projeto que se tornou muito

frágil devido à escassez de vocações. O lema da justiça no mundo do trabalho, que tomo para mim, tem conexão direta com a obra de Frei Luís.

Agradeço a Deus por mais de 63 anos de luta em que, entre tristezas e alegrias, tudo o que fizemos foi para a honra e glória do Senhor. Espero que os grupos fundados pelas missionárias continuem a insistir com força e coragem para que a justiça prevaleça sempre.

Que falem desse Cristo Operário e de seu Evangelho a todos os jovens para que transformem a si mesmos e a suas famílias, além do lugar onde atuam. Só isso é que produz frutos para o mundo do trabalho.

**Ilustração: 1ª Comunhão Pascal na Ford Motor do Brasil S.A. 16/06/1960**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: 1ª Comunhão Pascal na Ford Motor do Brasil S.A. 16/06/1960**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Confraternização após a 1ª Comunhão**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## *Prosseguir produzindo frutos na generosidade do Reino*

*Ir. Wilma Manoel*

**M**eu nome é Wilma Manoel. Todos me tratam como Wilma. Nasci em São Carlos - SP, mais precisamente num Distrito que se chamava Visconde de Rio Claro, onde havia uma pequena Estação Ferroviária. Cresci num Bairro da Cidade, o Vila Marcelino, depois noutro que se chama Vila Irene.

Éramos em seis: dois homens e quatro mulheres. Hoje só tenho um irmão e uma irmã; os outros três morreram dentro dos últimos dez anos. Meu pai era servente-pedreiro na Companhia Paulista de Estrada de Ferro, depois de muito anos passou para pedreiro. Minha mãe, depois que os filhos cresceram um pouco, foi trabalhar de empregada quase sempre em pensão. Meus pais tinham pouca instrução, inclusive religiosa. Minha mãe trabalhava, às vezes, em alguma pensão e eu, ainda pequena, talvez com 6 ou 7 anos, era levada por ela. Penso agora que era para facilitar o trabalho da mais velha que cuidava das duas menores em casa.

Nós, as meninas, estudamos num Colégio de Freiras, onde havia uma parte para os pobres em meio período. No 4º ano primário, fui para o Grupo Escolar porque no Colégio era só até 3º Ano. Comecei a trabalhar assim que saí do 4º ano e, alguns anos depois, entrei numa Escola de Comércio. Fiquei somente 2 anos porque resolvi ser professora. Então passei para o Instituto Dr. Álvaro Guião, sempre trabalhando e estudando à noite. Quando me formei professora, comecei dando aula como substituta em escolas rurais nos Municípios de Nipoã, Jales e Planalto, depois prestei concurso e escolhi uma escola em São Miguel Paulista, aqui na Capital, morando com uma prima.

O objetivo aqui é recordar mais a pessoa de Frei Luís, mas considere importante falar desse meu caminho familiar e profissional e como ele se aproxima daquilo que depois assumiria como carisma de minha vida. O texto bíblico que, ao meu ver, diz bem o que Frei Luís era, é o de Mt 28,18-20: “Aproximando-se dele. Jesus disse-lhes: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra; ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito



Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. Eu estarei convosco até o fim do mundo”. Isso porque Frei Luís ia a qualquer lugar onde fosse chamado para levar a Palavra de Deus e a Doutrina Social da Igreja, não importando a quantidade de pessoas, mesmo que lá se encontrasse apenas um ou dois operários.

Uma das marcas da personalidade de Frei Luís era sua perseverança e zelo naquilo em que acreditava ser a vontade de Deus. Tinha uma vida de oração, caso contrário não aguentaria os obstáculos, que foram muitos, e as rejeições a esse tipo de trabalho pastoral. A sua espiritualidade era a do olhar sempre para a cruz de Jesus Cristo, e a do silêncio diante do Cristo Eucarístico, pois sabia que suas fraquezas, muitas vezes, podiam enfraquecer o seu trabalho. Mas, lutava diante de Deus contra elas.

Herdamos de Frei Luís um legado que é a expansão da Pastoral Operária e do Mundo do Trabalho e um maior conhecimento da Doutrina Social da Igreja; a formação de líderes operários que estão levando à frente a Pastoral do Mundo do Trabalho; muitos livros escritos para formação com relação à política, aspectos sociais do Evangelho; Semanas Sociais; Espiritualidade no Mundo do Trabalho.

A minha opção vocacional deve ter sido pelo tipo de trabalho que já fazia na JOC (Juventude Operária Católica) em São Carlos. Eu atuava mais com empregadas domésticas porque, enquanto estudava para professora, eu também era empregada doméstica. Nunca tinha feito um retiro, pois não me atraía, já que me diziam “tem que fazer silêncio o tempo todo!”. Não fui despertada através de texto bíblico, mas pelo trabalho prático na JOC.

Quando comecei como professora aqui em São Paulo, não encontrei a JOC. Entrei na Legião de Maria e, convidada pela minha colega Léa, que dava aula na mesma Escola, resolvi entrar no Grupo de Frei Luís. Conheci-o através dela, ex-freira que queria entrar para o Grupo de Frei Luís. Ela me levou a Mogi das Cruzes, onde ele estava celebrando a Páscoa dos operários da COSIM (Companhia Siderúrgica de Mineração). Lembro-me de que, nessa primeira vez que vi Frei Luís, quando chegamos, a Missa já tinha começado e dela participamos. Quando fui receber a comunhão das mãos dele, seu olhar me chamou atenção: olhos claros que tinham qualquer coisa de grave, faltava-lhes suavidade. Constatei depois, que ele, realmente, era um sacerdote de personalidade muito forte. A Léa já havia marcado o encontro com ele e, terminada a celebração, fomos almoçar na Casa das Irmãs Missionárias que lá moravam. Depois viemos com ele para São Paulo e aqui é que ele conversou com ela. Ficou acertado que ela entraria naquela semana. Ele disse a ela: “Está tudo acertado com você”. Nessa hora, eu questioneei: “E comigo?” Ele respondeu: “Não quero passar à frente do Espírito Santo”. Mas, passados alguns dias, eu, refletindo sobre este

Grupo, ainda sem muita convicção, pensava: “Trabalhar com homens e ainda operários!?” Mesmo assim, depois de uma semana, saí da Legião de Maria e procurei a Congregação.

Já tinha estado na JOC em São Carlos. Aí tudo mudou muito depressa! Iria viajar para a praia com minha irmã, porém não aconteceu a viagem! Tinha acabado de mudar de Clube, do Flor de Maio para o Aliança, mais perto da minha casa em São Carlos, contudo não cheguei a começar a frequentar. Entrei para a comunidade aqui em 1967. Iniciei logo o noviciado e, em 1969, no dia 31 de maio, fiz os 4 votos da Congregação: pobreza, obediência, amizade virginal e oração.

Quando comecei aqui, eu já era professora e dava aula em São Miguel, mas todos os dias chegava, almoçava e tinha aula de formação junto com outras noviças que já estavam sendo formadas. Frei Luís era quem dava essa formação. Depois, morando com ele, vieram dois frades que se revezavam na formação. Fiquei aqui pouco tempo, pois fui enviada para Mogi das Cruzes. Todas as quartas-feiras, vinha junto com duas Missionárias de lá para receber formação e voltávamos no outro dia de manhã, porque cada uma tinha seu trabalho profissional.

Depois de feitos os votos, trabalhei em duas comunidades do bairro da Brasilândia; em duas do Jardim Brasil e da Vila Guilherme; também em duas de Mogi das Cruzes; em duas do Socorro; em duas da Vila Lavínia. Dava aula no Grupo Escolar lá mesmo, enquanto estudava Psicologia e, por isso, comecei a trabalhar como estagiária, em São Paulo, na Stampotec no Departamento Pessoal. Trabalhei como psicóloga e também na Escola Dom Macário, com menores carentes. Lá formava equipes com os adolescentes, a exemplo das equipes de fábrica, para levantar com eles os problemas que eram observados dentro do cotidiano da escola, tanto com relação ao ambiente escolar, quanto com relação aos professores. Também trabalhei com um grupo de adolescentes negros para ajudá-los a lidar com as situações de discriminação dentro do ambiente escolar. Eles iam aprendendo a apresentar as possíveis soluções. Além disso, dava aula de religião para eles e preparava-os para receberem os sacramentos dentro da escola, que era de Dom Afonso, beneditino que vinha do Mosteiro.

Fiquei em Mogi das Cruzes por muitos anos e, voltando para São Paulo, trabalhei como secretária na Igreja N. Sra. da Anunciação.

Algumas vezes estive na companhia de Frei Luís, como em Jundiá, quando lá começou a Pastoral; em Cajamar; na Tinturaria Pari, aqui na Vila Guilherme; e nos ensaios de teatro na Comunidade do Pari e na Salus, fazendo as palestras para preparar os operários para celebrarem a Missa na Empresa. Depois continuei reunindo a equipe de representantes para formação.

Voltando para Mogi das Cruzes em 1995, para substituir uma das missionárias, trabalhei juntamente com um líder operário na formação de círculos



bíblicos nos bairros. Por último, trabalhei no brechó em nossa casa até que a pandemia interrompeu esse trabalho. Atualmente, estou como catequista de adultos e trabalho na Pastoral Afro na Paróquia São Sebastião, aqui no Bairro de Vila Guilherme, em São Paulo. Também estou atuando, através de lives, duas vezes por semana com dois grupos de operários de Mogi das Cruzes, Suzano, Morro Grande da Serra, São Paulo e Santo André na formação, juntamente com a Pastoral Operária e assessoria de um padre comboniano que acompanha há anos a pastoral.

Louvo a Deus por ter permitido que eu possa ainda servir aos irmãos e irmãs que têm sede da Palavra, mesmo com as limitações que se apresentam por causa da idade.

Ao mesmo tempo, reconheço que superei alguns desafios, como, por exemplo, ir a bairros distantes, às vezes, à noite, como na Brasilândia; estudar na faculdade e vir tarde da noite, de trem, para São Paulo porque trabalhava aqui na Casa Dom Macário. Depois de formada, dava aula de psicologia num colégio particular em São Paulo, à noite, e vinha tarde para casa. Mas tenho certeza de que Deus e a Mãe Querida Aparecida me acompanharam em todos esses medos pelos quais passei. Deus seja louvado!

Entre quedas e reerguimentos de cada uma das missionárias, a história da Congregação foi sendo escrita durante 63 anos. Apesar de estarmos em apenas quatro missionárias que formam a Comunidade, rezamos sempre para que Deus nos mande vocações. Temos também uma viúva consagrada, que trabalha conosco no Movimento Cristo Operário e os operários de Mogi, que levam avante o trabalho da Pastoral do Mundo do Trabalho, juntamente com a Pastoral Operária.

Da nossa participação na história da Igreja pode-se perceber os bons frutos: operários que estão liderando grupos, outros que exercem ou participam de alguma pastoral e também formam santamente suas famílias. Realmente, não se veem todos os frutos produzidos, mas estes podem ser copiosos, por adesão de muitos, à Palavra de Deus, que foi semente lançada.

O carisma da Congregação se mantém até agora porque, depois de mais de cinquenta anos de formação, não tem como não evangelizar ligando o Mundo do Trabalho à realidade atual, denunciando as injustiças e refletindo sobre a educação e as causas do desemprego e da fome.

Se Frei Luís estivesse vivo, estaria incentivando a formação de grupos, agora não só de operários, mas também de outros setores, como desempregados e subempregados, e lutando para criar empresas comunitárias.

A atualidade da mensagem de Frei Luís é que a luta pela justiça entre os que doam o trabalho e os que doam o capital é contínua. Seria uma ajuda mútua o que se espera. É o que também move a Congregação e os que ainda hoje se

reúnem em grupos da PMT e PO. Isso se observa através de comentários que fazem os operários: “aprendi isso de Frei Luís”, ou “Frei Luís dizia isso...”

Em nome de Frei Luís, a obra deve continuar levando avante o objetivo que sempre lutou para conseguir: solidarismo, comunitarismo e estudo da DSI para combater as injustiças.

Vivemos num tempo de fortes impactos em relação ao mundo do trabalho e também ao nosso grupo religioso: a dificuldade dos operários devido ao regime de trabalho; a proibição de se entrar nas empresas; a diminuição das vocações para Congregação; e o envelhecimento das lideranças operárias.

O vínculo com o projeto da Congregação continua através das lives com os operários. Na catequese de adultos, na Paróquia, ainda é possível conversar com os irmãos e irmãs alertando para as dificuldades que eles têm que vencer para conseguirem participar de outras atividades fora do trabalho profissional.

A minha vida de fé me move a pensar que o meu tempo é de Deus: sou a serva do Senhor para servir os irmãos e irmãs, enquanto Ele me aceita com todas as minhas fraquezas. A Deus, só posso dizer que “Ele seja sempre louvado, que o muito que aprendi de Frei Luís possa continuar sendo colocado em minha vivência, através da Congregação e dos operários que ainda lutam para formar grupos de círculos bíblicos e de comunidades para formar novos líderes.

Toda essa minha experiência me permite sugerir algumas pistas para o futuro de um trabalho com operários: formação de novos grupos para evangelização; criatividade para se adaptar às novas modalidades de trabalho devido ao avanço da tecnologia; criação de novas alternativas para melhor poder formar os operários na Doutrina Social da Igreja; e o cuidado com a educação para a liberdade.

A Igreja sente falta de leigos e leigas. Aqui em nossa paróquia, uma pessoa participa de mais de uma pastoral, porque há várias pastorais e movimentos bem organizados, mas faltam pessoas que possam assumir. Temos que visitar as famílias para ter mais proximidade e incentivá-las a participar, cuidar como o Bom Pastor cuida das ovelhas; ser suporte nas dificuldades; evangelizar sempre, qualquer que seja a pastoral. É preciso ter a prática da oração fervorosa para que o medo e o desânimo não nos afastem do projeto de Jesus Cristo.

**Ilustração: Atuação com a Juventude Operária Católica**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Páscoa na Fábrica Carrocerias Carrizo**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

# *Um incansável homem de Deus*

*Ir. Izabel Damiano Borges*

**M**eu nome é Izabel Damiano Borges, mas me chamam de Bel, Bebel, Belzinha. Gosto de ser chamada assim, é carinhoso. Sou de Ouro Preto, como Frei Luís também era, cidade interiorana de Minas Gerais, pequena, simples, porém Patrimônio Tombado pela UNESCO, devido à sua importância na história do Brasil.

Sou de família simples, humilde. Éramos camponeses e depois meus pais migraram para a cidade. Meu pai se chamava Antonio Gomes Borges e minha mãe, Benevina Damiano da Silva. Éramos seis irmãos, cinco mulheres e um homem, hoje somos só quatro irmãs.

Conheci Frei Luís no mês de junho, se não me falha a memória, no ano de 1977, quando ele estava em visita às Comunidades de Ouro Preto. Nessas visitas, ele reunia as comunidades para formação, celebração da Santa Missa, encontros e apostolado. Ainda nesse tempo eu não tinha compromisso com nada, nem com ninguém, muito menos com a Igreja.

Recordo-me do zelo que ele tinha com o trabalho em todos os lugares. Ele deixava as Comunidades com seus respectivos coordenadores e tínhamos muitos grupos espalhados pela cidade de Ouro Preto. O programa dele consistia em formação, retiros, palestras, estudos de vários assuntos para as lideranças e mais os encontros comunitários. Reunia empresários, operários, juventude, escrevia peças de teatro (ele mesmo era o diretor, o escritor, o contrarregista, o personagem, ele era...). Frei Luís fazia acontecer!

Uma passagem bíblica que me recorda o sentido da vida de Frei Luís é *Ex 3,16ss*. Deus chama Moisés para uma grande Missão, tirar o povo Hebreu da escravidão e conduzi-lo à terra prometida. Assim vejo Frei Luís, recém-ordenado sacerdote franciscano que recebeu de Deus o chamado: “dirige-se para São Paulo, bairro do Pará”. Foi ali onde começou sua história de amor com o MUNDO do Trabalho. Isso se deu entre os anos de 1949 e 1950.

Ao lembrar-me de Frei Luís, não posso deixar de dizer de sua personalidade. Como todo ser humano, ele tinha suas dificuldades. Personalidade forte, às

vezes, autoritário e sempre “ligado nos 220wt”. Queria tudo na hora combinada, sabia posicionar-se com força, afirmando seu conhecimento, suas certezas. Por isso, arrebanhou muitos, mas também afugentou outros. Contudo, ainda assim, dizia Dom Paulo Evaristo Arns: “O Sartori é um bom filho da Igreja...”

Penso que a firmeza de sua personalidade também se relacionava com sua espiritualidade, ou era uma consequência dela. Ele tinha um conhecimento profundo de todas as coisas, estava sempre acompanhando a Igreja no Brasil; dialogava com bispos e padres, por quem era muito questionado. Tinha uma bonita e confiante amizade com Deus, e, muitas vezes, do silêncio com Ele é que vinham suas inspirações para os seus livros e toda a bagagem que possuía. Era um homem de oração, jejuns, mortificações, sacrifícios. Frei Luís se esforçava muito, não fazia corpo mole, as coisas de Deus para ele eram “para ontem”. Ele era incansável, disso sou testemunha.

O que ficou de Frei Luís para nós é seu amor ao Mundo do Trabalho. Deixou-nos um acervo grandioso de escritos, mais de sessenta livros, artigos, jornais, palestras, formação em vídeos, Curso de Doutrina Social da Igreja, teatros, cartilhas, DVDs, conferências e muitos outros. Recordo-me desses materiais para dizer que neles ficou um registro sólido de sua preocupação com o mundo do trabalho.

Gostaria de recordar um pouco do meu processo vocacional e como se vincula ao Frei Luís. No ano de 1977, estava terminando o 2º Grau e comecei a trabalhar com crianças. Toda a minha vida, meu trabalho profissional foi na Educação. Então, um dia, alguém me falou que estava participando de uma reunião muito boa que conversava sobre a Bíblia, sobre família, sobre trabalho, e que acontecia à noite e era bem legal. Eu disse: “Qualquer noite dessas eu vou!”. Só que eu nunca ia. O tempo passou, e não se esqueciam de mim. Numa noite chuvosa, cheguei em casa já molhada e falei para minha mãe: “Vou à reunião com o pessoal!”. Daí em diante comecei a conhecer melhor, participar das comunidades, ver os assuntos que eram tratados, a partilha do Evangelho. Aquela ideia foi ficando em mim e comecei a me envolver mais e com pessoas que faziam este trabalho. Então fiquei três anos participando e conhecendo, até que um dia, em preparação para a Semana Santa, fomos para uma cidade chamada Piranga, para conversar e preparar a comunidade para as confissões pascais. Nós fomos um grupo de cinco ou seis pessoas para aquele lugar distante, sem nada, numa zona rural, muitas dificuldades, muita gente sofrida, que sentia falta de tudo. Era um povo com todo tipo de miséria, mas que tinha esperança, alegria em Deus. Senti muito forte no meu coração o chamado do Pai, era a minha resposta vocacional: ver aquele povo abatido como ovelhas sem Pastor (Mt 8,35-38). Esse texto bíblico é minha referência, tenho-o sempre presente

comigo: compaixão pelo povo que sofre. Minha mãe se opôs um pouco, mas, depois, Jesus a convenceu por mim. Aqui estou! 42 anos Consagrados a Deus e feliz. Amém!

O meu processo foi tranquilo, foi intercongregacional e fui acompanhada pela Irmã Wilma Manoel. Foi rico e muito bom! Uma experiência única! Nesse tempo, estávamos em quatro meninas: Rosália, Rita, Dagmar e eu. Foi um tempo lindo. Quanto a Frei Luís, ele dava algumas formações, mas não teve grande participação, pois ficava muito fora por causa do apostolado. Então, não nos acompanhava presencialmente com a Pastoral Mundo do Trabalho e vários outros trabalhos.

No meu trabalho profissional, pude acompanhar, ajudar, orientar muitas famílias em situações de muita vulnerabilidade em todos os sentidos. Muitos encaminhamentos para o Mundo do Trabalho, tanto homens, mulheres e jovens. Hoje eu agradeço e louvo a Deus por este trabalho que valeu a pena. A luta ainda não acabou! De jeito diferente, ela continua neste Brasil, pois a desigualdade é gritante e as questões sociais injustas por demais.

Corri muitos riscos nesses trabalhos, particularmente na participação com os operários, em suas residências, porque íamos atrás e eles moravam sempre em lugares de risco, como favelas e cortiços. Uma agravante era a miséria, sempre grande em todos os sentidos, com a vida e a dignidade humana muito agredidas e ameaçadas. Essa luta continua, apenas mudaram o cenário, a roupa e a cor.

Com o passar do tempo, Deus foi escrevendo a história do trabalho, confirmando aquilo que já tinha sido dito por Frei Luís, nos seus escritos e relatos, e que, posteriormente, os Papas falaram em suas encíclicas sobre o trabalho. Frei Luís chegava a brincar: “O Papa leu isso no meu livro tal!” Isso nos dava uma certa comoção, por saber que o nosso fundador via além dos horizontes.

De um modo ou outro, somos muito importantes para este trabalho, participando dos momentos críticos e dos bons. E a história do Mundo do Trabalho foi se escrevendo no Brasil. É muito bom saber que teve seus cuidados, sua organização, seu olhar além das aparências a partir da Igreja, um olhar fraterno e misericordioso, e que depois foi aparecendo tudo que hoje temos, todas as organizações.

Embora nosso carisma seja específico, o Mundo do Trabalho e suas lutas são atuais, não acabaram. Talvez, tenha acabado aquele jeito primeiro de como tudo começou, adentrando nas empresas onde estavam a grande massa operária. Olhando a realidade social em nosso país, percebemos que, de outro jeito e olhar, há muito por fazer pelos nossos operários na realidade do Mundo do Trabalho.

Não sei se Frei Luís estaria convencido de que entrar em fábricas não é mais possível, mas que ele estaria formando pequenos grupos, para formar lideranças, sem dúvidas, disso tenho certeza! Estaria envolvido em pequenas



comunidades, para cuidar do crescimento familiar; formação para a juventude trabalhadora, para os desempregados, para formar comunidades de trabalho, para se autossustentarem, para teatro e outros. Com certeza ele estaria na ativa, atuando muito. De um jeito ou de outro, a mensagem iria chegar aonde deveria.

Em continuidade à obra de Frei Luís, podemos organizar pequenos grupos para formação e partilha do Evangelho, retomar o Curso de Doutrina Social da Igreja, fomentar a participação nos grupos organizados de formação trabalhista para ali dar nossa contribuição, que é muito rica, bonita e cristã.

O Mundo do Trabalho mudou muito. A primeira e grande mudança - talvez, a maior de todas - é a Tecnologia, mega, ultra-avançada, tirando das mãos dos trabalhadores o seu ganha pão. Podemos considerar que o avanço tecnológico é também o responsável pela questão do desemprego e por outras dificuldades existentes, como a mão de obra ultraespecializada, por exemplo. Agora é tempo de nos reinventarmos!

Eu tenho me esforçado para começar novos grupos, comunidades, com partilhas do Evangelho, refletindo sobre questões sociais, familiares, de trabalho, formação cristã. Hoje, a Igreja precisa acontecer nas nossas casas, atendendo aos apelos do nosso Papa Francisco, tomando consciência das Igrejas domésticas. Carrego comigo o seguinte lema: “Trabalhadores, sejam os protagonistas de sua história, em que o pão esteja presente na mesa de todos, em que o trabalhador tenha **Vez**, **Voz** e **Voto**, saúde garantida, moradia para os seus, educação para todos. Direitos de vida digna para todos!”.

Obrigada, Senhor! Gratidão por Frei Luís ter passado por minha vida. Estou avaliando o contexto todo: aprendizado, formação, conhecimento, santidade, sabedoria... Gratidão a Deus, eternamente, pelas Irmãs Missionárias de Cristo Operário, que me acompanharam, ensinaram-me, fizeram-me ser tudo o que sou hoje. Tudo devo a elas. Apesar dos encontros e desencontros, minha família são elas! Seja nos tempos difíceis, seja nos tempos bons, é com elas! Faça chuva ou faça sol, é com elas que estou. Então, até a eternidade é com elas! Amém!

Gratidão a Deus pelos operários, que nos permitiram nos preparar para falar e mostrar a todos esse amor divino que Papai do Céu tem por nós e por cada um. No universo, cada um tem seu lugar e todos, sem distinção, somos importantes para Deus. O trabalho é o eixo que muda a história! E o trabalhador faz este eixo girar. Engagem-se, busquem a Deus e sua justiça, falem do Reino, mostrem Jesus a quem não o conhece, lancem a semente, sejam os condutores da paz. Amém. Assim seja!

Compartilho a oração que vivenciei no momento final da vida de Frei Luís:

## DERRADEIRA ORAÇÃO

para “Frei Luis Maria Alves Sartori” (por *Irmã Miryam*)

Na Noite de sua Páscoa

Meu Deus, o que posso dizer deste sacerdote?

+ Senhor, eu te louvo por esta mente que com tanta inteligência soube partilhar com os mais simples toda Sabedoria comunicada a ele por Ti.

+ Senhor, eu te louvo por esta língua bendita que sem escolher ocasião ou movimento próprio, ensinou-nos a viver o Evangelho.

+ Senhor, eu te louvo por estas mãos ungidadas que tantas e tantas vezes te trouxeram para nós na Eucaristia.

+ Senhor, eu te louvo por estes pés que, sem medir distância, andaram incansavelmente para pregar a tua palavra nos mais diversos lugares da nossa terra.

Meu Deus, eu te apresento a vida deste homem, que só procurou viver a pobreza de Francisco e o silêncio de Maria e que, apesar de todas as suas limitações, eu consegui ver o rosto de Cristo estampado nele, tanto na alegria como no sofrimento. Amém

**Ilustração: Missa na Fábrica C.A.B. de juta - São Paulo**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

# *Da sensibilidade diante do sofrimento dos operários ao engajamento por uma economia de comunhão*

*Ir. Miryam Aparecida Marquezini Feitosa*

**S**ou a Irmã Miryam Aparecida Marquezini Feitosa, nascida na cidade de São Paulo, em 23 de agosto de 1956, filha única do casal Délbio Marquezini e Lourdes N. Coelho Marquezini. Ele, de procedência italiana e ela, de procedência portuguesa. Sou uma freira viúva. Meu esposo, Elias Ribeiro Feitosa, seria o Diácono Permanente que iniciaria o seguimento masculino da nossa Congregação. Era cardiopata e foi para o céu aos 53 anos em virtude de seu terceiro infarto. Eu tinha 49 anos. Temos uma filha, Vanessa Marquezini Feitosa, fruto de um milagre de Deus, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, que se compadeceu da nossa aflição, pois havíamos contraído rubéola no início da gravidez e três médicos indicaram o aborto, alegando que a criança poderia nascer cega ou sem cérebro. Diante da imagem de Nossa Senhora, lá na Basílica de Aparecida, fizemos opção pela vida e fomos então agraciados. Nossa filha é perfeita!

Minha família conheceu Frei Luís há muito mais tempo. Todos eram parquianos da Igreja Santo Antonio do Pari, onde ele residiu por mais de 18 anos e, nesses anos em que passou por ali, descobriu uma atração pelo trabalho dos operários daquela região. A primeira casinha, no início do Movimento dos Operários, situada na rua Padre Tadeu, era em frente à casa dos tios da minha mãe, onde Frei Luís, inúmeras vezes, partilhou das refeições junto à família.

Conheci Frei Luís mais de perto no Encontro de Casais com Cristo, quando ele ministrava uma palestra sobre mística, em que relatou sua experiência no Kibutz, onde morou por um ano e todas as suas dificuldades dentro daquela comunidade judia que tudo tinha em comum, mas que ainda vivia sob as leis do Antigo Testamento, pois não acreditavam que o Cristo já estava entre nós. Eu e meu esposo nos apaixonamos por toda a história contada por ele e, a partir daí, passamos a segui-lo.

Recordo-me com muita alegria da nossa adesão ao movimento. Penso que a partir do momento em que Frei Luís me questionou - por causa da função que

eu exercia na empresa como responsável na área de recursos humanos, responsável por toda folha de pagamento dos trabalhadores registrados e autônomos - colocou-me em situação desconfortável por ter que participar da usurpação dos direitos trabalhistas que mensalmente refletia direto na folha de proventos. A luz do Evangelho que o Frei jogou em cima de toda essa situação resultou no meu acordo de interrupção de trabalho nessa função. Montamos uma minicantina italiana e passamos a cozinhar, servindo, por 5 anos, marmitex e almoço na casa.

O trecho que mais se configura com tudo que aprendi sobre “justiça social” com Frei Luís é o de Mateus 20,1-16: a parábola dos operários de última hora. Ali se mostra claramente que a leitura que Jesus faz sobre os desempregados vai na contramão de tudo que a sociedade pensa, ou seja, os homens parados na praça podem ser tudo, menos vagabundos. É urgente a desconstrução desse pensamento excludente dentro de um sistema injusto que usa cada vez mais os trabalhadores como massa de manobra até adoecerem e, por fim, jogam-nos para o exército de reserva, acabando às margens à espera de qualquer coisa. Jesus é atualíssimo!

Frei Luís era firme no falar, estava sempre pronto para pregar o Evangelho, nunca se negou quando recebia um convite para ir às igrejas, aos grupos grandes ou pequenos e até mesmo às casas. Longe ou perto, em outras cidades, a qualquer tempo e em qualquer lugar, estava sempre pronto e com alegria.

A espiritualidade que ele exalava por todos os poros penso que vinha da comunhão de oração que lhe era constante. Ele era um místico, mantinha seu laço com o Criador em conexão direta, através de qualquer ferramenta disponível a ser aplicada, conforme a realidade que se apresentava, desde a reza do terço até as mais altas leituras dos grandes doutores da Igreja. Frei Luís era, com certeza, um homem muito à frente do seu tempo.

O maior legado deixado por Frei Luís é a Economia de Comunhão (EdC) que permite uma nova forma das relações sociais para o Mundo do Trabalho. As empresas que aderem à EdC aceitam repartir o lucro em 3 partes: uma para o exército de reserva, preparando-o e dando-lhe suporte até que consiga a sua mobilidade social; a segunda parte, para a empresa; e a terceira parte, para formar a consciência de homens novos. Uma outra forma de EdC é quando se juntam 10 trabalhadores desempregados em torno de uma ideia comum a todos e, produzindo algo, conseguem uma autogestão, alcançando assim a sua mobilidade social. Essa forma é muito simples de administrar, porque consiste em retirar todas as despesas da receita bruta, sobrando o lucro líquido, que será partilhado igualmente a todos os participantes. A EdC restaura

a consciência social, promove as relações sociais com liberdade, empoderando os trabalhadores para que se reconheçam como classe única. Diante da questão social e da contradição Capital X Trabalho, tudo isso consiste numa atualização da visão de mundo para que o trabalhador tenha voz, vez e voto; senão, como dizia Frei Luís, será eternamente um “boi”.

Acerca de minha vocação, como disse anteriormente, eu e meu esposo já éramos “Aliança Consagrada”. Então, quando fiquei viúva, aos 49 anos, entrei em depressão e fiquei muito abalada, até conseguir elaborar esse luto. Recebi muito apoio do Frei Luís, das Irmãs e também da comunidade, dos casais do ECC, de minha família, enfim, de todos os amigos. Um dia, depois de seis meses, o Frei me disse: “Você ainda é muito jovem, se quiser pode se casar novamente!” Prontamente, eu lhe respondi: “Deus me livre, Frei! Para me casar de novo, só se fosse com Jesus!” Ele então, prontamente, afirmou: “Era tudo o que eu precisava ouvir. Então, você se casará com JESUS”. Rapidamente ele queria marcar a consagração, mas eu quis discernir um pouco mais e, em 11 de agosto de 2007, na festa de Santa Clara, eu me consagrei. Fiz a opção por usar o hábito e, com isso, evitei muitos dissabores e agora sinto como se já tivesse nascido assim. Minha família me deu total apoio, inclusive minha filha me disse uma frase que me marcou muito: “Mãe, eu já esperava isso mesmo de você!”.

A Igreja ainda é muito resistente com relação às viúvas se tornarem freiras. Encontrei alguns entraves, mas a primeira aprovação que recebi - acompanhada de uma “bênção” e um terço de Israel que guardo com muito carinho - foi de Dom Joaquim Justino Carreira (1950-2013), nosso bispo da Região Santana, que hoje já se encontra no céu, na glória do Senhor. Com certeza, um santo homem! Preparamos tudo para a festa de Santa Clara, mas o Frei ficou hospitalizado para sofrer uma intervenção cirúrgica no joelho, a fim de colocar uma prótese, o que provocou uma infecção tão severa que ele acabou sofrendo quinze outras intervenções no joelho posteriormente. Sofreu muitos anos na cama e sem se queixar da dor, dizia que tudo isso era em virtude do grande amor que Deus tinha por ele. Enfim, completou o seu calvário e, com certeza hoje, está engrossando as fileiras dos adoradores do Senhor em espírito e verdade.

Na verdade minha musa inspiradora é Santa Rita de Cássia, que ficou viúva com dois filhos e, após entregar a Deus também seus filhos, entrou para o convento e ali terminou seus dias, trabalhando incansavelmente pelo Reino, chegando até a ganhar um espinho da coroa de Cristo em sua fronte. Tenho também como precioso um texto que coloquei na celebração da minha consagração. Encontra-se em Oséias 2,19: “Eu me casarei contigo por toda



a eternidade; eu te tornarei minha esposa em verdade e justiça, com amor e compaixão”. Experimentei um Deus apaixonado, que supriu todas as falhas da minha alma, dando-me suporte em todas as áreas da minha vida; um Deus delicado e cuidadoso que soube esperar meu preparo e meu “sim” concreto. Dessa forma, professei meus votos diante de toda minha comunidade onde residia desde que nasci, pelas mãos de Frei Luís Maria Alves Sartori, na capela de Nossa Senhora Aparecida, no Alto do Pari, na festa de Santa Clara de Assis. É preciso ressaltar aqui que Frei Luís obteve alta do hospital no dia anterior, portanto uma grande graça alcancei de DEUS nesse dia.

Sou muito agradecida ao Frei Luís, pois me formou cuidadosamente na Doutrina Social e na Mística para que eu pudesse falar do Evangelho em qualquer lugar e em qualquer situação e sobre qualquer tema. Ele me acompanhou em várias palestras que ministrei, ficava ao fundo da sala em silêncio e assim fazia suas observações para, na volta, me corrigir. Sinto-me imensamente segura para falar em grandes ou pequenas assembleias, pois tive um grande mestre. É claro que fiz meu curso de Teologia e Filosofia na FAI Santana, que é da PUC, juntamente com meu esposo, que estava no diaconato permanente. Um tempo ímpar para nós esposas! Por pertencermos à primeira turma de diáconos da Arquidiocese de São Paulo, tivemos o privilégio de acompanhar os nossos esposos. Tudo isso começou a partir do momento em que o Espírito Santo suscitou no coração do Frei Luís o pedido a Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) para abrir a ala masculina da congregação com meu esposo. Dom Paulo, então, aconselhou que o Elias entrasse para o Diaconato Permanente e, ainda brincando com meu esposo, disse: “Elias, de você, eu quero só a capa” (citando o episódio do arrebatamento do profeta Elias). Foi para nós um encontro de grande alegria, em que percebíamos a mão de Deus em todas as ações realizadas.

Depois dos meus votos, apenas dei continuidade, com mais intensidade, a tudo que já fazia através da Pastoral do Mundo do Trabalho: reuniões com os movimentos de casais, catequese de adultos, formação para lideranças na comunidade do Canindé, e engajamento na luta por moradia e posse através do usucapião da Vila Santo Antônio do Canindé, promovendo bazares beneficentes para projetos sociais e ONGS, onde os expositores eram trabalhadores, na sua maioria, artesãos autônomos ou da informalidade.

O trabalho foi também exigindo de mim mais formação. Dessa maneira, tornei-me Mediadora de Conflitos diplomada pela PUC e também Assistente Social pela UNIFESP. Exerço, como voluntária, essas duas funções sempre que sou solicitada nas comunidades. Participo das pastorais Social, Familiar, Fé e Política, Mundo do Trabalho e Liturgia. Atuo no Conselho Paroquial de

Pastoral da Paróquia Santo Antônio do Pari, onde resido. Mais recentemente, comecei a participar da equipe de formação do Sínodo Arquidiocesano de São Paulo, na luta para dar um rosto novo à Igreja, mais configurado com o Evangelho dentro das nossas realidades atuais. Fui eleita Conselheira Participativa até 2024 pela subprefeitura Mooca (Brás/Pari/Canindé), onde acabo de lançar um projeto para ser implantado dentro do abrigo sigiloso de mulheres que sofrem violência doméstica, tendo como objetivo emancipar mulheres através de um trabalho que gere renda para que possam se livrar dos agressores. Nesse caso é uma padaria social através da EdC.

Enfim, minha trajetória de 37 anos só na Pastoral do Mundo do Trabalho é muito misturada à minha missão enquanto casada e, agora, enquanto freira viúva e consagrada. As atividades exercidas na companhia do Frei Luís, enquanto ele estava em plena saúde, juntamente com meu esposo, como eventos gigantes em estádios, missas, semana social, formação nos sindicatos, viagens pelo Brasil, retiros, encontros nas comunidades foram uma fase brilhante de muitas atividades.

Para melhor compreensão é preciso distinguir meu convívio com Frei Luís em dois momentos. O primeiro, quando sua saúde estava boa e, o segundo, após sua operação e também depois de minha viuvez. Em tudo isso eu louvo e agradeço profundamente a Deus, que me proporcionou as duas oportunidades de exercer minha vocação: a missão na família como mãe, esposa; e, agora, na grande família, que é a Igreja onde somos missionárias, sempre um pouco mãe de todos e esposa do Cristo.

Reverendo o meu passado, acho que meu maior desafio foi mesmo o de ser aceita como freira viúva. Até hoje as pessoas não entendem que podemos ser freiras solteiras ou viúvas e que só não é permitido quando ainda estamos casadas ou divorciadas. Talvez, seja apenas um ponto na doutrina que não foi bem esclarecido, mesmo com tantas freiras viúvas que temos na gigantesca história da Igreja. Amarguei muitas coisas que não esperava, mas amo minha história e sinto que era isso mesmo que Deus tinha reservado para mim. Aprendi muito com todas as dificuldades, sinto-me realizada plenamente e, se fosse no dia de hoje, faria tudo de novo, por muito amor a Deus.

Compreendendo minha ação junto aos operários, penso que Deus, generoso como sempre, foi o tempo todo providente conosco, porque hoje nós não temos mais a realidade do chão de fábrica, ou seja, não conseguimos mais entrar para falar aos trabalhadores, o que possibilitou nos reinventarmos, construindo novas formas de abordagem, com relações sociais mais humanas junto às famílias dos trabalhadores. Esse movimento nos possibilitou enxergarmos um leque de ajuda maior: não só com o operário dentro da fábrica,

mas também com sua esposa e filhos e toda a demanda que surge dentro do núcleo familiar.

O grupo teve que aprender novas formas de caminhar com o povo que trabalha e também com os que estão no exército de reserva. Mesmo os que não são católicos podem e devem ser acolhidos por nós. Ampliaram-se o olhar, o abraço, o pão partilhado, o acolhimento sem preconceitos. Isso nos permitiu uma escuta qualificada, para que possamos intensificar nossa intervenção no núcleo familiar, até porque hoje temos vários tipos de núcleos e Jesus atende a todos através de nós, não discriminando ninguém.

O carisma da Congregação manteve-se firme até agora, mesmo com o considerável esvaziamento da Congregação das Irmãs Missionárias de Cristo Operário. A atualização desse carisma se faz presente na história da humanidade. O trabalho é o eixo da história e nunca, em toda a nossa caminhada, esse assunto esteve tanto em pauta em virtude da atual conjuntura mundial. O Capitalismo não serve ao ser humano, é perverso, individualista, distancia as relações sociais, coloca em risco o ecossistema e faz do ser humano o predador de sua própria espécie.

Frei Luís sempre achava que deveríamos continuar tentando entrar nas empresas. Já bem doente, com a mobilidade muito reduzida, ele insistia conosco e lhe obedecíamos. Quando voltávamos, de coração vazio, ele nos alertava: “É só uma questão de boa conversa”.

Hoje, todo meu trabalho pastoral ofereço a Deus, pela intercessão de Frei Luís. Tudo que sei e faço devo a ele! Não existe um dia de meu trabalho pastoral que realizo só, pois estou sempre acompanhada por ele, através de seus ensinamentos, seus livros e suas falas. Sua presença está sempre muito forte em todas as minhas andanças.

Meu vínculo com minhas irmãs de congregação é muito especial. Faço questão de sempre dizer “sim”, quando sou solicitada, mesmo atarefada, procuro ajeitar os horários para poder servi-las. O carro que Deus me proporcionou, é para uso comum, por isso já é adesivado nas duas portas, com os dizeres: “PASTORAL DO MUNDO DO TRABALHO - MISSÃO CRISTO OPERÁRIO”.

Frei Luís me ensinou, como já mencionei, que “o trabalhador sempre tem que ter Voz, Vez e Voto para não virar um ‘boi’”. Então, existe um trecho, em seus escritos, que sempre uso quando se faz necessário. Talvez isso tenha se tornado um lema para mim, porque considero a fala mais forte do Frei e que me faz estar em comunhão com a sua vida de luta pela classe trabalhadora: “E aí podemos lembrar que, se as coisas têm todas um preço, não existe preço para um homem (ou mulher) a não ser o preço infinito do sangue de um Deus

que morreu na Cruz por ele”. Isso me faz refletir o quanto a força de trabalho do ser humano é desvalorizada, usurpada, escravizada e desrespeitada por esse sistema injusto que cada vez alarga mais o abismo entre ricos e pobres.

Nestes 100 anos de história do nosso fundador, preciso expressar minha gratidão a Deus, às missionárias e aos operários, todos e todas que, de alguma forma, tangeram essa história de tantas lutas. Todos que circundaram a história de Frei Luís, tanto os vivos como os que já estão no céu. Todos foram muito importantes para a construção dessa caminhada de fé em torno de um ideal. Sobrou de tudo isso um grande orgulho de que, apesar de agora sermos somente cinco “mocinhas”, temos milhões de missionários(as) leigos espalhando o “ideal” e pelo mundo afora vão pulverizando justiça social no mundo do trabalho.

Temos que divulgar o Evangelho e sua justiça social, através das redes sociais, de forma clara e rápida para que os jovens se envolvam em sua própria história de salvação. Todos os trabalhadores de qualquer seguimento deveriam ter acesso à formação de fé e política, o que é fundamental para formar pessoas novas para um mundo novo, onde reine a paz que procede da Justiça.

O Reino de Deus se dá por pequeninas ações, como um largo sorriso, um abraço apertado, um gesto de gentileza, uma solidariedade na hora certa. Tudo isso faz diferença na vida de alguém simplesmente por ter sido tratado com dignidade. Que o Senhor nos dê a coragem da aproximação, porque talvez possamos ser a última chance de salvação, naquela hora, para um irmão ou irmã encontrados por nós.

**Ilustração: Páscoa na Fábrica de biscoitos São Luiz**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

# *Deixar-se conhecer por Cristo*

*Ir. Maria Oliveira da Silva*

**E**u me chamo Maria Oliveira da Silva. Sou de Nova Olinda, Ceará, lugar onde nasci e vivi a minha juventude até os vinte e dois anos. Sou de uma família grande e simples de oito irmãos. Meu pai foi um lutador, no serviço da roça ou fazendo algum bico.

Cheguei a São Paulo para trabalhar, em 1974, quando conheci a Wilma. Comecei a participar da Comunidade em janeiro de 1995, entrei na Congregação e conheci Frei Luís.

Eu me recordo de várias coisas, dentre elas, a perseverança no ensino. Ele era muito profundo no que ensinava, além de inteligente e estudioso. Com ele, aprendi sobre a humanidade de Jesus, ensinando-me a penetrar e ver o Cristo no outro. Recordo-me também da sua devoção a Nossa Senhora e de sua frase marcante: “Sou todo teu”. Frei Luís tinha uma personalidade forte. Era enérgico, ensinava com precisão e muita profundidade. O seu legado é o Cristo Operário!

Em relação à minha vivência vocacional, um dia falei: “Senhor gostaria de te seguir mais de perto”. Mas não falei a maneira, o modo, pois eu não tinha ideia como seria. Aí aconteceu de me encontrar com a Ir. Wilma, indo para o mesmo lugar, numa missa de Corpus Christi. Ao final, ela me convidou para almoçar com ela na Comunidade. Fiz muitas perguntas, me interessei e comecei a participar, logo em seguida entrei para a Congregação fundada por Frei Luís. Os meus familiares sempre foram contra essa decisão, já que sabiam de um sonho meu de me casar e ter uma família. Isso chegou até a prejudicar minha saúde, causando-me depressão profunda.

A minha inspiração não foi um texto bíblico, mas uma frase que me veio: “o que eu precisar eu peço para a Mãe”, referindo-me a Nossa Senhora, uma vez que eu me sentia protegida por ela, onde quer que eu estivesse.

Meu processo formativo começou com o estudo da Doutrina do Cristo Operário, retiros, estudos da Doutrina Social da Igreja, e estudo individual. Frei Luís, sempre que podia, estava presente, sempre zeloso no ensinamento.

De minha trajetória, posso afirmar que aprendi primeiro a conhecer e a caminhar com Jesus Cristo, foi Ele e é sempre Ele que vai nos mostrando as setas do caminho, cabendo a cada um de nós querer seguir ou não.



**Ilustração: Missionárias de Cristo Operário - Da esquerda para a direita: Ir Wilma Manoel, Ir. Yolanda(falecida); Luiza, noviça, mas não está mais conosco. Ir. Izabel Damião Borges, agora superiora. Ir. Maria de Oliveira Silva. Ir. Rosa Fôlego (falecida). Ir. Laura de Jesus Manoel e Ir. Wilma Fernandes (falecida).**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Frei Luís e um trabalhador**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

# *Frei Luís Maria Alves Sartori, OFM: uma linda história de amor*

*José Eustáquio da Costa e Ana Maria Ramos da Costa*

**E**sta linda história de amor iniciou-se na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, patrimônio cultural da humanidade. Frei Luís teve uma vida dedicada à Evangelização, através do MUNDO DO TRABALHO, tendo como objetivo levar ao conhecimento do povo de Deus, a Boa Nova, pregada, vivida e deixada a nós, trabalhadores e construtores da riqueza de nossa nação, pelo seu Filho Jesus Cristo.

Frei Luís ficou conhecido, em todo o país, pelo seu trabalho na Pastoral Operária. Nós o conhecemos em 1968, mas, antes de relatarmos esta linda “História de amor”, vamos refletir sobre três textos da Sagrada Escritura, que consolidaram a sua missão no Mundo do Trabalho:

Is 49,1: *“Desde o seio materno o Senhor me chamou, desde o ventre de minha mãe, já sabia meu nome”*; Jr 1,5: *“Antes de formar-te no seio de tua mãe, eu já contava contigo”*; Gl 1,15: *“Deus, porém, tinha me posto à parte desde o ventre materno”*. E Um outro texto de Isaiás, cap. 43, diz em forma inculturada: *“Eu conheço teu nome, não precisas ter medo; nem a força das águas, nem o fogo que queima, nem ninguém te retenha, tens minha vida, eu te amo”!*

Frei Luís Maria Alves Sartori, nasceu em Ouro Preto, MG, no dia 23 de junho de 1924. Sua vocação a esta missão, teve seu início após ler e meditar um livro sobre a vida de São Francisco de Assis. “Nem conhecia os franciscanos”, afirmou ele. Uma vez, numa gruta em Ouro Preto, pegou pneumonia e bronquite. Durante o mês de convalescença, ao ler a vida de São Francisco de Assis, Deus lhe fez o chamado. Ingressou primeiro no Seminário Menor de Mariana (MG) e, mais tarde, decidiu ingressar na Ordem Franciscana, quando teve a orientação de Frei Tito Harding, em Curitiba, durante dois anos (1942-1943). Ele vestiu o hábito franciscano no dia 02 de fevereiro de 1942 e foi ordenado presbítero no dia 22 de dezembro de 1947.

Quando estava iniciando o seu ministério presbiteral, em Niterói, em 1950, fez o Curso de Doutrina Social da Igreja e realizou, com sucesso, a Primeira Semana Social. Acabou enviado pelo então Ministro Provincial, Frei

Ludovico Gomes de Castro, para São Paulo, a fim de realizar um trabalho pastoral e social no então bairro operário do Pari, que na época tinha 800 pequenas e médias empresas. Desde então, nunca mais deixou o Bairro do Pari.

O eixo da história passa pela empresa, porque a “*Comunidade de Base que mais base tem para ser Comunidade é a Comunidade do Trabalho, exatamente, porque o Trabalho é a expressão mais radical da pessoa humana*”. (Esta frase foi extraída do Livro: “Contestações do Evangelho ao Mundo do Trabalho”, livro que ganhei do próprio autor, o Frei Luís Maria Sartori, autografado por ele, em 26/04/1995).

Frei Luís nos ajudou a compreender que, no mundo em que vivemos, existem três grandes Sistemas Econômicos:

1 - CAPITALISMO: é um sistema econômico que visa ao lucro e à acumulação das riquezas e está baseado na propriedade privada dos meios de produção. Os meios de produção podem ser: máquinas, terras, ou instalações industriais, que têm a função de gerar renda por meio do trabalho. Os capitalistas são os donos dos meios de produção, eles empregam os trabalhadores e lhes pagam salários.

2 - COMUNISMO: A sociedade capitalista está dividida entre o proletariado (a classe trabalhadora), que constitui a maioria da população na sociedade e deve trabalhar para sobreviver; e a burguesia (a classe capitalista), uma pequena minoria que obtém lucro do emprego da classe trabalhadora por meio da propriedade privada dos meios de produção. De acordo com esta análise, a revolução colocaria a classe trabalhadora no poder e, por sua vez, estabeleceria a propriedade social dos meios de produção, que é o elemento primário na transformação da sociedade para o comunismo. Trata-se de um sistema baseado numa minoria administradora dos lucros gerados pelos trabalhadores e que causa a pobreza e o terror àqueles que se opõem ao sistema.

3 - COMUNITARISMO: Lembra-me um refrão com base no Livro dos Atos dos Apóstolos, cap. 2, 42 a 47: “*E todos repartiam o pão, e não havia necessitados entre eles*”. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum. Esse foi o ideal que Frei Luís sempre alimentou na Evangelização do Mundo do Trabalho. No livro: “Contestações do Evangelho ao Mundo do Trabalho” escrito em 1994, na página 148 detalha o que é o COMUNITARISMO. Esta palavra “Comunitarismo”, vem da raiz: “COMUNIDADE”, derivada do latim “co-munus”, ou seja “co - responsabilidade”.

Somente em um regime de COMUNIDADE é que todos seus componentes sentir-se-ão pessoas humanas, pois aí todos terão voz, vez e voto. Cada pessoa, com sua personalidade própria, com sua identidade caracterizada por qualidades pessoais, colabora com sua palavra construtiva, com sua ação positiva, tendo no diálogo, ou na partilha, o momento forte da vida comunitária.

E para aprimorar essa vivência comunitária, Frei Luís foi viver uns tempos

nos Kibutz em Israel, onde tudo era comum. Aqui no Brasil, quando começamos a participar do Movimento do Cristo Operário, também experimentamos a Vida Comunitária na cidade de Mogi das Cruzes.

Quando conheci Frei Luís com seu movimento, eu participava da Pastoral Operária, ligada ao sindicato, mas que trabalhava em sintonia com o Evangelho. Com o tempo e o conhecimento do Movimento Cristo Operário, passamos a integrá-lo e participamos de um trabalho feito na Indústria Siderúrgica Nami Jafet.

O que a Pastoral do Mundo do Trabalho pretendia, que ainda hoje permanece atual, é animar os trabalhadores cristãos a se engajarem na transformação da sociedade, à luz do Evangelho.

Muitos são os livros que Frei Luís escreveu a respeito desse Movimento, procurando integrar os valores do Evangelho à vida das Famílias Operárias. Eu tenho várias obras escritas por ele, mas cito uma que me foi de grande valia, pois quando, em 2012, passei um mês em Jerusalém junto com minha esposa, a lembrança do nosso querido Frei Luís estava sempre presente em nossa caminhada: o livro “Vivendo Cristo em Israel”, que é um Guia bíblico, litúrgico e arqueológico da Terra Santa. Quando passei no Kibutz em Israel, me veio uma profunda lembrança do nosso querido Frei Luís.

Esta linda história de amor teve uma duração de 88 anos, 2 meses e 4 dias, pois, após concluir sua Missão junto aos seus, foi chamado à casa do Pai em 27 de agosto de 2012. Ainda hoje, as Irmãs do Cristo Operário reúnem-se em oração e ação pela Vida Religiosa e pela Pastoral do Mundo do Trabalho, inspirada pelo saudoso Frei Luís Maria Sartori. Que Deus o tenha em sua nova morada.

E para nós, ficam as mensagens e a inspiração desse querido missionário de Jesus Cristo, que cumpriu a sua vocação contida neste lindo canto: *“VAI, VAI, MISSIONÁRIO DO SENHOR, VAI TRABALHAR NA MESSE COM ARDOR! CRISTO TAMBÉM CHEGOU PARA ANUNCIAR, NÃO TENHAS MEDO DE EVANGELIZAR!”*

**Ilustração: Celebração na Fábrica de sorvetes Kibon**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## *Um casal que acolheu o serviço do Reino pela voz de Frei Luís*

*Antônio Aristério Mário Lima*

*Izabel Conceição Ribeiro Lima*

**E**u, Mário, de origem nordestina, cheguei a Mogi das Cruzes no ano de 1977. Ao chegar nessa cidade, conheci Izabel, que aqui morava com seus pais Francisco e Luísa. Izabel e eu nos casamos e meu sogro, Sr. Francisco, convidou-me para participar de um Retiro na Comunidade de Cristo Operário. Foi nesse retiro espiritual que tomei conhecimento do projeto de Frei Luís.

Iniciamos uma longa caminhada. Declaro que aprendi muito sobre o que é ser cristão. Frei Luís tinha como objetivo formar uma Comunidade Familiar, em que todos teriam direitos e deveres, em que se vive a verdadeira fraternidade. Tentamos, no início, viver esse projeto, mas, infelizmente, não tivemos sucesso a princípio. Fizemos várias experiências com a orientação de Frei Luís e das Missionárias. Juntamos então grupos de casais que passavam o final de semana conosco, unidos em oração. Outras vezes, íamos em período de férias e ficávamos mais dias.

O nosso grupo era formado pelos casais: Raimundo e Marina; João e Maria; Junior e Lurdes; Ângela e Luiz; Geraldo e Luciana; Izabel e eu e mais alguns operários. Achávamos que daria certo o projeto. O casal Raimundo e Marina se mudaram conosco e nossos filhos para a Casa de Retiro para darmos início ao grande projeto. Fomos bem no início, tínhamos amizade, respeito e muita espiritualidade. Ficamos por seis meses, mas decidimos voltar atrás, sem, contudo, deixar de pensar no sonho de fazer valer esse projeto.

Retomamos após alguns anos. Convidamos mais um casal, Ângela e Luiz, totalizando comigo e Izabel, e Raimundo e Marina, contando com nossos filhos, seis adultos e sete crianças. Desta vez foi mais difícil e durou muito menos. Não foi possível. Apesar de termos tido uma boa convivência entre nós, surgiram alguns conflitos e faltou o mais importante: a coragem e humildade para prosseguir.

Devo dizer que foram momentos de grande espiritualidade, com oração, palestras e reflexão. Somos gratos a Deus e a todas as pessoas que conviveram



conosco no Movimento. Frei Luís foi o nosso mestre, e com as Missionárias aprendemos o que é ser casal cristão em família. Não foi possível realizar o grande sonho, mas levamos a sério o que aprendemos e educamos nossos três filhos, que hoje já têm suas famílias e têm como base nosso exemplo.

Agradecemos a Deus por me ter permitido viver fatos tão edificantes do passado, dos quais hoje podemos dar testemunho de vivência cristã.

**Ilustração: Páscoa na Fábrica da Ford**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

# *Um homem da caridade*

*Maria Terezinha Caldeira de Jesus*

**M**eu nome é Maria Terezinha, mas no grupo me chamavam de Terezinha do Antônio. Sou mineira da cidade de Jenipapo de Minas. Vim trabalhar em São Paulo aos 14 anos. Fiquei órfã de pai e era a filha mais velha, precisava ajudar a minha mãe e irmãos e, por isso, tive de vir tão nova. Deixei minha família e vim trabalhar em casa de família. Gosto de ser chamada de Terezinha mesmo.

Minha família é o bem mais precioso que tenho na vida. Aqui em São Paulo reencontrei meu futuro esposo que era da mesma cidade em que nasci. Namoramos, casamos e tivemos quatro filhos. Hoje sou viúva e tenho 4 netos. Sempre trabalhei em casa de família, desde minha chegada à capital.

Quando conheci Frei Luís foi um ano difícil financeiramente na família e foi bem na troca de governo Collor de Melo. Meu esposo ficou desempregado nessa época, mas fui muito abençoada ao conhecer o Frei. Ele me ajudou muito na caminhada de fé. Naquele período tínhamos uma situação econômica complexa, a inflação era bem complicada e havia muita instabilidade.

Conheci o Frei Luís através de uma jovem amiga. Minha vizinha Márcia, convidou-me e também à minha comadre Salete para participarmos de uma reunião, em sua casa, com as Irmãs de Cristo Operário. A partir daí começamos a caminhada junto ao Frei, com diversos retiros, celebrações, missas, encontros em casas para meditarmos a Palavra de Deus.

Vários textos bíblicos me recordam Frei Luís, mas o que mais me faz lembrá-lo é “A messe é grande, mas os operários são poucos” (Lc 10,1-9). Ele tinha personalidade forte, porém, a sua sabedoria e a sua fé nos fortalecia para entendermos que o carisma dele nos unia ainda mais na caminhada de fé. Com relação à espiritualidade que transmitia, eu sentia uma fé fervorosa vivida com trabalhos missionários, orações e caridade. Não era uma fé só de palavras. Para mim e para nossa comunidade, o grande legado foi de conversão, oração, perseverança e caridade. Frei Luís comentava sobre sua atuação nas fábricas, mas não tive esse acompanhamento.

Para minha vida de fé, senti que ali se dava uma relação de Deus logo nos primeiros encontros. Tive a certeza de que havíamos encontrado o caminho

certo na nossa caminhada cristã e Frei Luís partilhava conosco a sua sabedoria e transparência de fé verdadeira. Ele foi um incansável lutador pelos operários e hoje acredito que estaria lutando por mais justiça. Ele lutava para o bem melhor dos trabalhadores e, como a Pastoral Operária tinha uma situação precária, ele vivia tentando buscar ajuda e apoio.

Só tenho a agradecer a Deus por ter conhecido Frei Luís, poder ter partilhado nossos encontros com nossos familiares, amigos, e às Irmãs, que tanto me ensinaram a viver como cristã, seguindo a Jesus, que é o “Caminho, a Verdade e a Vida”.

Aos leigos e leigas de hoje, que estão atuando nas comunidades, sugiro que vivam a caridade como cristãos verdadeiros, seguindo um pouco desse grande exemplo que foi o Frei Luís Maria Sartori.

**Ilustração: 50 anos de Ordenação Sacerdotal - Ouro Preto - MG**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## *Um operário forjado na luta junto com Frei Luís*

*Vitor Vieira de Souza*

**P**articipei da Pastoral do Mundo do Trabalho com Frei Luís por mais de 30 anos. As maiores graças que recebi, ministradas por ele e pelas Irmãs foram: os sacramentos; o conhecimento sobre a estrutura e hierarquia da Igreja; o conhecimento e importância sobre a Doutrina Social da Igreja; os movimentos sociais voltados para o bem comum; a política (e não politicagem); e o gosto pela leitura da Bíblia. Sobre esse último ponto explico: num dos inumeráveis retiros pregados por Frei Luís, na missa de encerramento, na hora da Consagração, ele fez uma pausa e lançou um desafio propondo a leitura da Bíblia. Fiz o propósito e alcancei a graça (fora as leituras ordinárias e costumeiras), li as Sagradas Escrituras de Gênesis ao Apocalipse oito vezes. Segundo a nossa fé, Frei Luís continua intercedendo por nós junto do Pai. Toda gratidão ao meu pai e meu mestre na fé, glória a Deus!

Sou Vitor Vieira de Souza, nasci em Soledade de Minas Gerais. Sou até hoje de origem católica por graças de Deus. Trabalhei na roça até os 18 anos e, não vendo perspectiva de futuro, vim morar em Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. Empreguei-me numa Empresa de médio porte, a Elgin Máquinas de Costura. Trabalhei ali por 30 anos. Como fiz vários cursos no Senai, progredi bastante na empresa, entrei peão e saí no cargo de chefia. A minha saída se deu porque deixei a empresa e fui ser líder sindical, como presidente. Tive alguns desencontros com a diretoria da empresa e, quando voltei, fui demitido.

Casei-me em Minas. Como dois caboclinhos, sem nenhuma experiência de vida, tivemos 4 filhos. Hoje sou viúvo e perdi uma filha para a Covid 19. Naquele período da pandemia ainda não tínhamos a vacina, se a tivéssemos, possivelmente, ela estaria viva.

Como já disse antes, não aguentava mais ser peão no chão da fábrica, por isso decidi me matricular no SENAI, onde me formei em vários cursos profissionalizantes, o que mudou a minha vida para melhor.

Conheci Frei Luís no ano de 1968. Convidado pelo padre de minha paróquia, Frei Luís fez uma palestra sobre a questão do mundo do trabalho e daí

criou-se um grupo, que se reunia uma vez por semana, no qual eu e mais alguns companheiros permanecemos até hoje.

Na empresa, éramos mais subalternos e alienados do que hoje. Lá batiam diferentes os corações: o do patrão, que pedia mais trabalho e menos salário; e o do operário que, noutra frequência, pedia mais salário e menos trabalho. Vivíamos tempos de trabalho escravo ou sem nenhuma proteção individual.

São muitas as coisas que me fazem recordar Frei Luís: seu alto grau de santidade; sua enorme coerência com sua vocação; seu voto de pobreza absoluta. Corria o Brasil, se necessário, o mundo, para evangelizar. Foi admirável o fato de ter permanecido por seis meses no Kibutz, na Palestina. E o fez para conhecer mais sobre a vida em comum. Ele tinha uma personalidade forte, era enérgico e perseverante, e também introspectivo no que fazia.

Para mim, o texto bíblico que sintetiza sua vida: Mt 6,26: “Olhai as aves do céu...”; Prov 22,7: “O rico domina os pobres...”; Mt 20, 26-27: “Não seja assim entre vós...”; Jo, 3,16: “De tal modo Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho único...”; Mt 14,16: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

O trabalho iniciado por Frei Luís é um dos movimentos que “cutuca” o clero para ver se ele “acorda”. O trabalho é um dos meios mais eficazes de identificação do ser humano, pois ele se revela naquilo que faz. Bem como a política. Segundo a Doutrina Social da Igreja “a política é um dos meios mais eficazes de praticar a caridade” (falando em política do bem comum).

Sua espiritualidade era impressionante: ele chamava muito a atenção da gente. Quando estávamos em retiro, às três da manhã, íamos ao banheiro e escutávamos o tec-tec da máquina de escrever. Era Frei Luís trabalhando nos seus escritos. Cuidadoso e zeloso com a missão da Igreja, simplicidade e desapego por bens materiais eram também suas marcas. Tinha grande capacidade de persuasão e uma espécie de ímã, que atraía as pessoas para ele.

Se ainda estivesse vivo, Frei Luís estaria incentivando muita cibernética, devido à rapidez das mudanças sociais e no mundo do trabalho. Estaria lutando em favor da causa dos trabalhadores (antes, agora e depois) porque a precarização do trabalho é sinônimo de não mais produzir, e sim atingir metas, é roubar os direitos conquistados pela classe - um absurdo pecaminoso.

Se a Igreja descobre na Bíblia que os pobres são os prediletos de Deus, que ela os assuma! É só levar em conta, entre outras, a parábola em Mt 20,1-16 com seus muitos significados.

Havia dificuldades na evangelização porque nem todas as empresas aceitavam Frei Luís, que recebia mais a palavra “não” do que o “sim”. Todavia, isso não o abatia.

O eixo é levar em conta a fé e a vida. A Palavra de Deus nos diz que não



devemos fazer uma coisa e deixar a outra. Ela nos pede pé no chão, vida em comunhão e Deus no coração.

A conversão das pessoas era um pouco demorada, mas acontecia; e depois vinha a convivência fraternal, dentro e fora, que se verificava no grupo. Nos encontros, ninguém chegava de mãos vazias, a transformação era evidente. Aprendemos que o grupo que mais “classe” tem pra ser classe é a classe operária; e que se quisermos fazer mudanças sociais tem que ser em comunidade e, infelizmente, fora da Igreja, porque muitos padres não “topam essa parada”.

Depois da Páscoa dos judeus, a nossa Páscoa, a de Jesus, Deus vai se revelando na história e os oprimidos vão descobrindo como enfrentar o capitalismo, o neoliberalismo e outros sistemas que não pensam no ser, mas somente no ter. Contudo, existem muitos movimentos de resistência, é preciso encontrar a direção certa para atingir o alvo.

Aos leigos e leigas de nossas comunidades sugiro o que faço todos os dias: agradeço a Deus por ter-me posto na convivência com Frei Luís, que me orientou em todos os aspectos. E, para nós operários, que o legado de Frei Luís seja um Evangelho. Amém!

A vocação é para todos nós: a missão de fazer um mundo mais socialmente igualitário e cristão, sonho de Deus e nosso.

**Ilustração: Capela da Casa de Retiro Valflor em Embu-Guaçu**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



**Ilustração: Retiro em Valflor**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Momento de formação**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

**Ilustração: Retiro espiritual**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



## *A atualidade de Frei Luís*

*Joaquim Rodrigues Machado*

**M**eu nome é Joaquim Rodrigues Machado, tenho 83 anos e nasci na cidade de Brasópolis - MG. É uma cidade pacata e simples, sem muitas empresas, e nós vivíamos e trabalhávamos na roça. Lembro desse tempo com muita saudade e, se fosse possível, voltaria a ele, pois são boas recordações. Sou casado há 57 anos e temos um filho e uma filha, além de 4 netos, sendo somente uma moça entre eles. Somos uma família humilde, porém felizes.

Eu estudei até o quarto ano do primário. Trabalhei na fábrica Elgin Máquinas por 23 anos e, quando saí, para que pudesse obter uma oportunidade melhor, retomei os estudos e, então, fiz até o sétimo ano. Foi nesse período que comecei também a trabalhar na Fábrica Aços de Anhanguera, primeiro como ajudante e, depois, como operador de empilhadeira. Sou aposentado já há alguns anos.

Quando conheci Frei Luís, eu já tinha algum tempo de caminhada na Igreja. Foi através de um amigo que já conhecia as suas obras e, então, ele me fez um convite para participar dos encontros do Movimento Cristo Operário.

Naquele tempo, os operários trabalhavam para sobreviver. De modo geral, não mudou muita coisa em comparação a nossa atualidade. A evolução que vejo foi no sentido de colocarem muitas máquinas modernas nas fábricas hoje em dia, inclusive, tirando o emprego de muitos trabalhadores. O salário variava de acordo com o cargo que ocupavam.

Acerca de Frei Luís, são muitas as memórias. Mas uma coisa que me marcou bastante, além de seus ensinamentos, foram as peças de teatro que ele escrevia e das quais nós participávamos. Participar dessas peças me ajudou muito em meu crescimento, tanto em ensinamentos quanto no falar, no perder a timidez e, assim, abriu-me para realizar melhor as obras.

Para mim, a vida de Frei Luís pode ser sintetizada pelo conjunto de textos do livro de Êxodo, que narram a libertação do povo Hebreu do Egito para a Terra Prometida. Ele foi um homem de personalidade forte, muito inteligente em todos os sentidos e sempre extraindo o melhor de cada operário. Penso nele como um profeta dos tempos modernos. A espiritualidade de Frei Luís era lutar pela libertação

da classe operária e, assim, fazer acontecer a justiça de Deus em nossa sociedade. Deixou-nos o legado de um frade moderno, que estava muito à frente de seu tempo, e que já pensava e questionava muitas coisas que hoje estão acontecendo.

Geralmente os patrões ficavam sempre muito “de olho” em como essas ideias estavam influenciando seus operários, por isso era difícil para muitos deles acolher essas reflexões. Não tínhamos muita liberdade para realizar esse trabalho dentro das empresas, mas, ainda assim, muitas coisas foram feitas, como por exemplo, missas no ambiente de trabalho, encontros com os patrões, cursos de relações humanas entre outros. Não havia muita reação quanto a essa questão, mesmo as pessoas de outras religiões, quando se sentiam à vontade, participavam de nossas ações.

Eu acredito que todo trabalho que nós tivemos oportunidade de desenvolver dentro de uma empresa foi a ação de Deus nos envolvendo naquele momento, principalmente, nas ocasiões em que o Frei Luís estava presente conosco nas fábricas.

Toda vivência tem seus desafios e os meus foram mais familiares, já que alguns não aceitavam as nossas obras. Devido a isso, perdi muito tempo de meu apostolado, mas, pela fé em Deus, força de vontade e perseverança, consegui me libertar dessa situação. Também considero um grande desafio ter participado dos teatros escritos por Frei Luís, fazendo os papéis principais na frente de centenas de pessoas e tendo como responsabilidade transmitir a mensagem de suas peças.

Creio que Deus é o caminho para a libertação do povo operário. Voltando ao passado, podemos citar como um belo exemplo a atuação dos sindicatos, que naquela época tinham uma forte participação nesse processo de libertação, atuando como instrumentos de Deus nesse sentido. Também estávamos sempre participando de encontros de oração para buscar forças no Senhor para continuar a nossa luta.

O objetivo da pastoral é e sempre foi a libertação da classe operária. Nesse sentido, tem tido uma atuação muito importante ao longo desses anos para o mundo do trabalho, atuando na luta pela justiça, pelos direitos e pela dignidade do trabalhador.

Frei Luís sempre foi um profeta do futuro, creio que, se vivo, ele estaria envolvido com as questões e problemas atuais do mundo do trabalho. A sua mensagem sempre foi atual e creio que podemos aplicá-la nos problemas presentes do mundo operário, utilizando livros, reflexões e ensinamentos deixados por ele. Assim também a Pastoral é de grande importância nessa luta pelos direitos dos trabalhadores, que estão se perdendo cada vez mais. Conforme disse o Papa Francisco, a Igreja deve ir à luta e buscar águas mais profundas na transformação de nossa sociedade.

Falar e recordar das obras de Frei Luís é encher os olhos de lágrimas. Ele era o santo do futuro. Nós estamos sempre lembrando de sua importância para os nossos grupos. O nome de Frei Luís nunca deixa de ser citado pela Pastoral. Queremos continuar seu legado, tendo em mente suas reflexões, seus ensinamentos e sua luta pela libertação do povo operário.

O trabalho de Frei Luís, a atuação dos sindicatos, os encontros de bases, e toda a luta pelos trabalhadores surtiram efeitos muito positivos no mundo do trabalho, ao levar essas reflexões para os operários e incluir essas pessoas na luta por seus direitos. Infelizmente, devido à pandemia, a falta desses encontros tornou um pouco mais difícil nossa luta, porém, com a graça de Deus, estamos retomando agora o nosso trabalho.

Entrei no Movimento um pouco por último. Nas conversas que tive com meus companheiros na fábrica, fiquei sabendo do trabalho realizado pelo Frei Luís e pelas Irmãs e comecei a participar dos encontros. Fui tomando gosto pelos trabalhos que a Pastoral realizava, me aprofundando e me apaixonando por tudo que acontecia ali, pelos ensinamentos pregados por Frei Luís, pelas Irmãs e pela Comunidade, fazendo-me entender melhor como colocar em prática os ensinamentos do Evangelho do Senhor. Isso conduziu-me a participar mais assiduamente de encontros, tais como Retiros de Oração, de Vida Cristã, Evangelização, Estudos Bíblicos Semanais, Fé e Política, Círculos Bíblicos e outros. Por tudo isso e muito mais, agradeço de coração ao saudoso Frei Luís e às Irmãs Missionárias de Cristo Operário, por me terem feito mais cristão. A eles, meu agradecimento e minha gratidão.

Ter entrado nesse movimento e conhecer o trabalho e as obras de Frei Luís, fez-me ter gosto em participar da luta operária, assim como me fez entender a importância dessa luta. Por toda dedicação e perseverança que tive ao longo desses anos na Pastoral, creio que está em nossas mãos fazer esse trabalho continuar. Meu objetivo hoje é estar de acordo e prosseguir o projeto do Frei.

Ao recordar o centenário de nascimento de nosso profeta, primeiramente gostaria de agradecer a Deus por tudo que Frei Luís me proporcionou, através de seus ensinamentos dentro da Pastoral do Mundo do Trabalho. Também quero agradecer ao Pai por me ajudar a ser fiel a esse trabalho e às obras que Frei Luís nos deixou, assim como pedir a Ele que continue abençoando nossa luta. Aos operários, quero dizer que continuem cobrando e lutando por seus direitos e que, no mundo do trabalho, nunca deixem de lutar por seus ideais e pela união da classe trabalhadora.

Que todos os cristãos saiam do comodismo e que lutem por uma Igreja em saída, ou seja, que vai em busca daqueles que mais necessitam de ajuda. Que não se acomodem dentro de seus templos, mas lutem por justiça social e



trabalhem em prol, principalmente, das 33 milhões de pessoas que hoje passam fome em nosso país.

“Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo! Para sempre seja louvado!”

**Ilustração: Cenas da Peça “Deem liberdade ao meu povo”**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## *Nos riscos da luta, a certeza da fé*

*Maria Eloá Dias Sayão*

**N**asci em Campinas - SP, em 31 de março de 1945. Filha de José de Gois Manso Sayão e Eloá Dias Saião. Ele foi combatente da Revolução de 1932. Tiveram seis filhos. Primeiro, três mulheres, e, depois, três homens. Eu sou a primeira das mulheres e a mais velha. Éramos de família de classe média e de nobreza de origem por parte de meu pai.

Desde criança, gostava muito de ir à igreja, participava de encontros religiosos. Fui Filha de Maria desde jovem, participei do coral e do Apostolado da Oração. Um dia, eu disse a uma amiga que queria ser freira, mas que era difícil para mim porque tinha que levar dotes e eu não tinha condições. Então, ela me levou para essa Congregação das Missionárias de Cristo Operário, que antes era Instituto Missionário. Um diferencial era que esse grupo não exigia dotes.

Conheci Frei Luís quando uma amiga me levou à casa das Irmãs. Fiquei encantada quando conversei com ele e fui convidada a entrar para o Instituto Missionário. Éramos três postulantes na época. O chamado de Deus Pai, através de São Francisco, ao Frei Luís foi uma luz e permitiu muitas realizações em prol dos operários que vivem com pouco salário e padecem inúmeras injustiças.

A realidade dos operários naquele período em que comecei a minha missão era de dificuldades para sobreviver. Eles não recebiam seus salários porque a fábrica em que trabalhavam, Cimento Perus, de propriedade de José João Abdalla, havia ido à falência. Os funcionários começaram a passar fome e entraram em greve. Eu sempre ia com outra irmã que trabalhava com aqueles operários.

Um dia eu estava deitada e não conseguia dormir pensando na fome daquelas famílias. Lembrei-me que no Ceasa, de manhã, soava um apito e muitos donos das barracas viravam-nas e os pobres e indigentes corriam para pegar verduras, frutas e outras coisas. Pensei que talvez eu pudesse levar uma cesta de verduras para os operários. Falei com uma das irmãs e ela achou louvável e foi comigo. Começamos a pegar tudo que podíamos. Ligamos depois para a Casa das Irmãs e uma delas levou a Kombi. Fizemos a divisão e ela me levou até a Estação da Luz e fui até Perus. Quando cheguei, fiquei apavorada, mas, como

sou serva do Senhor, enfrentei os guardas. Eu disse que estava levando alimentos para minha família que estava passando necessidade. Um deles me levou até o padre que disse: “Deixe a moça, ela quer ajudar a família dela!” E o guarda me pegou com toda força pelos braços. Deixei o meu carrinho perto do padre e me enfiaram num camburão de polícia e me levaram para o delegado Miguel Reale Júnior. No caminho foram me torturando com palavras e ameaças, dizendo: “Estes padres da Igreja ficam usando estas moças bonitas!”. E perguntaram se eu tinha namorado. Ao responder não, caçoaram, dizendo: “você não sabe o que está perdendo!”, e falaram muitas besteiras.

Quando cheguei à Delegacia, o delegado me fez as perguntas e eu falei a verdade: “Sou missionária de Cristo Operário!” Contei tudo o que havia acontecido. Ele ligou para meus pais para virem me buscar, mas eu disse que os responsáveis por mim eram Frei Luís e as Irmãs. Ele pediu o telefone das Irmãs e disse a elas onde eu estava. Quando elas chegaram, ele ameaçou-me: “Desta vez está liberada, mas da próxima não me responsabilizo”.

Voltei completamente transtornada, com pavor de tudo. Levaram-me à Santa Casa, onde fiz tratamento contra o pânico. Continuei fazendo tratamento psiquiátrico. Um dia, meu tio, que é médico, foi ao Instituto e mandou colocar os meus pertences no carro e disse que iria cuidar da minha saúde, mas estava me levando para a casa de meus pais. Nesse dia saí do Instituto.

Muitos anos depois, em 1985, no mês de outubro, fui convidada por D. Luís Flávio para trabalhar na Bahia e, em janeiro de 1986, comecei com uma clínica na Bahia. No início comecei ajudando uma Irmã de nome Izabel, numa comunidade pertencente a Gentil do Ouro, como missionária leiga. Com a ajuda de entidades como a Misereor, Cruz de Malta, *Dents Play* e outras, consegui ajuda e patrocínio para a minha nova missão. Através do Terraço Itália, onde antes tinha o meu Consultório, fiz 19 Chás Beneficentes e consegui do prefeito de Ibipetum - BA, com o tempo, construir um Centro Comunitário “Água Viva” – com o lema “Para que todos tenham vida”, onde, com muita ajuda, tivemos máquina de costura, máquina de escrever, computador, e, em 1989, peguei todo o meu equipamento odontológico de São Paulo e levei para a Bahia, instalando-me numa Comunidade de Ibipetum, ainda em construção. Lá fiquei como missionária leiga e exercendo minha profissão de odontóloga.

Até que um dia, Dom Flávio me pediu para fazer companhia a uma freira que morava com ele, no Palácio Episcopal, porque ele iria fazer uma greve de fome contra a transposição do Rio São Francisco em Cabrobó, Pernambuco, e não sabia quando voltaria. Vim para a cidade de Barra e montei meu consultório, morando no Palácio Episcopal. Um dia, um enfermeiro me visitou e perguntou se não poderia abrir uma clínica para médicos especialistas, porque muitas

peçoas, atendidas pelos médicos dos Postos de Saúde, apresentavam necessidades específicas e na Barra não tinha esses médicos. Eu disse sim, fui à Secretaria de Saúde pedir autorização e consegui abrir a primeira Clínica de Especialistas no local. Consegui médicos em 13 especialidades que vinham e vêm de vários lugares como Brasília, Minas Gerais e Feira de Santana. O nome da clínica é Clínica Integrada Saúde Plena – “Para que todos tenham vida”. Funciona até hoje, juntamente com outras cinco.

Esta é a minha história até 2018, ano em que vim para São Paulo para fazer uma cirurgia para colocar uma prótese no joelho esquerdo, fato que consegui agora no dia 13 de dezembro de 2022, e até o mês de julho deste ano tenho que ficar em São Paulo.

Encerro com o meu lema: “Amar e Servir”.

**Ilustração: Celebração na Fábrica da Ford**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



## *Um missionário que deixou marcas para minha vida sacerdotal*

*Pe. Antônio de Pádua Santos*

**M**eu nome é Antônio de Pádua Santos, sou sacerdote incardinado na Arquidiocese de São Paulo. Sou paulistano, nascido na Zona Norte da cidade, mesma região em que Frei Luís escolheu para morar para ficar mais perto dos operários, fazendo mais efetiva sua atuação e dando um testemunho de solidariedade com a classe operária. Tenho 66 anos. Na minha infância, a região tinha mais características de periferia, hoje nem tanto. Fui ordenado em 25 de novembro de 2017, portanto, após a morte do Frei Luís Alves Sartori.

Sou filho de pais católicos, praticantes. Meu pai trabalhou na então Companhia Municipal de Transportes Coletivos, a responsável pelo transporte de passageiros na cidade de São Paulo. Minha mãe foi costureira e muito colaborou com seu trabalho para o sustento e a formação dos filhos. Foi através deles que tive, pela primeira vez, ainda na adolescência, contato com Frei Luís e as Missionárias de Cristo Operário.

Aos quinze anos comecei a trabalhar como arquivista. Estudava à noite em um colégio estadual próximo de casa. Passei pelo serviço militar estudando. Após o serviço militar, estreitei minha relação com a Igreja, passando a frequentar o grupo de jovens, e me engajei em algumas pastorais da comunidade. Não tive formação técnica na etapa do curso secundário. Com a participação na Igreja, meu interesse pela espiritualidade foi crescendo e, quando tive oportunidade, mesmo trabalhando, cursei Filosofia e Teologia.

Embora tivesse conhecido Frei Luís na adolescência, não houve engajamento de minha parte no movimento que ele iniciara. Minha aproximação efetiva com ele e as Missionárias de Cristo Operário foi durante o arcebispado de Dom Paulo Evaristo Arns. Numa visão global do mundo do trabalho, ele convocou Frei Luís para ser o coordenador da Pastoral do Mundo do Trabalho, quando se sentariam, na mesma mesa, patrões e empregados para, através do diálogo, inspirados pela Doutrina Social da Igreja, buscarem juntos formas de superar suas diferenças.



Era o final da década de 1980 e início da década de 1990, época da consolidação do regime democrático, após vinte e um anos de Regime Militar. A classe trabalhadora estava se reorganizando. Na minha área de atuação, os sindicatos não eram muito atuantes. Nesta época, era servidor público, mas lembro-me bem das lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho e acesso a sindicatos livres.

Frei Luís era muito entusiasmado pela evangelização da classe trabalhadora. Como religioso franciscano, sacerdote, inspirado pela Doutrina Social da Igreja, não via com bons olhos a luta de classes. Tanto no empresariado quanto entre os operários havia bons cristãos e bons cidadãos. O novo encargo conferido pelo cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, ao Frei Luís de Coordenador da Pastoral do Mundo do Trabalho, deu novo alento à sua atividade pastoral. Um texto bíblico que marca a vida de Frei Luís é “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10b). Ele era uma pessoa culta, inteligente, dedicada à Igreja e à causa dos trabalhadores. Tinha uma personalidade forte e era determinado. Tinha um grande senso de humor, não perdia uma piada e gostava de brincadeiras, sempre respeitando o ambiente em que atuava e sua condição de pastor. Gostava das pessoas e procurava evangelizar aqueles que dele se aproximavam.

Nossas reuniões eram sempre marcadas pela oração e pela eucaristia. Sua vocação franciscana determinava sua espiritualidade: simplicidade e profundidade nas relações com as funções sagradas. Os momentos marcantes para caracterização da espiritualidade do Frei Luís foram durante a sua enfermidade. O seu esforço para celebrar a santa missa era notável e o seu testemunho de perseverança na oração era inspirador.

O legado mais importante por ele deixado foi o testemunho da sua opção. Saiu do seu convento e foi morar na Vila Guilherme, na época um bairro operário de famílias humildes, com problemas de infraestrutura. Algumas vezes, perdeu seus pertences por causa das enchentes. Aliado a estes fatos, seu amor pelo conhecimento e pela literatura merecem destaque. Escreveu vários livros. Aliou seu compromisso com a Igreja, com o Evangelho ao compromisso com a classe trabalhadora.

Não tive muitas oportunidades de acompanhá-lo nos ambientes de trabalho, ou seja, nas fábricas. Na fase da Pastoral do Mundo do Trabalho em que estive engajado, nossas reuniões eram, na sua maioria, no Valflor, uma chácara nas imediações de São Paulo, onde tínhamos retiros e encontros de formação. Nessa época, não tínhamos muito acesso às fábricas, então, a estratégia mudou e nossas formações eram para sermos agentes evangelizadores nos próprios ambientes de trabalho.

A intenção de Frei Luís era anunciar o Evangelho, a concórdia no mundo do trabalho, o entendimento entre patrões e empregados. Tenho apenas uma lembrança de uma semana de evangelização em uma pequena indústria no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo. No caso, o empresário não se importava tanto com a orientação religiosa do nosso grupo, mas, sabendo da importância da intervenção divina na vida humana e, conseqüentemente, no possível reflexo no seu negócio, convidou a Pastoral do Mundo do Trabalho para anunciar a Boa Nova.

Minha vida de profissional na área pública foi rica em experiências positivas e algumas negativas. Algumas vezes, havia dificuldades de relacionamentos entre servidores; em outras, penso que poderia haver um melhor engajamento no serviço prestado ao usuário. A partir dessa experiência, percebi a importância da evangelização do mundo do trabalho, não só para a qualidade do ambiente no qual atuávamos, mas também para que o serviço prestado ao cidadão fosse da melhor qualidade possível.

A maior dificuldade no tempo que caminhei com a Pastoral do Mundo do Trabalho foi a falta de espaço no chão das fábricas. Naquela época os sindicatos estavam tomando fôlego e a secularização aumentando. Ouvi relatos do Frei Luís e das Irmãs Missionárias de Cristo Operário, do sucesso que a pastoral fazia nos seus primórdios, quando os patrões abriam suas fábricas e os operários atenciosamente ouviam aquela mensagem de paz e esperança. Meu maior aprendizado foi quanto à possibilidade do Evangelho ser vivido com sucesso e frutuosamente no mundo do trabalho.

A maior dádiva de Deus foi colocar no coração do homem seu anseio por vida e liberdade. Esses valores podem ser traduzidos no âmbito social pela luta por democracia. A partir da livre manifestação, os trabalhadores podem apresentar suas demandas com mais liberdade. A história continua com altos e baixos. Penso que chegou o momento dos movimentos sociais, em que os cristãos têm um papel muito importante para influenciar seus rumos e imprimir seus valores.

A Pastoral Operária continua existindo, porém já teve um papel mais relevante. Pela nova configuração do mundo do trabalho, os agentes representativos da classe trabalhadora estão mais diversificados. As empresas estão assumindo o compromisso de maior representatividade nos postos de trabalho. Diante do cenário atual, com novas questões de ética, justiça e política, a pastoral do mundo do trabalho continua sendo essencial.

Se ainda vivo, Frei Luís estaria incentivando a formação para o trabalho de evangelização neste novo cenário. Ele era muito atento ao momento presente. Vivia bem-informado! Sabendo desta nova situação do mundo do trabalho, ele

investiria na evangelização das pessoas para serem agentes de transformação no meio do povo. Talvez imprimisse na pastoral o mote: “Vós sois o sal da terra. Vós sois a luz do mundo” (Mt, 13a.14a.).

A mensagem de Frei Luís Sartori será sempre atual porque baseia-se no evangelho e numa expressão que lhe era cara: “O trabalho é o homem em ação”. Essa ação pode ter consequências boas ou más. Atualmente, com a precarização do trabalho, o empreendedorismo está crescendo. A pessoa evangelizada, com seu trabalho, em suas relações pessoais ou profissionais, pode dar a sua contribuição ao crescimento do Reino de Deus.

Hoje a Igreja no Brasil está investindo na formação de Comunidades Eclesiais Missionárias. Frei Luís já falava da importância das Comunidades de Trabalhadores que deveriam reunir não somente os operários, mas toda a sua família. Isso acontecia muito no Valflor quando a grande família da Pastoral do Mundo do Trabalho se reunia. Essas comunidades, atualmente, assumem as características do ambiente onde se encontram. Em nome do Frei Luís, é possível, entre outras coisas, com a Doutrina Social da Igreja, formar as pessoas para a evangelização do mundo do trabalho.

Penso que a questão do mundo do trabalho mudou a partir da consideração da pessoa humana. Atualmente, a maior luta é pela dignidade da pessoa humana, pelos direitos humanos, nos quais está incluída também a classe trabalhadora. A missão da Igreja é importante tanto quanto foi há alguns anos. Talvez seja necessária uma abordagem mais ampla da questão, enfatizando ética e direitos humanos.

“Quem se gloria, glorie-se no Senhor” (2Cor, 10,17). Este é o meu lema. Penso que, acima de tudo, em todas as suas ações, em toda a sua missão, Frei Luís procurou a glória de Deus. São Irineu de Lyon disse que “a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus”. Na missão evangelizadora, acima de tudo, agimos para que as pessoas cheguem ao conhecimento do Pai, através da comunhão com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na comemoração do centenário de nascimento de Frei Luís, antes de tudo, agradeço a Deus pela sua vida e pelo seu ministério. À Igreja, lembro que o mundo do trabalho não pode ser alheio ao serviço de evangelização. A dignidade humana passa pelo mundo do trabalho, seja na sua forma primária, no chão das fábricas ou nos escritórios; seja nos parlamentos, onde são redigidas as leis ou nos tribunais, onde são decididas as questões jurídicas.

Sugiro aos leigos e leigas que se engajem nas suas comunidades, tanto nas celebrativas, pois a Eucaristia é fundamental na vida de todos os cristãos, quanto nas eclesiais missionárias, onde as pessoas tomam conhecimento da realidade concreta dos seus irmãos e irmãs, podendo participar da sua vida com intercessões, auxílio fraterno e crescendo na partilha de sua visão de mundo.

**Ilustração: Alunas do Colégio Santa Maria - Assis - SP, por ocasião de retiro espiritual pregado por Frei Luís**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**



# *Um companheiro Franciscano inspirador*

*Frei José Alamiro Andrade Silva*

**E**u sou comumente chamado “Frei Alamiro”. O nome completo é José Alamiro Andrade Silva. Sou natural do sul de Minas Gerais, de uma cidade chamada Três Pontas, e meus pais, Benedito Teixeira e Mercedes Andrade, sempre foram lavradores, camaradas de fazenda, até o ano de 1946, quando eu completei seis anos. Nesse período mudamos para uma roça, um sítio que era propriedade de meu pai. Aí ele pôde prosperar um pouquinho na vida. Antes, nossa vida era viajar de fazenda a fazenda, à procura de melhores dias. Somos nove filhos. O nosso pai sempre trabalhou muito. A nossa vida foi mais na roça. Praticamente não tive um período de vida urbana na minha infância.

Sobre a minha formação religiosa, posso dizer que, durante a minha primeira infância, até os 11 anos, deu-se no contato com a natureza: o céu estrelado, a lua que brilha no céu, sol que nasce, pássaros que cantam, animais, insetos, água, terra, plantio. Foi esse mundo rural que está no mais profundo do meu religioso. E, também, pequenas orientações, palavras de minha mãe, que me preparou para fazer a primeira comunhão. Meu pai era religioso, mas não muito católico, não muito praticante, no sentido convencional. Minha mãe também. Dona de casa, nos ensinava a rezar o Pai-Nosso, Ave-Maria, a rezar o terço todos os dias junto com ela e com meu pai. Então, a infância foi isso. Aos 11 anos entrei no Seminário Frei Galvão, em Guaratinguetá, e aí comecei meus estudos junto aos franciscanos. Confesso que foi um tempo mais de estudos, de convívio com novas pessoas, de conhecimentos gerais e, a parte religiosa mesmo, eu sinto que foi só a partir de 1961, com 21 anos, quando fiz o meu noviciado na cidade de Rodeio, em Santa Catarina, integrando-me formalmente na Congregação dos Franciscanos.

Depois que terminei o noviciado, fiz três anos de Filosofia, em Curitiba, e depois quatro de Teologia, em Petrópolis. Durante todo esse tempo, a minha dedicação foi mais aos estudos e ao convívio no seminário. Pouco conheci das cidades por onde passei, pouco contato tinha com o mundo externo. E, em



1966, no dia 21 de dezembro, fui ordenado padre. Preciso dizer que, no meu mais profundo, meu desejo era apenas o de ser franciscano. A ordenação sacerdotal não estava, assim, em primeiro plano. É importante, mas eu, antes de mais nada, queria ser um franciscano e foi só a partir do noviciado, da Filosofia, da Teologia, que me dediquei mais a essas questões religiosas propriamente ditas. Refleti muito sobre os três votos que os franciscanos fazem: de obediência, de pobreza e de castidade.

Foi muito importante na minha vida o momento em que me encontrei com o Frei Luís Maria Sartori. Lembro-me de que ele apareceu lá em Petrópolis, no Seminário de Teologia, junto com alguns operários e algumas irmãs da Congregação Missionárias de Cristo Operário. Foi aí que eu fiquei conhecendo o grupo e sua proposta de vida. Eu já estava no final dos meus estudos teológicos. No ano de 1968, recebemos a visita do padre provincial, que reuniu a nossa classe, que estava terminando o curso de Teologia, e perguntou se alguém tinha preferência de moradia, de trabalho, ao sair dos estudos e entrar no trabalho pastoral, religioso. Nesse momento, eu e outro colega de classe, Frei Antônio Esperandio, manifestamos o nosso desejo de morar e conviver com o Frei Luís Maria Sartori. Em parte pela luta, porém o maior argumento a favor da minha decisão nesse particular, naquele momento, foi o tipo de vida que ele vivia: simples, num mundo dos mais pobres, uma pequena comunidade. Isso foi o que me entusiasmou. Com autorização do provincial, Frei Walter Kempf, eu e o Esperandio fomos morar com ele em São Paulo, no lixão da Vila Guilherme.

Naquela época, a Vila Guilherme era um lixão, onde o lixo da cidade era jogado das lagoas na beirada do Rio Tietê, e depois jogava-se terra por cima e tratores passavam dia e noite, alisando aquele terreno. E ali vivi do dia 2 de fevereiro de 1968 até 2 de fevereiro de 1972, junto ao Frei Luís Maria, Frei Antônio Esperandio e as Irmãs Missionárias do Cristo Operário.

Em relação a elas, destaco a irmã Carmen Krämer, que ajudou-me muito a me introduzir naquele mundo de São Paulo, dentro desse mundo operário, e também me colocou em contato direto com a Frente Nacional do Trabalho, uma organização de sindicalistas, advogados, cristãos, que seguiam a orientação não-violenta de Mahatma Gandhi, de Luther King Jr., de São Francisco e do próprio Cristo na luta de classes que os operários enfrentam frente à agressão econômica e social da classe patronal. Esse contato com a Frente Nacional completou muito a minha perspectiva de lidar com os operários e como enfrentar a luta de classes.

Com relação ao Frei Luís Sartori, ele nos introduziu na prática de ir às fábricas durante o período do almoço, reunindo os operários que quisessem conversar e ali aprofundarmos questões da religião, da Doutrina Social da Igreja,

principalmente a *Rerum Novarum*, de Leão XIII, *Laborem Exercens*, os documentos de Medellín, enfim, todos esses ensinamentos da Igreja. Eu me sentia bem nessa linha da Pastoral da Libertação, realmente era muito mais condizente com a realidade que eu vivia.

Em 1977, eu já era pároco na Brasilândia. Havia me desligado do bairro da Vila Guilherme, mas não da comunidade. Continuávamos convivendo os três frades, Sartori, Esperandio e eu. Mais tarde veio Frei Luiz Flávio Cappio, que depois se tornou bispo de Barra - BA, e toda quinta-feira era o dia da nossa fraternidade, um dia sagrado para nós. Nesse período, nos separamos: um foi morar num bairro, outro no outro bairro, eu fui morar na Brasilândia e meu contato com a Frente Nacional de Trabalho foi muito grande. Mais tarde também, em 1984, meu contato com Adolfo Pérez Esquivel, Nobel da Paz de 1980, foi bastante forte na minha caminhada, levando-me a andar por essa América Latina toda no desejo de organizar um movimento de não-violência no confronto com os regimes e as ditaduras militares que haviam se espalhado na Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Paraguai. O império norte-americano, com a sua Operação Condor, fazia sofrer muito aqueles que discordavam da imposição deles e do seu imperialismo.

Eu, nesse período todo, tive um contato muito grande com a Igreja de São Paulo. Eu já tinha conhecido Dom Paulo Evaristo Arns aqui em Agudos, no Seminário, perto de Bauru. Quando em Petrópolis, trabalhei junto a ele em duas publicações: uma, que se chama *Grande Sinal*, dirigida à Vida Religiosa dos padres e freiras; outra, que é o CIC - Centro Informativo Católico, que procurava oferecer um noticiário semanal para rádios, escolas e outras pessoas que procuravam notícias abordadas sob uma perspectiva católica. Então, desde lá, o meu contato com o Cardeal Arns foi muito grande, pois eu fazia parte da secretaria dele. Trabalhei no Jornal São Paulo, fui o primeiro que redigiu o folheto litúrgico da Arquidiocese “O povo de Deus” e, durante o ano de 1976, passei o ano todo, cada semana preparando o folheto do domingo seguinte. Nessa caminhada, tivemos muitas experiências de confronto com a opressão militar, enfrentando prisões e ameaças de morte. Mas, reconheço que foi muito proveitoso e, talvez, o tempo que mais me marcou a formação religiosa. Em 1977, sendo o pároco de Brasilândia, acabei me transferindo para uma favela naquela região e coloquei um operário para morar e trabalhar, cuidando da casa paroquial.

Frei Luís Maria Sartori tinha uma visão já bastante consolidada de mundo, mundo operário, mundo de Igreja, enquanto eu, o Esperandio e, mais tarde, o Cappio, éramos ainda principiantes, ainda aprendendo muita coisa. Da pessoa de Frei Luís é preciso dizer que foi um homem muito inteligente e que fez muitas coisas. Um lado pouco conhecido é que foi também um artista, criando muitas obras de arte. Além disso, escreveu muitos livros. Ele tinha uma fidelidade muito

grande à Igreja, à província franciscana, embora lamentavelmente tenha vivido alguns conflitos devido a divergências sobre seus posicionamentos, o que acarretou certo isolamento ao fim da sua vida.

Frei Luís acabou morrendo sozinho, no sentido de que não estava mais tão próximo da comunidade franciscana que ele tanto amou, lá no hospital público da zona sul de São Paulo. Faleceu no dia 27 de agosto, uma segunda-feira, de madrugada, acolhido pelas irmãs e pessoas queridas. Coincidentemente, naquele dia, havia uma reunião de todos os frades de São Paulo, de Santos, de Bragança Paulista, no regional de São Paulo. O corpo de Frei Luís foi velado na matriz de Pari, onde estava havendo essa reunião dos frades. Então, por ironia, ele, que foi rejeitado durante toda a vida, inclusive por muitos companheiros de ordem, teve o seu corpo velado numa igreja franciscana, no Pari. E nós frades concelebramos a missa de corpo presente. A igreja estava lotada, pois ele era muito querido, e, por diversos motivos, pediram-me para presidir a concelebração. Acho que foi a maior glória, a maior honra que me deram poder presidir aquela missa tão significativa para mim e para ele.

Frei Luís Maria era uma personalidade muito brilhante, muito abrangente, de vários aspectos da vida e dos estudos. A presença dele nas fábricas, diretamente em contato com patrões e operários, era uma grande novidade dentro da Igreja. Realmente, a ausência naqueles ambientes de pastores e padres ou frades missionários era, hoje um pouco menos, quase total. Naquela época era grande o operariado de São Paulo, Mogi das Cruzes e Ouro Preto. Sobre essa última cidade, a terra natal de Frei Luís Sartori e de toda a sua família, é um local que tem também grande indústria, extração de bauxita para fazer o alumínio. A Alcan/Alumínio Caanadense empregava muita gente e, mais tarde, também muitas fábricas em Petrópolis e em vários lugares. Frei Luís, sempre com as Irmãs, marcou presença nesses espaços, cuidando da causa do trabalho, e no caso específico, do trabalho operário, não se restringindo a paróquias ou a certa ideia territorial.

Esse operariado, ali naqueles lugares, principalmente em São Paulo, era fruto da implantação da indústria automobilística que atraiu trabalhadores do Brasil inteiro e se amontoaram em grandes cidades onde tinham essas fábricas, como era o caso do ABC Paulista, na própria cidade de São Paulo, em arredores, em Campinas, etc. Então, Frei Luís se dedicava muito a esse aspecto do operariado. Em relação à luta operária, muitos operários, já mais esclarecidos, mais conscientes ou vindos de outras tendências ideológicas dentro do mundo operário, do mundo do trabalho, achavam que a posição dele era muito de conciliação e não de luta de classes. Nesse sentido, eu creio que a contribuição dada pela Frente Nacional dos Trabalhadores ajudou muito as lideranças cristãs

que nasceram nas fábricas, a partir do trabalho de Frei Luís. Ele as colocava em contato com a Frente Nacional do Trabalho, que tinha muitos advogados, lideranças sindicais que estavam realmente fazendo a história da classe operária naquele momento.

Penso que a Frente Nacional, ao descobrir Mahatma Gandhi, Luther King e outros arautos da não-violência, aplicou esses princípios da luta de classes de forma não-violenta. E isso foi uma grande contribuição às lideranças do movimento do Frei Luís. Mas ele não ficava só na fábrica. A partir dela, ele localizava essas lideranças, esses operários e desenvolvia o trabalho com as famílias, os estudos bíblicos, o estudo com advogados, para poder conhecer as leis trabalhistas. Enfim, ampliava a visão trabalhista operária daqueles trabalhadores que vinham de todo o Brasil, às vezes, em condições bastante difíceis. E nesse estudo, nesse trabalho, nessa luta toda, a presença das Irmãs Missionárias do Cristo Operário foi sempre fundamental, pois elas eram muito importantes na organização do trabalho.

Olhando para esse passado, talvez nos venha a pergunta sobre o acolhimento que Frei Luís tinha nas fábricas. Era, sim, uma situação complexa, pois a empresa de trabalho, quer queira, quer não, juridicamente ela está dividida. Ou você é patronal, ou é trabalhista; ou você é patrão, ou é operário. Então, para se entrar numa fábrica, fazer a sua pregação religiosa na hora do almoço, é preciso autorização do dono da empresa, ou de quem responde por ela. Isso já gera uma desconfiança na parte mais esclarecida, mais conscientizada e politizada da classe trabalhadora dos operários. Mas foi isso. Frei Luís acreditava na possibilidade de união de classes, e não na luta de classes. Pessoalmente, comparando com o que eu vi na Frente Nacional do Trabalho - que tinha um grande advogado na sua fundação e no seu andamento, o Doutor Mário Carvalho de Jesus, que era um grande líder desse grupo - era visível que ele aceitava a questão como um fato, ou seja, não dependia do seu querer. Certo é que existe uma luta de classes. O que eu posso decidir é de que maneira eu vou participar dessa luta. E aí a Frente Nacional, inspirada em Mahatma Gandhi e Luther King, optava por uma participação na luta de classe, pela mística, pela estratégia, pela prática e pelas práxis da não-violência ativa. Uma atitude não passiva frente aos fatos e frente aos acontecimentos, mas, fundamentalmente, não-violenta. A base dessa não-violência é uma mística do amor, da justiça e da verdade. Penso que não havia uma discordância muito grande entre Frei Luís, com sua doutrina, e os pregadores da não-violência ativa da Frente Nacional do Trabalho, ou então, ou com os agregados do Movimento Servicio Paz y Justicia, liderados por Adolfo Pérez Esquivel, que falavam muito na firmeza permanente, coisa em que também os operários da Frente Nacional insistiam muito, na luta pela justiça.

Enfim, há umas leves diferenças entre eles. Mas acho que, fundamentalmente, estão de acordo porque muitos operários da liderança da Frente Nacional do Trabalho, da oposição dos metalúrgicos de São Paulo pertenciam também ao movimento de Frei Luís, à Frente Nacional e à oposição dos sindicatos.

O acolhimento que se tinha nas fábricas era muito diversificado. Não necessariamente os operários apoiavam a Doutrina Social da Igreja ou a não-violência ativa como caminho de participação na luta de classes. Então, não é simples dizer se os operários apoiavam e os patrões eram contra, ou o contrário. É uma opção que se tem de fazer, não dá para fugir, não tem como escapar e dizer que não participa da luta de classes, porque ela está aí e você, sendo patrão ou operário, está envolvido com ela. É preciso fazer a escolha da sua mística, da sua estratégia, da sua prática de participação, seja pela não-violência, seja por outros caminhos. As outras igrejas não possuíam muitas dificuldades de relacionamento com o movimento de Frei Luís, porque ali estava em causa mais um problema concreto do trabalho e não visões diferentes da religião. O foco era o mesmo: o trabalho empresarial, o trabalho nas grandes montadoras de automóveis, metalúrgicas ou em outras grandes empresas. O tema também era comum: a luta de classes. A visão religiosa, a leitura bíblica que se fazia é que podia trazer alguma divergência, mas não era a temática trabalhista que acentuava a separação entre católicos, evangélicos, espíritas ou outras religiões.

São muitas as lembranças que tenho de Frei Luís. Era uma figura muito inteligente, sanguínea, explosiva, mas de um coração muito grande, para não guardar mágoa de ninguém, saber compreender os erros dos outros ou aceitar os próprios erros. A sua espiritualidade era muito baseada em Cristo. É um cristocentrismo muito forte, uma espiritualidade muito encarnada. Ele organizou umas 15 peregrinações à Palestina, pois tinha o desejo de sentir aqueles espaços por onde Jesus andou. Além dos inúmeros livros que escreveu, deu muitas palestras, enfim, tinha um dinamismo muito grande e uma dedicação total à causa que abraçou, ou seja, anunciar a presença do Cristo no mundo operário. Quanto a mim, gosto mais de uma espiritualidade que tenha base na Santíssima Trindade, Trinitária, e, principalmente, essa Trinitária que já acolheu na sua glória a Mãe de Jesus, pela Assunção de Maria. De qualquer forma, Frei Luís, sem ser um cristocentrista excludente do Pai ou do Espírito Santo, tinha um toque muito forte do Cristo na sua espiritualidade, nos seus desenhos, nos seus escritos, na sua vida toda. É difícil colocar numa síntese sua espiritualidade, porque ele tem muitos livros, muitos escritos, muitas criatividadees.

Penso também que ele foi sempre uma pessoa de uma grande fidelidade ao que Deus manda, ao que Deus inspira, ao que Deus lhe pede. Mesmo tendo que enfrentar muitas vezes as autoridades religiosas, ele não abria mão dos

chamados que Deus lhe fazia. Considero essa atitude como o verdadeiro voto de obediência, porque nós religiosos - não fazendo o voto de submissão a quem quer que seja, autoridade ou outra pessoa - pregamos que o nosso voto de obediência é “não abrir mão daquilo que Deus não nos pede”. Vemos o exemplo de São Francisco, que não foi aceito pelas autoridades religiosas. O bispo de Assis o aconselhou a agregar-se a outras congregações já existentes, mas ele insistiu dizendo que, “desde que o Senhor me concedeu irmãos, sinto que não é isso que o Senhor propõe, que é o chamado de Deus”, e aí apelou ao Papa. Mesmo sendo rejeitado no primeiro momento pelo chefe da Igreja, continuou firme na sua proposta, no seu voto de obediência ao chamado de Deus. Acho que essa é a característica do voto de obediência a Deus que os religiosos fazem, e, se for necessário ele vai ter que confrontar-se, até mesmo com as autoridades religiosas do seu grupo, da sua religião, como o próprio Cristo “bateu de frente” com as autoridades religiosas de seu tempo, do judaísmo dominante da sua época.

Nesse sentido de um apelo que mobilizava Frei Luís, a Doutrina Social da Igreja sempre foi um ponto muito forte para as suas pregações, seus estudos, suas publicações, suas palestras. E ele não a via apenas como uma doutrina social do passado, mas pegava essas últimas encíclicas papais, de Pio XII, Paulo VI, João Paulo II e atualizava sempre a sua visão social do cristianismo.

Eu vejo que a presença, a passagem de Frei Luís aqui neste mundo, na Igreja Católica, na Ordem Franciscana, foi uma passagem de Deus, um instrumento do Pai para acordar muitas pessoas, ajudar muita gente - e até mesmo a instituição religiosa, a franciscana ou as dioceses - a participar com mais coragem, com mais intensidade desse movimento do Cristo presente no mundo operário. Tanto assim que podemos mencionar vários nomes conhecidos nessa luta operária, como Waldemar Rossi, Salvador Pires, João Breno, os advogados da Frente Nacional do Trabalho, o próprio Santo Dias. Quantas vezes participamos juntos de reuniões e de manifestações! Eu penso que foi uma grande contribuição para que, juntamente com as Irmãs Missionárias do Cristo Operário, as lideranças operárias aderissem a esse movimento, contribuindo para a caminhada operária nessa mudança que precisa ser feita e está sendo feita de uma forma ou de outra.

Despeço-me na abertura ao diálogo, no desejo de continuar nossa conversa. Tive o privilégio de viver muitos anos dentro desse movimento iniciado por Frei Luís Alves Sartori. Testemunhei a presença de Cristo no mundo operário, na organização das Missionárias de Cristo Operário, nas lideranças que se formaram e com as quais mantenho laços de amizade até hoje.

Abraço, paz e bem. Paz e bem viver, agregando à utopia da paz franciscana a utopia do bem-viver dos povos quéchuas, aymaras e Guaranis.



**Ilustração: Frei Luís acompanhado dos Freis Alamiro e Sperandio**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## *Frei Sartori, um visionário*

*Pe. Marcelo Moreira Santiago*

**T**ive a graça de conhecer e conviver com o Frei Luiz Sartori, em Mariana e Ouro Preto. Recordo-me dele, a partir de 1983, em suas vindas regulares à nossa Casa de formação do Seminário São José, em Mariana - MG. A convite dos formadores, através de módulos de formação, ele nos brindava com aulas magistrais sobre a Pastoral no Mundo do Trabalho, sobre a Doutrina Social da Igreja, além de nos contar da sua experiência em Israel, falando-nos, entre outros, sobre kibutz que vem a ser comunidades onde as pessoas vivem, trabalham e produzem coletivamente, algo que, por certo, também muito o inspirou na busca em melhor organizar núcleos comunitários e familiares por onde passou.

Com muita lucidez e com uma linguagem descontraída e bem articulada, enriquecida com exemplos, fatos e testemunhos, ele nos contava de seu apostolado junto às fábricas, em debates com os operários e em conversas com os empresários. Trazia, como escopo, na evangelização no mundo do trabalho, sanar problemas que não eram poucos e nem pequenos, seja na relação patrão e empregado, seja em ordem aos direitos da classe operária e da dignidade do trabalhador e da trabalhadora; como também a respeito de vínculo empregatício, salários e, por extensão, em vista do progresso local da população ao entorno das fábricas.

Em seus escritos que somam três dezenas de livros e com uma experiência larga, adquirida em muitos anos de militância nessa causa, como em São Paulo, Rio de Janeiro e em Minas Gerais, Frei Sartori, com esta ação pastoral e evangelizadora, buscava superar à metodologia da chamada “luta de classes”, defendendo uma política de entendimento entre a classe empresarial e a classe operária, que proporcionasse, inclusive, voz ativa aos operários, na vida interna das empresas.

Àquele momento, tudo era muito novo para nós, então seminaristas em Mariana -MG, ainda não acostumados a uma dinâmica pastoral de maior inserção no mundo do trabalho. Lembro-me de ficar encantado com o que ele nos dizia, exortando-nos, enquanto futuros padres, a abraçar essa causa. Algo que me motivou, hoje enxergo assim, a completar, mais tarde, os estudos na área da teologia moral, da Doutrina Social da Igreja.

Depois, ordenado padre, ao começo dos anos 90, vim trabalhar na região de Mariana e Ouro Preto, ajudando na formação dos futuros padres e nos trabalhos da coordenação pastoral na Arquidiocese de Mariana. Pude, a esse tempo, acompanhar Frei Sartori mais de perto, gozar da sua amizade e estima e aprender com ele, entre outros, a viver com desprendimento evangélico, a trazer sempre a alegria de servir e o ardor para com a evangelização no mundo do trabalho; a ter um olhar para os mais necessitados e a ser criativo e mais proativo em buscar caminhos para melhor incluir, socialmente, pessoas e comunidades.

Em Ouro Preto, Frei Sartori formou centenas de lideranças, sobretudo entre os anos 60 e os anos 90. Através dessas lideranças, ele realizou, por anos, a Missão Cristo Operário que levava, especialmente, às portas das fábricas da ALCAN – Alumínio Canadense e da Fábrica de Tecidos, o carisma da Pastoral no Mundo do Trabalho, dialogando, sobretudo, no horário de almoço com patrões e operários.

Ele também constituiu em vários bairros da cidade as “comunidades de casais”, um trabalho evangelizador voltado para as famílias, com iniciativas como de visitas, de celebração de Missas nas casas, catequese e realização de retiros. Algo próximo do que hoje se propõem os grupos de reflexão e os círculos bíblicos, em nossas comunidades. Ali, através desses casais, se organizavam os núcleos de família, se ouvia a Palavra de Deus que era partilhada, sustentando as famílias na fé, ajudando-as a dirimir dificuldades e ter, na experiência da ajuda mútua, o provimento em suas necessidades.

No bairro do Morro São João, em Ouro Preto, ele construiu uma grande casa de encontros, chamada “Casa do Convento”. Erguida, a partir de 1964, em mutirão com os operários ligados ao movimento, essa Casa se tornou um centro de referência para encontros e formação cristã e social. A obra também se prestou a acolher casais e famílias que, tendo abraçado o carisma do movimento, ali viviam em comunidade, algo hoje semelhante aos institutos leigos de vida consagrada. Serviu também aquele espaço, outrossim, para acolher pessoas dependentes químicos, em tempos de pouca atenção a essa política de saúde, realizando um trabalho pioneiro em favor da recuperação dessas pessoas.

Com a chegada de empresas em Ouro Preto, Frei Sartori, preocupado em empregar, em maior número, as pessoas da cidade, criou, no bairro Caminho da Fábrica, uma cooperativa chamada de COOTROP – Cooperativa dos Trabalhadores de Ouro Preto, para confeccionar uniformes, primeiramente, para a empresa Alcan e depois para outras empresas, para a Prefeitura municipal e para a população em geral.

Ele trouxe para Ouro Preto, irmãs da congregação por ele fundada, em 1959, a Congregação das Missionárias de Cristo Operário. Uma presença

edificante em nossa cidade que, em muito, se somou aos trabalhos de evangelização das famílias e de cuidado e atenção pastoral aos operários e aos mais necessitados e empobrecidos.

Frei Sartori seguiu o espírito empreendedor de seu pai, médico renomado que cuidou da saúde física da população ouro-pretana. Marcado pelo carisma franciscano, consagrado a Deus pela vida religiosa e sacerdotal, Frei Sartori se mostrou incansável em seu apostolado. Exímio escritor, soube relacionar, com gestos concretos, o “Evangelho do Cristo operário” com as realidades de seu tempo e, qual visionário, abriu horizontes de ação pastoral e social, não só entre os ouro-pretanos, mas por onde passou.

Viveu, com dinamismo, zelo e ardor, o amor a Deus e aos irmãos e irmãs, comprometido com as obras de misericórdia. Não escondeu os dons e carismas, colocou-os sempre a serviço, na imitação de Jesus Cristo que passou por esse mundo fazendo o bem. No seguimento a Ele, o Cristo operário, como discípulo missionário, não viveu para ser servido, mas para servir.

Seu legado de vida e de fé, seu testemunho de caridade e amizade social, nos estimula em tempos tão complexos e plurais a nos colocar em diálogo com esses novos tempos e a nos comprometer com uma ação evangelizadora mais dinâmica e eficaz, no seguimento de Jesus, que contemple a pessoa como um todo, as suas famílias e, em especial, o mundo do trabalho.

Frei Sartori “combateu o bom combate e guardou a fé”. Sua vida foi um constante apontar para o Cristo, a quem muito amou e serviu, sem reservas, sobretudo na pessoa dos operários, dos pequenos e pobres. Agradecidos, demos graças a Deus!







**F**rei Luís, para além dos trabalhos pastorais e a criação de pastorais e da comunidade missionária das Irmãs, deixou-nos uma grande obra por escrito. Os diversos livros permitem-nos aproximar daquilo que era a sua personalidade, mas sobretudo da Teologia, Filosofia, Antropologia, Sociologia e outras ciências que embasaram suas produções e sua perspectiva pastoral.

Havia, por parte de Frei Luís, um intenso desejo de tornar popular aos membros da Igreja e, particularmente, aos participantes dos movimentos e pastorais por ele iniciados, inúmeros conhecimentos de pontos essenciais da doutrina católica. Demonstrando-se um sacerdote atento ao momento em que a Igreja se abria ao mundo moderno, Frei Luís fez do ensinamento social da Igreja o seu coração de escritor.

Sua percepção das demandas do operariado brasileiro daquele momento fizeram com que ele se dedicasse a escrever sobre temas pouco tratados ou ainda não discutidos até mesmo no interior da Igreja. Dessa maneira, sua visão acerca da necessária mudança social perpassa os seus escritos e nos sugere como ansiava por um mundo mais justo e fraterno. Ele compreendia que tal mudança passava também por uma verdadeira conversão. Daí sua ênfase nos momentos de espiritualidade, na leitura dos textos bíblicos e na vivência em fraternidade.

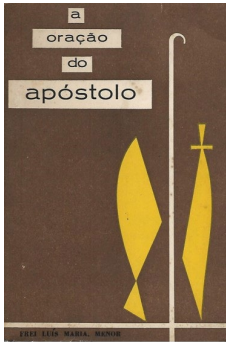
Podemos pensar que Frei Luís fez da vida e luta dos operários a lente com que via, lia, interpretava a realidade, deixando isso incidir nos diversos campos de pensamento, desde a liturgia até questões de doutrina social, passando por críticas à política vigente e sugestões de uma outra forma de economia que prezasse pela vida em sua plenitude.

A seguir resumimos algumas de suas obras<sup>1</sup>. O intuito não é que o leitor se contente com tais sínteses, mas que, por meio delas, sinta-se motivado a ler ou a reler aquilo que Frei Luís nos deixou como sua herança espiritual, teológica e pastoral. Ao comentar alguns dos livros, apresentamos alguns fragmentos de sua reflexão, permitindo ao leitor compor esse mosaico temático tomado pelas mãos de Frei Luís.

---

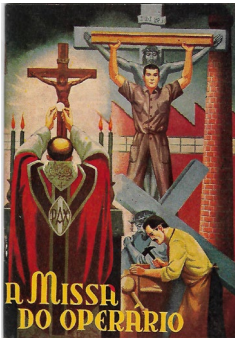
1 As fotos do mosaico com a cruz dos “Queixadas” e das capas dos livros foram feitas por Ir. Wilma Manoel.

## ORAÇÃO DO APÓSTOLO



Primeiro livro escrito por Frei Luís Maria. Consta de 495 páginas de meditações muito profundas, formando um roteiro de retiros espirituais e abrangendo as solenidades que ocorrem durante o ano litúrgico católico. Foi editado em agosto de 1958, pela Gráfica Biblos Ltda. Nessa obra, o leitor irá encontrar subsídios para estar no silêncio interior, para se recolher em meio ao ambiente ruidoso em que vivemos atualmente e para preencher-se de uma espiritualidade que o refaz para as lutas cotidianas.

## A MISSA DO OPERÁRIO



A primeira edição foi prefaciada pelo Cardeal Motta, em 1956, sugerindo bem o caráter do escrito: “*Durante trinta anos, em santa oficina operária de São José, em Nazaré, preparou Jesus o Santo Sacrifício que Ele realizaria na Cruz do Calvário pela salvação da humanidade... A ‘Missa do Operário’ faz reviver esse mistério de amor do Salvador. Aplaudimos, pois, e abençoamos essa devoção da ‘Missa do Operário, ensinada por Frei Luís Maria Sartori’*”. O livro recebeu várias reedições. A de 1963 marca o início dos vários livros que seriam depois escritos por Frei Luís nesse aspecto. Trata-se do roteiro celebrativo

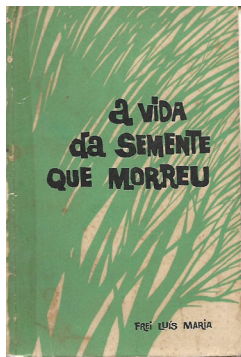
que antecede a perspectiva de aproximar a celebração da vida dos fiéis proposta pelo Concílio Vaticano II. No final, podemos encontrar os cânticos antigos que ainda hoje cantamos em nossas celebrações litúrgicas. A capa ressalta a aproximação do sacrifício da missa com a vida dos operários.

## A TERCEIRA FORÇA OU A POSIÇÃO CRISTÃ FRENTE OS FATOS SOCIAIS



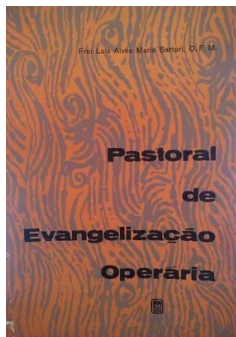
Esse livro é pequeno em tamanho e de poucas páginas, apenas 48. Editado pela Prelúdio Ltda, condensa um conteúdo muito importante para que os cristãos possam entender entre as posições de esquerda ou de direita e se colocuem perante os fatos sociais. A obra cita documentos da Igreja sobre a Doutrina Social Católica para mostrar exatamente onde está a posição central, a exemplo de Jesus Cristo. No final é colocado o cântico de São Francisco de Assis.

## A VIDA DA SEMENTE QUE MORREU



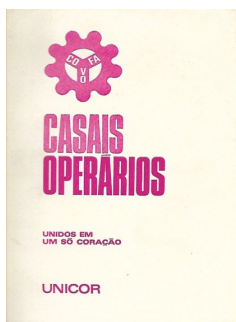
Este livro foi impresso pela Editora Vozes de Petrópolis, em fevereiro de 1964. Inicialmente tem o Proêmio escrito pelo C. Cardeal Motta. No primeiro capítulo, o autor fala sobre o cansaço da semente, mas o reerguimento se dá, através dos textos de meditação, que são bastante profundos. Ao final, há a meditação da Via Sacra. O aspecto poético faz-se presente também em orações. *“Senhor, me apanha do lixo! Não me deixes apodrecer, nem cremar! Não me deixes mais ser babujado pelos vira-latas! Transforma-me em adubo de humildade, em adubo de simpatia que se mistura com a terra, no húmus do humilde e do humilhado, no húmus dos pecadores e penitentes, para fertilizar nêles e em mim a Semente da Graça Divina!”* (p. 13)

## PASTORAL DE EVANGELIZAÇÃO OPERÁRIA



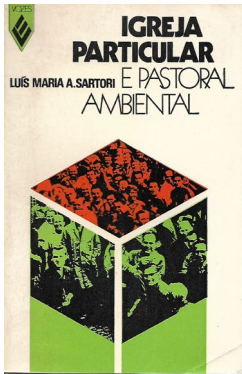
Este livro foi lançado pela Editora Vozes Ltda, em 1965. Após trabalhos já feitos com operários, o autor expõe o que na realidade é a Pastoral Operária, colocando depoimentos: de dois operários e de duas grandes Empresas (Mineração Geral do Brasil e Balanças Filizola); do Bispo de Mogi das Cruzes e mais dois Bispos que fazem o reconhecimento da importância da Pastoral Operária. Há algumas ilustrações mostrando a evangelização nas fábricas.

## CASAIS OPERÁRIOS



Nesta obra o autor fala das realidades dos casais operários que se unem no amor mútuo para somarem forças numa realidade angustiante, que é a vida operária num sistema capitalista que pratica injustiças e faz com que o trabalho se torne uma pesada atividade. A preocupação da Igreja com famílias já era também do Frei, que queria que o movimento de casais fosse uma Igreja em movimento e não um movimento na Igreja. Foi lançado pela Editora Vozes, em 1970.

## IGREJA PARTICULAR E PASTORAL AMBIENTAL



Neste livro, também lançado pela Editora Vozes, em 1973, o autor esclarece o que é Pastoral Ambiental e fala sobre o trabalho nas paróquias que estão localizadas em determinados territórios. Ele explica a finalidade de uma e de outra e como evangelizar e atingir o ambiente, percebendo determinados setores onde se encontra o elemento humano na sua realidade de vida. No final se encontra uma lista de Movimentos que estão empenhados na Pastoral Ambiental e um gráfico mostrando os objetivos da Pastoral Operária.

## O OPERÁRIO E CRISTO: ENCONTROS DE VIDA CRISTÃ ENTRE OPERÁRIOS



Esse livro foi escrito em 1976 e lançado pelas edições Paulinas. O autor mostra como, a partir de um roteiro de vida cristã, o operário pode vencer os obstáculos que enfrenta no seu trabalho e as injustiças no seu dia a dia. A obra serve também como roteiro para se organizar um retiro espiritual com temas apropriados, ligados ao projeto de Jesus Cristo.

## O POVO QUE TRABALHA ENCONTRA O EVANGELHO



Da coleção Encontro do Operário com Cristo, este livro consta de temas para se organizarem Semanas Sociais com reflexões sobre a Doutrina Social da Igreja e o Evangelho. Abrange todos setores: econômico, político, cultural, moral e religioso, refletindo sobre as respectivas soluções cristãs. Foi publicado pelas Edições Paulinas, em 1977. É muito prático na sua leitura e oferece um subsídio para a programação das Semanas Sociais da época.

## A FAMÍLIA OPERÁRIA E SUA VIDA EM CRISTO



Este livro, lançado pela Loyola, em 1978, quer mostrar às famílias operárias que a vivência conjugal e com os filhos, quando vivida a exemplo da Sagrada Família, pode ser muito feliz. O intuito era colaborar para as famílias vencerem as dificuldades que surgem com as diferenças individuais. Ao longo dos vários encontros, Frei Luís apresenta uma série de temas pertinentes ao aprendizado e vivência da fé por parte das famílias. Partindo sempre de um fato concreto, iluminando-o depois pela reflexão bíblica, há conclusões com algumas resoluções práticas e questionamentos. Ao falar do casamento como um chamado de

Deus, Frei Luís explica aos casais: *“Deus usa as criaturas para servirem de meios, para realizarem a sua vontade. Aquela simpatia - um cruzou tão bem com o outro - o mesmo jeito de pensar e agir... tudo foi feito por Deus. Aquele encontro foi a providência divina que planejou. Desde toda a eternidade, Deus Pai já havia chamado cada um para o casamento, e um para o outro. Tudo parecia uma coisa só natural e quase que não se percebia o jogo de Deus! Mas era Deus que estava na jogada. Todas as criaturas foram feitas por Deus para representar, para irradiar e simbolizar alguma coisa de Deus aqui na terra. Deus já fez, de propósito, os dois sexos na terra para servirem de símbolo, de imagem, de comparação, de cópia, de uma coisa superior”* (p. 65).

## CRUCIFICARAM UM OPERÁRIO



Escrito em 1978, este livro, editado pela Editora Vozes descreve a Via Sacra, só que relaciona as estações à vida do operário: suas angústias, seus anseios, seus espinhos do cotidiano, principalmente no trabalho. Além disso, há o acréscimo de algumas estações colocadas pelo autor, formando assim o total de 20 estações, que levam o leitor a refletir sobre o sofrimento, as injustiças que sofre o operário no seu trabalho. A título de exemplo, ao tratar sobre a estação em que se contempla Jesus sendo despido de suas vestes, Frei Luís suscita nos operários a busca pela verdade. *“É claro que o operário tem seus defeitos, tem seus erros, seus*

*pecados graves... Mas tem também direito a seu segredo... Publicação de erros pode gerar escândalo, pode gerar onda de mau exemplo e de imitação daquilo que não presta... Mas não,... todo mundo sabe dos erros dos operários! Todo mundo teme a violência do operário, o «comunismo» do operário, a cegueira e a ignorância do operário, o «economismo» do operário... Temem e falam adiante mas nada fazem para corrigir tais erros...*



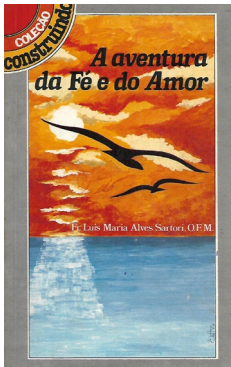
Despojar, comentar, falar mal, criticar, «meter a lenha», «descer a piaba» em cima dos erros e pecados da classe, muita gente faz, e está sempre pronta a fazer... E o faz não sem razão... Mas... mas... o que fazem para corrigir, para ajudar o operário a sair desta fossa...?» (p. 79).

## O TRABALHO NA DINÂMICA DO EVANGELHO



Este livro, escrito em 1980 e editado pela Loyola, como o próprio nome sugere, quer mostrar aos operários, ou mais propriamente ao mundo do trabalho, que o Evangelho ligado ao trabalho é capaz de combater as injustiças e fazer com que o trabalhador - ao exercer a atividade de transformação do mundo e de si mesmo - sinta-se feliz e realizado em suas atividades do dia a dia.

## A AVENTURA DA FÉ E DO AMOR



Realmente amar como Jesus nos amou é uma aventura, uma caminhada, mas que é feita na fé. A partir da prática de convivência com os operários, o autor escreveu esse livro em 1981, sendo editado pela Editora Salesiana Dom Bosco. A 1ª e 2ª partes são compostas de poesias e poemas inspirados pela vivência do autor na Terra Santa, enquanto meditava nos lugares onde o próprio Filho de Deus caminhou e sofreu com seus primeiros discípulos. A radicalidade do seguimento aparece de forma muito clara ao tocar sobre a pobreza do sábio e a sabedoria do pobre: *“Pequenez que deve ser mantida no começo, no meio e no fim no processo da vivência da Sabedoria. Pobreza, despojamento, desejo de servir, procura tenaz do último lugar, necessários e indispensáveis para que a Sabedoria encontre em nós a habitação que lhe convém. Habitação gostosa e sedutora que prende em nós a sabedoria e que é feita pela atitude de não querer prendê-la, mas sim de ser aprisionado por ela. É o não querer gostá-la, mas dar-lhe o gosto de um campo livre para sua sementeira e seu trabalho”* (p. 10).



## ENCONTRO HUMANO DENTRO DA EMPRESA



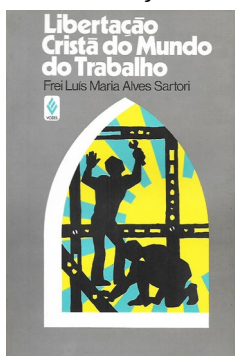
Este é um livro que mostra como a empresa que possui um ambiente frio e formal, que desumaniza o operário, pode se tornar, através da vivência da Doutrina Social da Igreja, um ambiente mais humano, de respeito e diálogo entre patrões e operários. O autor procura fazer uma caminhada para que a empresa se torne uma comunidade de trabalho. A obra foi publicada pela Editora Salesiana Dom Bosco, em 1982.

## COMUNITARISMO – UMA SOLUÇÃO?



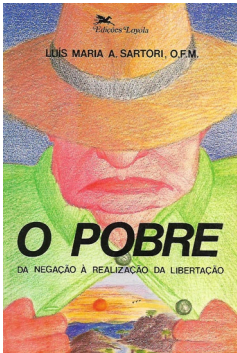
Em cinco pequenos volumes lançados pela Editora Salesiana, no ano de 1983, o autor propõe o Comunitarismo na empresa como possível solução, defendendo que ela “abrange a universalidade do Mundo do Trabalho na unidade de produção que ela é”. A empresa atinge o mundo do trabalho pela raiz, através dos diferentes setores de atividades que ela abrange.

## LIBERTAÇÃO CRISTÃ DO MUNDO DO TRABALHO



Editado no ano de 1985, pela Editora Vozes, este livro apresenta um estudo e uma reflexão sobre como o homem pode se libertar do peso que o trabalho no sistema capitalista impõe ao trabalhador. Sem criar conflitos, é possível construir uma relação de fraternidade entre patrões e operários. Ao final, há uma peça de teatro em 4 atos: “A Solução é ser homem”, que mostra como, através do diálogo refletido a partir da justiça, a empresa pode se tornar um ambiente comunitário.

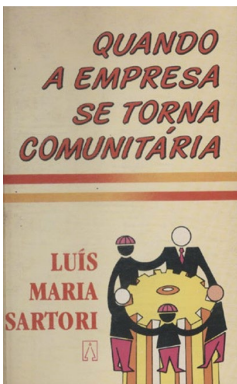
## O POBRE: DA NEGAÇÃO À REALIZAÇÃO DA LIBERTAÇÃO



As Edições Loyola lançaram esse livro em 1987. Nele, o autor mostra como o pobre se identifica com Jesus Cristo, o Deus Humanado e questiona se pobre é somente aquele ser privado de bens materiais. Na obra é mostrado como se pode realizar a libertação de quem se encontra ainda em situações escravizantes, lançando um olhar para se ver como Jesus viveu. Escrito de forma interativa, com perguntas questionadoras, o livro permite um aprofundamento sobre o sentido da libertação no contexto eclesial. Também mostra como Frei Luís era bem inteirado das reflexões teo-

lógicas do período, como podemos ver em: *“E quando quisermos dar motivações ao nosso povo para a sua libertação, deveremos nos lembrar de que ‘falar de motivações, atitudes e valores é falar de mística ou espiritualidade’, como diz Galilea. ‘Eliminar a dimensão mística do povo’ torna insuficiente qualquer evangelização. E concluindo com Galilea: ‘Há um fator inquietante na experiência e na evolução de muitos católicos militantes na luta pela justiça. Mais são absorvidos por tarefas sociais, culturais e políticas a serviço do povo, mais parecem afastar-se de toda a explicitação de sua fé. A dialética evangélica: o sentido do pobre coadjuva e reforça o sentido de Deus, mas não parece realizar-se”* (p. 62). Num desejo de compreender melhor a quem se dirigia a libertação, Frei Luís amplia a compreensão de pobreza: *“Estas reflexões todas nos levam a intuir que existem distinções sobre o sentido do pobre sem as quais não se pode sair de um aparente paradoxo existente entre os vários níveis em que uma pessoa pode ser pobre, ou injustiçado: o econômico, o social, o cultural, o político e o religioso”* (p. 63).

## QUANDO A EMPRESA SE TORNA COMUNITÁRIA

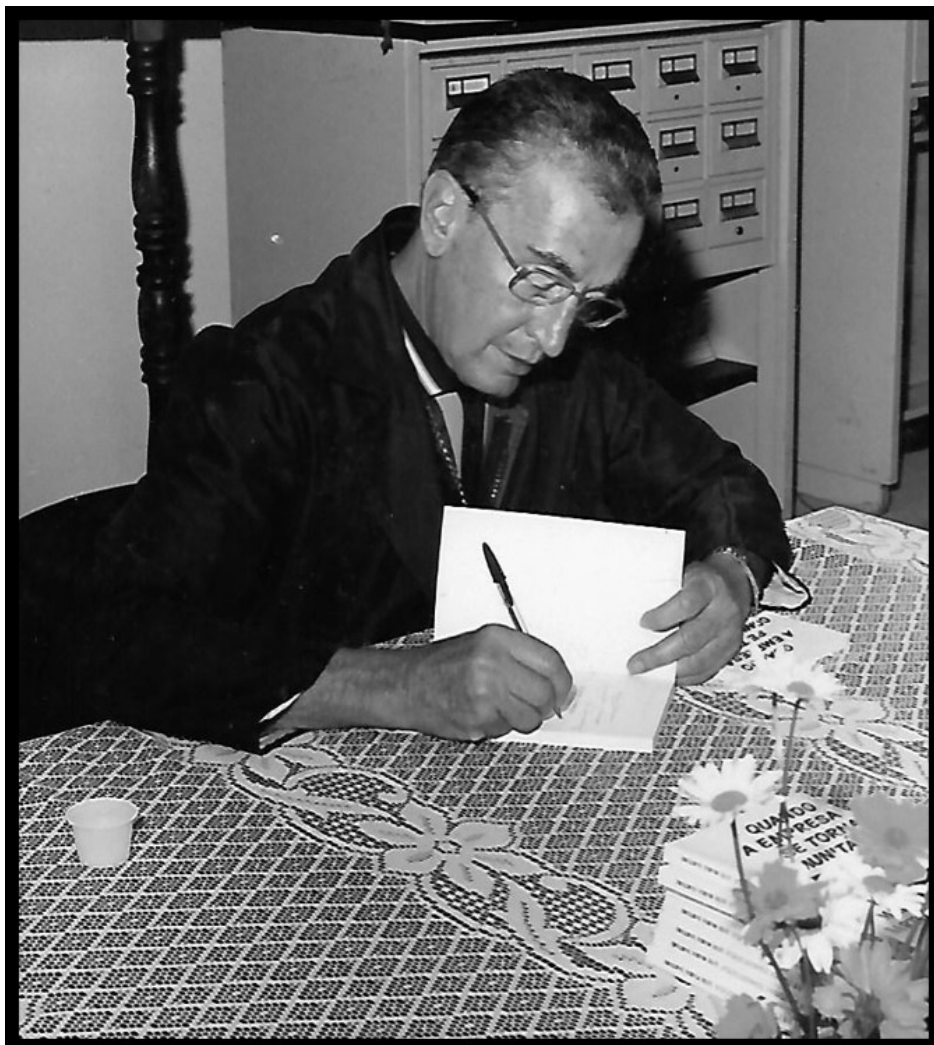


Publicado pela Editora Santuário no ano de 1990, o livro descreve uma proposta de Economia de Comunhão. Imbuído pelo desejo de uma verdadeira justiça social que considerasse o trabalho enquanto ação transformadora realizada pelo homem, Frei Luís adentra na articulação de uma possibilidade de se ver a empresa não apenas como fonte de enriquecimento dos detentores do Capital. E defende a maior participação dos operários: *“Ninguém pode negar uma evolução no capitalismo melhorando um pouco as condições humanas dos operários, ora sob pressão do cristianismo, ora sob pressão da violenta reação do comunismo. No entanto, a visão*

*utilitarista e consumista do capitalismo, só vê melhorias do operário, no sentido de mais salários, de mais benefícios assistencialistas, de MAIS DINHEIRO. Não enxergam,*

*porém, a direção de uma maior participação humana, com aquilo que o homem tem de específico, opinião, palpite, voz, vez e voto, responsabilidade, acatamento na vida interna da empresa, ou seja, de MAIS DIREITOS. Nem vale o argumento ‘deles’ de uma possível ou provável falta de preparo e cultura do operário que o capacitaria para tal participação. Pois, a necessidade de se dar maior formação profissional e cultural cada vez maior ao operariado é um dos muitos DIREITOS DO OPERÁRIO e um dos DEVERES e objetivos da empresa.” p. 15-16).*

**Ilustração: Lançamento do livro Quando a empresa se torna comunitária**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

## O ECO POLÍTICO DO EVANGELHO



Editado pela Editora LTr, em 1993, neste livro, o autor mostra, de uma maneira bastante clara, que fé e política não se separam, uma vez que a política é o serviço do bem comum, e a fé se mostra pelo testemunho, vivendo o projeto de vida trazido por Jesus.

## TRABALHO: CARISMA FRANCISCANO E CATÓLICO

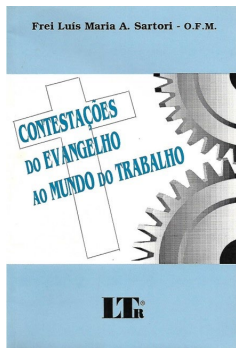


Este livro, editado pela Loyola em 1994, fala sobre o que é a Pastoral do Mundo do Trabalho, mostrando a sua abrangência, que atinge todos os setores de trabalho e esclarecendo que ele é a expressão mais importante para a pessoa humana. O carisma é franciscano, porque São Francisco não quis fundar uma ordem mendicante, mas que, servindo as pessoas através do próprio trabalho, tivesse o necessário para viver com dignidade. Para Frei Luís, o Cristo Operário e Nossa Senhora Operária eram modelos para todos os trabalhadores. Assim, exorta os operários a compreenderem o

trabalho para além das dimensões cotidianas, das lutas sindicais, dos entraves com os patrões, procurando gerar uma comunidade de trabalho na empresa. *“E se Karl Marx declarava que é ‘o coração da empresa capitalista que começa a luta de classes’, nós ali vemos o local de eleição para conseguir a união fraterna de seres humanos que têm em suas mãos o ‘eixo da mudança das eras da história’ e a ‘expressão mais radical da pessoa humana’ o trabalho. O Espírito Santo aqui se revela bem encarnado, com o coração em Deus, a cabeça no lugar e os pés no chão. É o Cristo Operário bem encarnado e encarnando o Sopro do Espírito numa vida de humildade e de ação. Os sinais da presença real desse carisma são a iniciativa para a penetração neste ambiente ainda meio inóspito, como é o mundo da empresa, e a progressividade no processo de evangelização, criando sempre um passo a mais na formação de líderes, de formadores, de evangelizadores para que haja uma equipe de irradiação da Mensagem da Doutrina Social do Evangelho”* (p. 45).

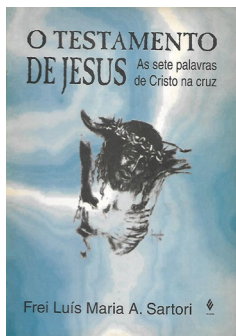


## CONTESTAÇÃO DO EVANGELHO AO MUNDO DO TRABALHO



Esse livro foi editado pela Editora LTr, em 1994. A princípio, pelo título, sugere-se a ideia de que o Evangelho contesta o Mundo do Trabalho. Porém, na verdade, ele mostra algo mais positivo que pode acontecer dentro da empresa, quando o operário conhece a Doutrina Social da Igreja e ele mesmo começa a colaborar para que a empresa tenha um ambiente solidário e de libertação, sendo que “o trabalho é a expressão mais radical da pessoa humana”.

## O TESTAMENTO DE JESUS – As sete palavras de Cristo na Cruz.



Editado pela Editora Vozes, em 1995, o livro faz uma reflexão sobre as últimas palavras de Jesus, ao partir para o Pai, deixando-nos como legado um monumento: as sete palavras, que se resumem nesta frase: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*”, pois as sete palavras foram ditadas por um coração cheio de amor. E Frei Luís nos exorta: “*Enquanto me revolto contra as minhas próprias limitações e não tenho a humildade de reconhecer a ‘minha verdade’, não terei a paz interior. No momento, porém, que eu me entrego ao meu nada e aceito a realidade, então começa em mim a verdadeira paz e equilíbrio. O orgulhoso nunca está com os pés no chão da verdade, fica sempre flutuando nas nuvens, fica sempre pretendendo algo acima de suas forças. O humilde, ao contrário, nada tem a perder, nem teme, porque estando em seu nada já perdeu tudo e está em paz com a sua realidade. Esta é a primeira condição para realmente nos abandonarmos a Deus: reconhecimento e aceitação de nossa própria incapacidade e de nossas limitações. Em seguida devemos ter a extrema e total confiança em Deus. Ao mesmo tempo que o nosso lado emocional nos arrasa, Deus aparece como nosso tudo, como nosso sustento e consolador*”

(p. 72). As tradicionais reflexões, por ocasião da Semana Santa, ganham um olhar muito inculturado por parte de Frei Luís, sempre mostrando os vínculos da paixão do Senhor com os sofrimentos dos operários e operárias.

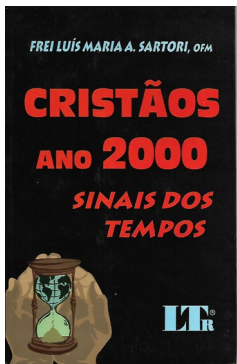
## CARTILHA DE LIBERTAÇÃO CRISTÃ



Em 1996, a Editora LTr editou esse livro, que foi criado como uma cartilha com páginas ilustradas, exatamente para facilitar o estudo do operário sobre a Doutrina Social da Igreja. O livro mostra como, em vários setores de trabalho, o homem pode se realizar desde que seja tratado com dignidade e justiça. Num tom coloquial e servindo-se de imagens e metáforas, Frei Luís discute muito bem a ideia da empresa desde a perspectiva de um espaço de comunidade. *“O PROBLEMA BÁSICO: é a estrutura que se monta em torno ou sobre o trabalho. E tal estrutura é montada de acordo*

*com a ideologia ou a FILOSOFIA DE VIDA que se tem para organizar a vida industrial. E tanto o COMUNISMO como o CAPITALISMO fazem todo um sistema girar em torno do LUCRO e do BEM-ESTAR ECONÔMICO E NÃO em torno do HOMEM CONSUMIDOR. Em resumo: A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL DO TRABALHO É A ESSÊNCIA DO PROBLEMA”* (p. 34).

## CRISTÃOS ANO 2000 – SINAIS DOS TEMPOS



Editado pela Editora LTr, em 1997, prefaciado pelo Bispo de Jundiá, Dom Amaury Castanho, o livro foi escrito após o trabalho de evangelização feito nessa cidade, com muito êxito e participação de operários, que depois formaram uma equipe e continuaram o trabalho em grupos incentivados pelo padre Venilton Calheiros. A obra nos ajuda a fazer uma comparação entre os sinais dos tempos, percebidos em 1997, e os que hoje contemplamos, em 2023. Percebendo os problemas de então, Frei Luís critica o ateísmo e a religiosidade insossa, apostando que *“em lugar desses dois extremos errados surge cada vez mais uma religiosidade popular*

*baseada na simplicidade da verdade de Cristo, uma cultura religiosa conhecedora dos mistérios revelados e uma vivência de sólida piedade”* (p. 59). Ao mesmo tempo, demonstra um sério compromisso com a justiça social ao problematizar a questão dos problemas vividos pela infância: pobreza, fome, desnutrição, exploração, trabalho infantil, dentre outros.



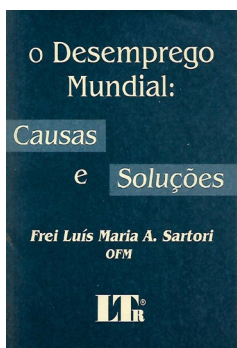
## PROCURANDO DEUS ENCONTREI JESUS



A ideia desta obra é muito interessante, porque ela mostra que nós passamos a vida inteira buscando conhecer Deus, mas na verdade só O encontraremos no dia em que nos encontrarmos com Jesus, o Filho, Aquele que nos revela o Pai. O convite é feito a todos, porém só os perseverantes e apaixonados é que chegam até o fim. A obra foi editada pela Editora LTr, em 1997. *“Quando Deus criador, em seu amor infinito, teve a ideia de criar alguém fora dele, seu principal objetivo foi o de comunicar este seu amor e sua felicidade infinita a este alguém. Para isto Deus quis unir a Si uma criatura sua. E,*

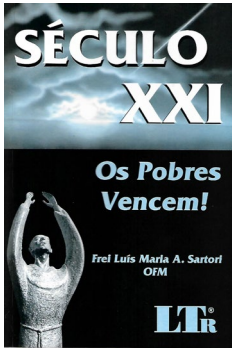
*como é de todo, ontologicamente, impossível a uma criatura atingir o Criador Infinito, tentando jogar uma escada que o levasse a este infinito, foi o próprio Criador que jogou esta escada do alto para baixo. Desde o início, em seu primeiro pensamento dirigido ‘ad extra’, ou seja para fora de Si, Deus, em seu plano primitivo de criar um reino de amor, pensou no ‘primogênito de todas as criaturas’, o ‘primogênito dentre os mortos’, para quem, por quem e em quem todo o restante da criação foi feito”* (p. 59). E complementa: *“Esta humanidade de Cristo, predestinada pelo Pai, em seu plano original, a ser Rei de todo o reino humano, predestinada independente de todo o pecado, predestinada a receber do Pai a plenitude dos tempos como um Rei glorioso e que por causa do pecado a ser apagado, veio como rei padecente, é esta humanidade de Cristo que é o EMANUEL, o ‘DEUS CONOSCO’. Dentro desta predestinação da humanidade do Cristo é que se compreende a necessidade infugível de passarmos, em nossa vida de caminhada para Deus, pelo homem - Jesus para chegarmos e tocarmos em Cristo-DEUS”* (p. 61)

## O DESEMPREGO MUNDIAL: CAUSAS E SOLUÇÕES



É um livro de tamanho pequeno, justamente para facilitar uma leitura popular para conhecimento e colaboração para o problema que foi refletido na Campanha da Fraternidade de 1999: o desemprego. A CNBB propôs como lema: “Sem trabalho... por quê?”. O livro se destinava a todos os interessados em conhecer a Pastoral do Mundo do Trabalho. É uma edição da LTr, de 1998, e cita 12 causas do desemprego e as possíveis soluções.

## SÉCULO XXI - OS POBRES VENCEM



Em 1999, o autor escreveu este livro, que foi editado pela LTr. Seu sonho era exatamente o descrito aqui: que os pobres possam viver com dignidade. Estamos no ano de 2023 e será que esse sonho está sendo realizado? O exemplo de São Francisco e Santa Clara dado pelo autor é válido ainda para o nosso tempo, mas nem todos os cristãos estão dispostos a partilhar os bens materiais com seus irmãos e irmãs para que todos tenham o necessário para viver com todos os seus direitos garantidos.

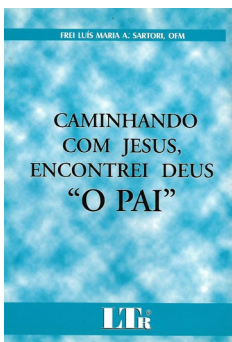
## CRISTO: CAMINHO, VERDADE E VIDA - CURSO DE FORMAÇÃO PRÉ-TEOLÓGICA DE PROFESSOR DE RELIGIÃO CATÓLICA



Este livro foi publicado pela Editora LTr, no ano 2000. Era um curso de religião por correspondência chegando a atender 15.000 alunos no Brasil, na Ilha da Madeira e até na África para formação de catequistas. Nele fica muito evidente o desejo de Frei Luís de transmitir em linguagem acessível as grandes questões da fé católica. Vivendo num contexto de profundas mudanças na cultura, o autor preocupava-se com uma preservação da fé no sentido mais profundo da expressão, ou seja, mantendo o que é essencial orientado pela Bíblia, Tradição, Magistério e, ao mesmo tempo, procurando

adaptar-se aos novos tempos.

## CAMINHANDO COM JESUS ENCONTREI DEUS, “O PAI”

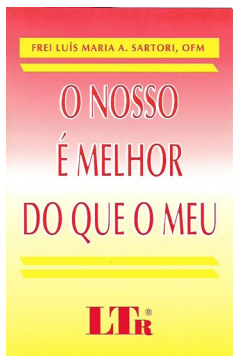


“Ninguém chega ao Pai a não ser por mim”, disse Jesus. A humanidade de Jesus é o caminho para participar da sua divindade. Não é a criatura que se eleva e por si atinge o infinito do Criador, mas foi o Deus infinito que enviou seu Filho ao mundo para que o homem se tornasse filho de Deus. Editado pela Editora LTr, em março de 2001, ao refletir sobre a parábola do grão de mostarda, Frei Sartori, de modo simples e numa linguagem acessível oferece aos fiéis uma perspectiva sobre a graça divina: “Ela vem de cima, mas entra tão sorradeira na alma e no coração humano que

o cristão tem que ter uma antena ou um radar todo especial, uma sensibilidade feita de humildade e docilidade que são as virtudes necessárias para aceitar o sopro do Espírito e cooperar com a sugestão divina. O toque da graça divina é

tão delicado e parece pequenino no coração humano, mas na prática esta graça é a sabedoria resultante desta aceitação que irá iluminar muitas outras almas que se abrigarão sob suas orientações” (p. 20).

## O NOSSO É MELHOR DO QUE O MEU



Muito bem inspirado, o autor colocou este nome em sua obra, que foi editada pela Editora LTr, em 2001: “O nosso é melhor do que o meu”. Ele transmite-nos a ideia de que, para saber quem sou eu, preciso conviver com o outro e que, só assim vamos compreendendo a humanidade e sua existência, quem nos criou e nos ensina a viver em comunidade a seguir a Comunidade Divina: Santíssima Trindade. Frei Luís leva essa questão às últimas consequências mostrando como o “nosso” também poderia impactar em um modelo econômico: “*O que se faz necessário na economia*

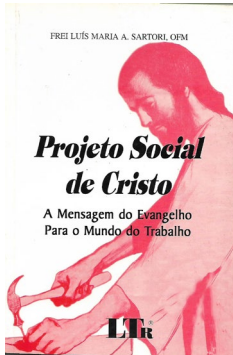
*é o fato de que a distribuição dos bens de consumo seja feita de modo que a maioria dos consumidores tenha acesso a eles. Aprendamos também que a pobreza é mais criativa ao lutar por aquilo que lhe falta em suas necessidades vitais, do que os ricos que se estabelecem comodamente em cima de sua abundância, fechando-lhes os olhos para as novas descobertas. E quando na economia abordamos o tema da justiça distributiva, aí vemos como o ‘nosso’ dos outros é atendido quando as nossas sobras vão lhe servir; quando fazemos que os bens de consumo são distribuídos sem exagero de doação para uns e de falta para outros; quando temos senso comum e discernimento para balancear a distribuição dos bens de acordo com as necessidades diversificadas” (p. 41)*

## JESUS ME ENCONTROU



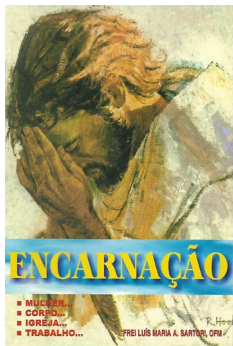
É um livro de preparação de crianças para a Primeira Comunhão e foi publicado pela Editora LTr, em abril de 2001. É atraente porque contém figuras coloridas e se desenvolve em forma de diálogo com crianças. Possui apenas 45 páginas e termina com um questionário para ser respondido. Nota-se certa transição do modelo de catecismo para uma proposição de uma catequese; portanto, conduz o catequizando a um conhecimento mais dialógico sobre as verdades da fé que o prepare para a adesão a Cristo Eucarístico.

## PROJETO SOCIAL DE CRISTO: A MENSAGEM DO EVANGELHO PARA O MUNDO DO TRABALHO



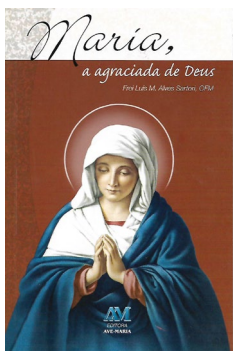
Com prefácio de Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns, Arcebispo Emérito de São Paulo, este livro mostra como a Doutrina Social da Igreja se encaixa nas situações do sistema de trabalho, ligando-o ao projeto social de Cristo e à mensagem do Evangelho. Foi lançado pela Editora LTr, no ano 2001. Nele, Frei Luís mostra-se em plena comunhão com a Igreja, atento ao que era publicado sobre a Doutrina Social e disposto a traduzir tais conhecimentos para os trabalhadores.

## ENCARNAÇÃO



A partir do mistério em que o Filho de Deus veio morar no meio de nós, o autor nos mostra como o modo de evangelizar encaminha as pessoas para viver o projeto de Cristo. Como bom franciscano que era, coloca um texto sobre São Francisco: como viver sem separação de corpo e alma, se identificando com o Filho de Deus Humanado. Foi editado em 2003, pela LTr Editora. Por mais que traga a densidade dos debates teológicos sobre a encarnação, Frei Luís deseja mostrar que somente indo ao encontro de Jesus, o Verbo Encarnado, o humano poderia alcançar a sua plena realização.

## MARIA: A AGRACIADA DE DEUS



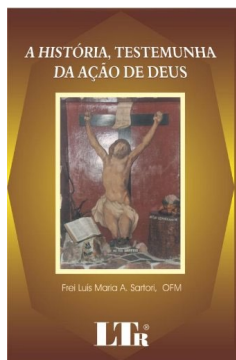
Neste livro, o autor destaca as atitudes de Maria que sempre disse sim à vontade de Deus e também mostra como agiram as mulheres, símbolos de Maria do Antigo Testamento. Editado pela Editora Ave Maria, no ano de 2004, a obra mostra como nossa querida Mãe soube, com serenidade, viver o seu sim dado à vontade do Pai, até chegar ao pé da cruz, onde seu filho entregou-se por nós. Seguindo uma sólida tradição espiritual, Frei Luís recorda figuras do Antigo Testamento que prefiguraram o papel de Maria. “*Maria foi simbolizada por várias mulheres de destaque no Antigo Testamento. Na igreja da visitação, na cidade de Ain-Karin, em Israel, onde moravam Zacarias e Isabel, no alto das paredes do corpo da igreja, existem pinturas das mulheres que foram símbolo de Maria*” (p. 53). Temos, por exemplo, uma bela recordação de Maria, como nova Eva. Ao refletir sobre Gn 1,27 que menciona a criação do homem e da mulher, Frei Sartori nos diz: “*Já aqui aparece Eva como símbolo de Maria que um dia iria gerar um ser humano que, por ser Filho de Deus, seria fonte divina para todos os futuros cristãos, ‘filhos de Deus’*” (p. 54).

## VIVENDO O CRISTO EM ISRAEL



Esta obra do Frei Luíz Sartori quer levar o leitor a se recolher mais nos mistérios da vida espiritual com Jesus, vivendo um pouco do que Ele viveu, andando pelos caminhos por onde Ele andou. Além de dar-nos um conhecimento do nosso Mestre e Senhor, nos ajuda a entender a repercussão que tem na humanidade nos dias de hoje. No final da obra, o autor, de uma maneira muito sábia, coloca músicas populares brasileiras: “Cantando Brasil em Israel”. O livro foi editado pelas Escolas Profissionais Salesianas.

## A HISTÓRIA, TESTEMUNHA DA AÇÃO DE DEUS



A História é realmente testemunha da ação de Deus, porque, pela nossa vivência, Deus vai agindo, mesmo que nós, pelo nosso modo de agir, nos desviemos do seu plano sagrado. Porém, os acontecimentos vão ocorrendo independente da nossa vontade. Nesta obra, são mostrados os pontos positivos em que podemos cumprir a nossa missão como colaboradores de Deus para que o mundo seja mais humano. Ao tratar da eloquência do silêncio na vida do cristão e incentivar para uma acolhida da Palavra na Bíblia, na Eucaristia e na oração silenciosa, Frei Luíz afirma: “O INFINITO DE

*DEUS está tão longe de nós - criaturas finitas e está tão próximo, tão dentro de nós, que sem ELE não existiríamos. Nós existimos PORQUE ELE é o criador continuado de nosso eu, é o conservador do universo diante do abismo do NADA. E, no entanto, entre este Infinito divino e esta Presença criadora, existe um abismo intransponível por nossas forças e que Jesus veio transpor para que nós também o trans-puséssemos. Que arte é esta de atravessar esse abismo que se encontra dentro de nós, cristãos batizados? Deus é espírito perfeitíssimo e infinito e quer se comunicar a nós, espíritos limitados. Cada um de nós é uma expressão de Deus, é uma palavrinha que Deus fala com seu poder criador e seu amor infinito. E como nós, pelo pecado original, não escutamos mais O QUE DEUS quer falar por meio de nós, temos que voltar ao Plano Original do Pai Criador, a saber: termos o Homem JESUS como nosso modelo, exemplo, ponte e fonte da divindade. E como JESUS é o VERBO, a PALAVRA eterna e infinita do PAI, é n’ELE que nós iremos escutar o QUE ELE quer dizer por meio de nós, em nós, como palavrinhas de DEUS. A arte pois é escutar a PALAVRA divina dentro de nós...”* (p. 96). A LTr editou o livro no ano de 2004.



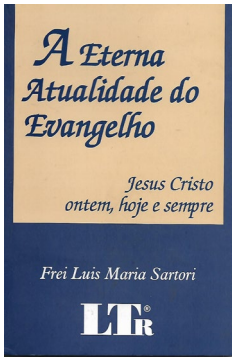
## EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO



*“Trabalho é tão essencial à natureza da pessoa humana que inclui quatro tipos de necessidades: 1. Necessidade fisiológica - para a saúde e desenvolvimento do corpo humano 2; Necessidade psicológica - para que cada um de nós encontre e tenha de fato um sentido para sua própria vida; 3. Necessidade sociológica - pois quem não vive para servir, não serve para viver; 4. Necessidade teológica - porque o trabalho é uma ordem divina, é a melhor fuga das tentações e é ótima correção de vícios. Quanto motivo para trabalharmos!” (p. 35).*

Editado pela Editora Santuário no ano de 2004, este é um livro que vem mostrar como se dá a evangelização no mundo do trabalho, procurando conhecer os problemas que são próprios dos trabalhadores. Mostra as mudanças de eras que já passaram e transformaram o sistema de trabalho, destacando que estamos agora na época da tecnologia. A obra questiona como será a evangelização hoje no mundo do trabalho?

## A ETERNA ATUALIDADE DO EVANGELHO

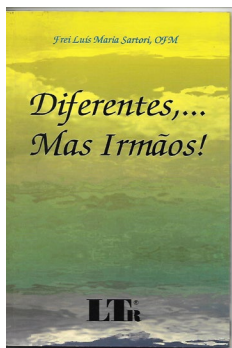


Da Editora LTr, editado em 2007, o livro defende que o Evangelho é sempre atual, porque Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre. Como pôr o seu projeto em prática? De acordo com a sociedade atual, a Igreja vai orientando os fiéis para que, dentro da Doutrina Social da Igreja e do Evangelho, vejam a atualidade da Palavra, porque é Palavra de Vida para todos. Isso é o que o autor mostra através dos textos. Frei Sartori reflete sobre temas que tocam diretamente a vida das pessoas. Ao tratar sobre o libertinismo e a liberdade, o autor propõe uma ética que nasça da liberdade:

*“Devemos então dizer que a liberdade é ‘querer o que eu devo’ mas não ‘fazer o que eu quero’. Isto nos mostra a responsabilidade e a nobreza da liberdade que deve estar sempre de acordo com a verdade. Pois querer algo errado ou mentiroso é escravidão. [...] Liberdade e verdade devem sempre andar de mãos dadas, bem juntinhas. E no plano natural isto já é uma verdade, mais ainda quando vivemos no plano sobrenatural de filhos de Deus tendo a Fé e a Esperança nos guiando para a caridade” (p. 55).* Nesse tópico Frei Luís ainda aponta para uma série de problemas sociais que surgem devido à falta de um compromisso com a verdadeira liberdade.



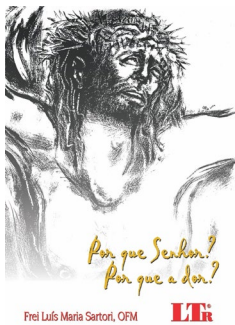
## DIFERENTES,... MAS IRMÃOS!



Se olharmos a diversidade com que Deus criou o ser humano, veremos o quão ricos somos. Há incalculáveis diferenças entre as pessoas, mas Jesus nos fez todos irmãos e nos ensinou que devemos servirmos uns aos outros com as nossas qualidades para que a comunidade fique enriquecida. Isso é o que o autor quer mostrar neste livro editado em 2008, pela LTr Editora Ltda. Ao refletir sobre o trabalhador e sua relação com a sociedade, diz-nos Frei Sartori: “*Dessa forma, a solução da maioria dos gravíssimos problemas da miséria encontra-se na promoção de uma verdadeira civilização do*

*trabalho. De certa forma, o trabalho é a chave de toda a questão social. É, pois, no campo do trabalho, que deve ser compreendida, prioritariamente, uma ação evangelizadora na liberdade. Uma vez que a relação entre pessoa humana e trabalho é radical e vital, as formas e modalidades que regulamentam tal relação exercerão uma influência positiva, em vista da solução do conjunto de problemas sociais e políticos que se apresentam a cada povo, relações de trabalho justas prefigurarão um sistema de comunidade política apto a favorecer o desenvolvimento integral de toda a pessoa humana. Se o sistema de relações do trabalho, posto em funcionamento pelos protagonistas diretos, trabalhadores e empregadores, com o indispensável apoio dos poderes públicos, consegue dar origem a uma civilização do trabalho, produzir-se-á, então, na maneira de ver os povos e até nas bases institucionais e políticas, uma profunda revolução pacífica” (p. 40).*

## POR QUE SENHOR? POR QUE A DOR?



O pecado não era do mundo e por esse ou aquele motivo entra no mundo para ficar. Por isso a dor e o sofrimento começam também a fazer parte da vida humana, talvez para nos fazer situar que Jesus sofreu como nós, ele lutou para evitar a nossa dor e o sofrimento. Quem sabe não seja o caminho que nos levará de volta à estrada da vida ao grande encontro com Jesus, que nos levará ao Pai. Este livro foi editado pela Editora LTr, em dezembro de 2009.

Ao refletir diretamente sobre o problema do mal no mundo, Frei Luís Sartori nos recorda: “*A vossa Majestade, ó PAI, foi ofendida! Mas a vossa Misericórdia nos perdoou! Por que ainda o sofrimento? DEUS nos fez para a felicidade, para o amor, para a paz! Por que então tanto sofrimento? Que plano teve em mente DEUS ao fazer do nada todas as criaturas? Por que, para que, como DEUS as criou? DEUS, por sua própria natureza e bondade infinita, não pode ter colocado o pecado como centro principal de seu plano criador. O plano de DEUS só pode ter sido*

*elaborado com um objetivo positivo, de bondade, de perfeição, de paz, de harmonia e de perfeita paz. Quem “borrou” esse plano foi o ser humano, ao abusar da liberdade da vontade a ele dada pelo Criador. E o plano divino foi o seguinte: a Trindade Santíssima, em sua infinita natureza e vida íntima, desfruta de uma felicidade infinita e eterna, sem princípio e sem fim, vivendo somente o presente que Lhe é próprio e exclusivo. E, como infinito, DEUS, que não tem nada fora de Si, em um gesto de infinito e incompreensível amor, quis criar e conservar diante do abismo do nada criaturas a quem pudesse comunicar este Seu amor e esta Sua felicidade infinita” (p. 9).*

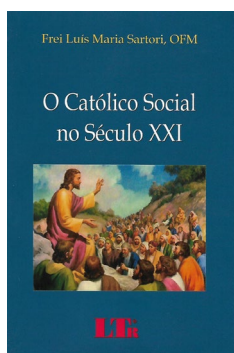
## O TRABALHO, O HOMEM E A HISTÓRIA



Editado pela LTR Editora, em 2010, este livro mostra ao leitor, de uma maneira muito clara, o que realmente é a Pastoral Operária e como inserir o Evangelho neste abrangente mundo do trabalho. Por causa da complexidade dos fatos ocorridos na História, não é tão simples viver dentro de uma empresa a vida cristã sem conhecer a Doutrina Social da Igreja e a atualidade do Evangelho. Mas, Frei Luís, em comunhão com a Igreja, dedicou-se também a questões teológicas, como por exemplo a discussão sobre a relação entre razão e fé cristã. Diz ele nesta obra: “*não pode haver contradi-*

*ção entre a ciência e a fé, pois onde termina a ciência começa a fé; a fé envolve a ciência completando-a, elevando-a. Quando na história surge uma aparente contradição entre as duas, é ou porque a ciência ainda não chegou a conclusões últimas e definitivamente certas, ou a fé está sendo mal explicada ou aplicada com invasão de terrenos que ainda pertencem mais à ciência do que a ela. O erro então não seria da fé, e de seu conteúdo revelado, mas da explicação ou da aplicação que este ou aquele homem faz da fé. Enfim, resumindo numa feliz harmonia de quem não gosta muito de discutir filigranas homéricas de distinções abstratas, mas de quem quer resolver as relações entre a ciência e fé por meio de uma vivência intensa desta mesma fé, poderíamos dizer que **TODO MISTÉRIO DA VIDA É RESOLVIDO POR QUEM VIVE A VIDA DO MISTÉRIO**, ou em sua contrapartida: a vida do mistério divino resolve todo o mistério da vida humana” (p. 24).*

## O CATÓLICO SOCIAL NO SÉCULO XXI



Preocupado com as transformações sociais e perspicaz em captar os dilemas do tempo presente, o autor, neste livro, fala de como várias características do passado permanecem todas, ao mesmo tempo, nesse século XXI, desafiando-nos a superar velhos problemas e a enfrentá-los dentro de um espírito cristão. Frei Luís cita documentos da Igreja como do Papas: Leão XIII, João XXIII, Pio XI, Pio XII, Paulo VI, e textos do Antigo e Novo Testamento. O livro é editado pela LTr Editora, no ano de 2010.

## FORMAÇÃO BÁSICA DO TRABALHADOR

Frei Luís Maria Sartori, OFM  
FORMAÇÃO BÁSICA  
DO TRABALHADOR –  
FATOS DA NOSSA  
REALIDADE ATUAL  
Pastoral do Mundo do Trabalho



Para facilitar o estudo ao operário, este livro de apenas 40 páginas relaciona os fatos da realidade atual com as possíveis soluções com o conhecimento da Doutrina Social da Igreja. A obra mostra a relação que há entre a classe trabalhadora, que não se pode separar do objetivo do trabalho, e a vida comunitária, que deve estar dentro do ambiente da empresa, e que “exige as virtudes da justiça e da caridade”. Este livro foi impresso pela LTr Editora, em maio do ano 2011. Ao abordar a Teologia da Esperança como eixo da vida cristã, Sartori afirma: “*Se Deus fala e cumpre sua palavra,*

*nós respondemos com o compromisso. Se Deus em amor morre por nós, nós devemos nos entregar a Ele. Com o coração eu creio e com a palavra eu confesso e garanto a salvação. Os salmos são hinos de esperança: no começo se queixa, no meio pede a Deus a graça e no fim agradece o favor concedido. Dentro de nós e fora de nós temos tudo contra a Fé e Esperança. Naturalmente procuramos o misterioso, o algo mais, mas o rejeitamos quando o encontramos em Cristo crucificado. Nunca há tantas razões para se confiar em Deus quando só temos razões para desconfiarmos dos homens. A confiança, o abandono nas mãos de Deus, é a plenitude da esperança. A Fé convive com todas as dúvidas, mas as supera. A esperança convive com os desesperos humanos, mas os supera”* (p. 12-13).

## A POESIA CRISTÃ DA VIDA



Jesus, com palavras e a própria vida, nos diz que o homem foi criado para ser feliz; por isso, as dificuldades do dia a dia não nos devem tirar a paz. Aqui o autor expõe um livro de poesias para que, ao ler estas lindas páginas, elas nos ajudem a superar com fé e esperança os obstáculos que necessariamente aparecem no nosso cotidiano. Foi impresso pela LTr Editora em maio de 2012. Recordamos que a tradição poética fazia parte da família Sartori e, de forma muito delicada, Frei Luís usa de uma das páginas para,

parece-nos, responder no mesmo grau poético à homenagem que sua mãe lhe prestou por ocasião da ordenação.

Ilustração: Poema em homenagem a D. Alzira Sartori

## À MÃE QUE FOI PARA O CÉU

Mãe! quem falou a asneira que tu morres?  
Teu seio que me guardou um dia  
Durante minha vida em coração se transformou  
E dele, mesmo já no céu, tu jamais me libertarias!

Tu que a mim destes a vida  
Para mim jamais estarás morta  
No mundo, és a fonte viva mais querida  
Que mesmo de lá do céu, os vivos de cá confortas

As lágrimas que por vezes de Saudades por ti derramo  
São aquele sangue de vida e de amor de ti saído  
Que conserva unido meu coração que te ama  
Ao teu que não consegues ficar de mim esquecido!

Eu, na terra, sempre dentro de ti estarei  
Como tu, lá no céu sempre junto a Deus  
Do Pai obrigada a abraçar-me pela lei  
Que a mãe jamais separa dos filhos seus.

Teu seio que para vida me gerou  
Teu coração que sempre me amou  
Teu peito que me amamentou  
jamais secarão a fonte linda  
porque de amor riqueza infinda  
serão sempre na terra a coisa mais linda.

Tua missão, ontem, hoje e amanhã  
Será sempre gerar e sustentar a vida!  
No céu, creio que continuas no afã  
De tirar de Deus dons pra minha lida!

Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário

# *Missionárias de Cristo Operário que nos precederam*

*Ir. Wilma Manoel*

**A**o recordar o centenário do nascimento de Frei Luís Maria Sartori, queremos deixar também um registro daquelas que com ele atuaram, as irmãs Missionárias de Cristo Operário, e que hoje celebram o reino na casa do Pai. Ao fazermos memória dessas religiosas, queremos, mais uma vez, reconhecer com gratidão tudo o que Deus realizou pela mediação de Frei Luís, ao suscitar no coração daquelas jovens o desejo de seguir a Jesus num compromisso claro com o Evangelho, desde uma perspectiva que contemplava o mundo do trabalho.

Nas vidas das religiosas, perpassam os ensinamentos de Frei Luís e os vínculos fortes de uma Igreja destemida, que colocava-se a serviço do operariado brasileiro. Lendo as breves biografias, os leitores poderão experimentar o quanto o trabalho iniciado por Frei Luís e desenvolvido em parceria com as irmãs deu frutos diversos, explicitando também muito de um momento histórico da vida dos trabalhadores. A presença das religiosas em todos os momentos - desde o trabalho na indústria, na formação dos operários, nas greves, até ao auxílio mais emergencial - é testemunho de uma atuação séria, fortemente embasada nos princípios cristãos e coerente com a escolha de vida que fizeram.

## ***IR. MARIA IRIS VENCHIARUTTI<sup>1</sup>***

Ir. Maria Iris Venchiarutti nasceu na cidade de Amparo - SP, no dia 14 de março de 1933. Veio morar em São Paulo e trabalhava num escritório. Aos vinte anos começou o namoro com um rapaz, ficou noiva e estava para se casar. Vejamos como ela nos deixou sua vivência por um escrito: “mas havia sempre aquela dúvida dentro de mim: é isso mesmo que eu quero? Não, não era! Por mais filhos que eu tivesse, meu mundo seria sempre pequeno. E, quando cheguei a essa conclusão, aquilo que sempre desejara fazer despertou em mim. Eu era a única mulher de cinco filhos, mas não houve qualquer empecilho. Aprontei

---

<sup>1</sup> Algumas das informações foram recolhidas do Jornal Tribuna de Petrópolis.



as malas para entrar no Convento, o qual pertencia à Congregação do Colégio onde estudara, mas, na última hora, resolvi entrar para a Congregação das Missionárias de Cristo Operário, pois já conhecia Frei Luís Maria Sartori desde meu tempo de Ação Operária Católica. Era isso exatamente o que eu queria fazer: consagrar-me a Deus e também viver os problemas dos trabalhadores e ajudar a solucioná-los. Para mim, justiça social representa diálogo entre patrões e empregados, e essa é uma das finalidades do nosso trabalho: elevar ambos a Cristo para que se conheçam e se entendam através do diálogo”.

Ir. Iris entrou para a Congregação em 1962. Trabalhou inicialmente, após fazer os votos na Congregação, aqui em São Paulo em algumas Comunidades. Depois foi para Ouro Preto, trabalhando em Comunidades de Casais e Comunidade de Trabalhos de Costura, criada pela Pastoral do Mundo do Trabalho. Alguns anos depois, foi designada Superiora Geral da Congregação, em 1967, e veio para a Casa-Mãe aqui em São Paulo. Juntamente com as Irmãs Rosa, Efigênia, Mari José, Heny, Estela, Carmem e Araci Passos promovia Cursos de Doutrina Social da Igreja e Comunidades de Casais Operários nos bairros Perus, Brasilândia, Cangaíba, Vila Penteado, Jardim Miriam, Jd. Brasil, Parque São Lucas, Água Funda e retiros espirituais na Casa de Retiro de Embu Guaçu.

Terminado seu mandato em São Paulo, foi designada para a Casa de Petrópolis, em 1974, onde, fazendo o mesmo tipo de trabalho apostólico, trabalhou também profissionalmente como Assistente Social na fábrica de caldeiras ATA, onde já havia um grupo de operários engajados. Em Petrópolis, foi feita evangelização também na indústria de cerveja Boêmia, com a colaboração dos frades franciscanos. Juntamente com os operários construiu a Casa de Retiro no Bairro do Brejal. Em 1990, foi eleita, por dois mandatos consecutivos, 1ª Ouvidora do Povo de Petrópolis, cargo sem remuneração criado pela Lei Orgânica de Petrópolis, promulgada a 7 de abril de 1990, e regulamentado pela Lei Municipal 4724, de 28 de maio de 1990. O Art. 7º da Lei Orgânica prescreveu sete funções específicas a serem exercidas pelo Ouvidor, entre elas a de defender os munícipes contra ilegalidades e abusos de poder por parte das autoridades públicas sediadas no Município e a de controlar, em nome do povo, os atos do Poder Público Municipal. Segundo esse mesmo artigo, “ficará sujeito à pena de responsabilidade qualquer autoridade pública municipal que se negar a fornecer em 30 dias no máximo informação solicitada pelo Ouvidor”. Em seu 4º Art.: “A essa Lei garante ao Ouvidor o uso da palavra da Tribuna da Câmara uma vez por mês, por 20 minutos, para tratar de assunto de interesse público. O discurso do Ouvidor constará em Ata e não serão permitidos apartes dos vereadores à fala do Ouvidor”. Recordamos essas funções para mostrar como a presença de Ir. Iris era importante e permitia, no contexto legislativo municipal, um acesso para defender os mais necessitados, especificamente, os trabalhadores.

Eleita para o 3º Mandato, dois meses depois, Ir. Iris renunciou ao cargo com um documento oficial que foi lido na Câmara. Segundo o ofício que foi destinado ao presidente da Câmara, Jorge Barenco, Ir. Iris alega que abandonou a Ouvidoria por não suportar as “pressões da oposição”. Ela acrescenta na carta que foi criticada por muitas vezes por fazer o bem e também que “a gente apanha porque não faz, mas também leva na cabeça porque faz”. Por fim pede desculpas ao presidente da Câmara, pelos “entraves burocráticos que o gesto possa vir a causar”. O vereador Jorge Barenco encaminhou o caso para o setor jurídico da Casa Legislativa, a fim de que um novo Ouvidor fosse eleito nas semanas seguintes.

Alguns anos depois Ir. Iris, que já era diabética, foi ficando debilitada, perdendo a visão e adquirindo outros problemas por causa da diabetes, tendo estado hospitalizada algumas vezes. Com o agravamento da doença, acabou falecendo no dia 27 de novembro de 1999.

### ***IR. WILMA FERNANDES***

Ir. Wilma Fernandes nasceu em São Paulo - SP, no dia 02 de outubro de 1930. Seus pais eram José Fernandes e Maria do Carmo Jesus. Sua família era composta de dois irmãos e uma irmã e ela tinha vários sobrinhos que a visitavam de vez em quando.

Quando entrou para a Congregação, queria continuar estudando, mas não lhe foi permitido. Contudo, era uma pessoa autodidata, muito estudiosa e gostava muito de ler. Em 1963, juntamente com a Ir. Laura fundou a Casa de Mogi das Cruzes, no Bairro da Vila Industrial e trabalhou na COSIM (Companhia Siderúrgica de Mineração) fazendo trabalho tanto profissional quanto apostólico. Elas moravam no mesmo bairro, em casa cedida pela mineração, e inaugurada no dia 1º de janeiro de 1964. Na casa, estava presente o sacrário, com o Santíssimo Sacramento, onde estava escrita a frase “TUA PRESENÇA, OH JESUS, ME INSPIRA E ME CONFORTA”. Ele representava o Monte Calvário, com pedras incrustadas e feito com material rústico. No altar, os dizeres: “POR CRISTO, COM CRISTO, EM CRISTO”. Ainda adornava a capela um Jesus crucificado, sendo a cruz um tronco de árvore. Tudo foi idealizado por Frei Luís Maria, o que era percebido em cada detalhe, “feito com amor para o Amor”.

Nessa casa, a Ir. Wilma morou por alguns anos, porém, anos depois tiveram que se mudar, por não terem sido aceitas pelo pároco da Vila Industrial. Houve muitas dificuldades e desgostos por parte dele. Então, D. Paulo, que havia convidado as Irmãs para irem para Mogi, resolveu a situação levando-as para morarem numa casa junto à Igreja São Benedito, no Centro da cidade.

Ir. Wilma ficou alguns anos morando nessa casa, depois veio para São Paulo para, juntamente com a Ir. Rosa, fundarem uma casa na Água Funda,

também em São Paulo. Ficou aqui alguns anos e voltou para Mogi das Cruzes. Contudo, em Ouro Preto, estavam precisando de uma irmã para cuidar da casa de lá, pois ela seria fechada. D. Luciano, que era Bispo na época, pediu para que não a fechassem dizendo: “você lançaram a semente aqui e é bom que continuem cultivando-a!”. Por isso, em 1995, a Ir. Wilma pediu para que fosse transferida para Ouro Preto para lá continuar o trabalho missionário.

Ela era baixinha, de cor parda, por isso o depoimento: “A pequenina é fogo: sobe e desce a ladeira da cidade há anos. É uma articuladora nata e sofre ao ver seus planos, discutidos em reunião, mudados. Sua ânsia de ver um mundo mais justo a faz se dedicar ultimamente à Pastoral Operária, já sendo representante a nível nacional. É amiga de quase toda Ouro Preto. Seu sonho maior é fazer uma boa reforma na Casa de Retiro no Morro de São João. Ir. Wilma é uma lutadora. Quando se espera que esteja em Ouro Preto, ela telefona de outra parte do Brasil para nos convocar ao trabalho. Encontramo-nos no Movimento Fé e Política e, de luta em luta, nos tornamos amigas e nos aceitamos como somos. Almoçamos juntas, às vezes, e trocamos experiências. Ela tem muito a ensinar, inclusive dançar, sei o quanto gosta. As crianças a chamam de “Vivi”. Suas atividades, além da Pastoral Operária, eram Fé e Política, Movimento da Moradia Popular e Centro Social da Solidariedade. Do convívio com parentes e amigos era o que mais gostava, dizendo: ‘tenho amigos de infância e me alegro muito ao encontrá-los, gosto de ler, de música, de dançar, gosto de apreciar a autenticidade das pessoas’. Seu sonho era que houvesse pão em todas as mesas, saúde, educação, moradia digna para todos e dizia que sua maior alegria era o dia em que entrara para a Congregação. E deixava um recado para os políticos: ‘as pessoas que ocupam cargos públicos, em todos os níveis, municipal, estadual e federal: olhem para o povo a quem devem servir, pois para isso foram eleitos; e menos para suas carreiras políticas’. Este depoimento foi colhido do livro *O Jardim dos Girassóis*<sup>2</sup>, escrito por Graça Andreatta e editado pela Editora Dom Viçoso, com o qual Ir. Wilma colaborou, por meio de entrevistas com várias mulheres. Ela gostava também de escrever artigos para algum jornal e revista. Um deles é sobre a vida religiosa: “VIDA RELIGIOSA: UM DOM DE DEUS. Vida religiosa é consagrar-se a Deus, respondendo a uma vocação, a um chamado. É comprometer-se ao seguimento do Cristo (consagrado) que o Evangelho nos apresenta, sendo obediente, casto (celibatário), pobre, missionário e orante”.

A Igreja perpetua, no espaço e no tempo, a Missão de Jesus, rico em misericórdia para com todos, mas principalmente para com os mais pobres: vestir aos nus, saciar os que têm fome e sede, dar assistência aos doentes e encarcerados,

---

2 ANDREATTA, Graça. *O Jardim dos girassóis*. Ouro Preto: Editora Dom Viçoso, 2004, p. 28-29.

acolher os peregrinos (migrantes), socorrer a ovelha perdida, atender aos que solicitam ensinamentos, conselhos, apoio. Os Religiosos e Religiosas participam ativamente dessa Missão da Igreja, pois, em sua vida de consagrados, proclamam o Evangelho em obras apostólicas e em serviços de caridade. Para isso assumem as mais diversas tarefas: em hospitais, escolas, creches, orfanatos, abrigos para todos e nas mais diversas pastorais. Muitos Religiosos (homens) assumem também o estado sacerdotal, e alguns são sagrados Bispos. Mas, acima de tudo, a profissão dos Religiosos, na Igreja e no mundo, é o de ser sinal de uma busca constante de Deus, de um amor apaixonado e apaixonante pelo Senhor Jesus e de uma dedicação absoluta em construir o seu reino, além de ser sinal que aponte para o eterno, que lembre ao homem seu destino eterno em Deus. O povo cristão precisa de homens e mulheres que, na sua alegria de pertencer e servir ao Senhor Jesus, proclamem que a felicidade completa só se encontra no infinito Amor a Deus. Ir. Wilma ficou doente, mas ainda caminhava. Estava sendo esperada em São Paulo, onde viria passar as festas de fim ano, porém, não conseguiu e foi levada ao hospital. Lá, não resistiu a uma infecção bronco respiratória e pneumonia e acabou falecendo no dia 22 de dezembro de 2010. Seu corpo foi enviado para São Paulo e está sepultado no Cemitério de Pinheiros, na Zona Norte.

### ***IR. ROSA FÔLEGO***

Ir. Rosa Fôlego nasceu em Pedreira - SP, no dia 06 de maio. Antes de entrar na Congregação, trabalhava na metalúrgica de rádio Ultrassino. Depois de feita sua iniciação, começou a evangelizar nas comunidades de casais, no Bairro de Cangaíba e no Parque São Lucas. Tendo sido enviada para Petrópolis, com a ajuda de operários, conseguiu construir num terreno em comodato feito com as Monjas Beneditinas. Como trabalho profissional, era costureira, fazendo todas as costuras da casa. Além dessas atividades, cuidava das plantas, atividade da qual ela mais gostava, principalmente se as rosas fossem vermelhas. Também tinha uma máquina de tricô e tecia qualquer peça. Posteriormente, era auxiliada nesse serviço por uma nova missionária, Araci Passos. Depois de ter sido fundada uma nova casa na Água Funda, bairro de São Paulo, ela foi transferida e juntamente com a Ir. Wilma Fernandes, lá criaram novas comunidades de evangelização do Mundo do Trabalho. Muitos anos depois, voltou a morar na Casa-Mãe, indo trabalhar na Casa Dom Macário, escola de menores carentes fundada pelo beneditino Dom Afonso.

Ao completar 80, anos recebeu uma homenagem com celebração da Santa Missa, da qual participaram membros de sua numerosa família. Era a única em São Paulo que dirigia a Kombi. Então, levava os operários para os retiros e, também, as missionárias para onde fosse necessário. Era ela, ainda, quem fazia as compras da casa.

Ao completar seus 90 anos, também recebeu uma bonita homenagem com a celebração da Santa Missa. Logo depois, adoeceu, tendo insuficiência respiratória e Alzheimer. Faleceu no hospital no dia 21 de fevereiro de 2012.

### ***IR. YOLANDA REIS DE ALMEIDA***

Nasceu em Niterói, em 25 de fevereiro de 1917. Lá, conheceu Frei Luís quando ele - com a ajuda de membros da JEC, JUC, JOC, da Ação Católica - conseguiu realizar a primeira Semana Social Católica, na Paróquia e Santuário do Salesianos, terminando com um coro falado muito elogiado pelos participantes. O sucesso dessa Semana Social despertou no padre provincial da Província da Imaculada Conceição o desejo de enviar Frei Luís para fazer o trabalho no Convento Santo Antônio do Pari. Ir. Yolanda nunca deixou de acompanhá-lo na evangelização.

Mais tarde entrou para a Congregação. Foi minha mestra quando aqui entrei em 1997. Como profissional, era professora de Matemática no segundo grau, embora também fosse muito boa em Língua Portuguesa, por isso estava sempre ajudando as pessoas a falar e escrever corretamente. Ficou alguns anos ligada à Comunidade Cristo Operário de São Paulo, depois voltou para Niterói e, tendo sido fundada a casa de Petrópolis, ia toda semana a fim de colaborar com o trabalho das Missionárias de lá. Estava sempre em contato com os seminaristas franciscanos e diocesanos e vinha com eles para os Retiros, aqui em São Paulo, para as Semanas Sociais e para a Convivência de Capacitação Social.

Onde houvesse trabalhadores, ela os procurava, para conversar sobre a Doutrina Social da Igreja e seus problemas do interior da empresa. Trabalhou na Comunidade de Perus e do Cajamar, entre os “Queixadas” que estavam em greve da Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus (CBCPP). Essa greve dos “Queixadas” durou cerca de 07 anos, marcando muito a história do bairro e do movimento sindical do país<sup>3</sup>.

Mesmo morando em Niterói, descia semanalmente para Petrópolis para formação dos operários ou para organizar os retiros. Quando Ir. Iris faleceu, a casa que tinha sido construída no terreno cedido pelas beneditinas teve que ser entregue de volta a elas por ordem judicial, mas Ir. Yolanda continuou o trabalho junto aos operários para fazer o trabalho de evangelização na Casa de Retiro e na Casa da Cidadania. Após o afastamento dos operários, ela parou seu trabalho lá.

Tendo ficado doente e sido internada, faleceu meses antes de completar 100 anos, aos 05 de julho de 2017.

---

3 Acerca da Greve dos Queixadas ver textos que recordam a importância desse movimento: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/intervencoes-greve-queixadas-perus/>; <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/a-licao-dos-queixadas/>; <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/web-stories/queixadas/>; [https://issuu.com/beatrizmaciel28/docs/revista\\_e\\_materia\\_greve\\_queixadas\\_esse\\_ofinal](https://issuu.com/beatrizmaciel28/docs/revista_e_materia_greve_queixadas_esse_ofinal)

**Ilustração: Ir. Yolanda Reis de Almeida**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

### ***IR. MARIA SERAFIM***

Ir. Maria nasceu no dia 12 de outubro, no distrito de Piranga de Ouro Preto, em Minas Gerais. Entrou para a Congregação alguns anos depois da fundação e, quando foi fundada a casa de Mogi das Cruzes, foi transferida para lá, morando com as Irmãs Laura e Wilma Fernandes. Tinha pouca cultura escolar e não continuou seus estudos. Trabalhava somente no cuidado da casa e ajudava na cozinha, durante os retiros. Ficou em Mogi das Cruzes muitos anos, porém contraiu hanseníase e foi preciso internar-se no hospital. Durante esse tempo, foi orientada pelo padre que lá trabalhava a recolher o INSS, a fim de que conseguisse se aposentar, o que aconteceu tempos depois.

Quando estava livre da doença continuou como voluntária no hospital, sendo contratada logo em seguida. Acabou se casando lá e foi-lhe cedida uma casa para morar com seu marido, dentro do território do hospital. Tempos depois, ficou viúva e se casou novamente. Seu segundo marido, depois de alguns anos, faleceu. Seus pais, posteriormente, vieram de Minas para serem caseiros na Casa de Retiro de Embu Guaçu. Quando não tinham mais condições de cuidar de tudo, a Congregação comprou um terreno no Bairro de Valflor e construiu para eles uma casa e Ir. Maria continuou a trabalhar no hospital.

A última vez que eu e a Ir. Laura fomos visitá-la, estava com cuidadora em tempo integral, porque não tinha mais condições de ficar sozinha, além de estar com Alzheimer. Pouco tempo depois, quando um operário, o Vítor foi vê-la, soube-se que ela havia falecido.



***IR. ARACY ANTINORI***

Nasceu em São Paulo no dia 07 de dezembro de 1920. Entrou logo no início da Congregação, no ano de 1959. Foi Superiora Geral durante uns anos aqui em São Paulo, trabalhando em várias comunidades, inclusive com os Queixadas durante uma greve da Fábrica de Cimento Perus, que durou sete anos.

Depois, foi para Ouro Preto para lá fundar uma nova casa. Criou um artesanato com mulheres que costuravam para a Fábrica Alcan Aluminas do Brasil, que era muito bem quista por seus operários, uma vez que eles não haviam percebido ainda que muitos ficavam doentes por causa da poluição do pó que dela saía. Ir. Araci era muito ativa no seu trabalho de evangelização e cursos de Doutrina Social da Igreja, preocupando sempre com a formação e orientação do pessoal da fábrica.

Devido à eficiência de seu trabalho, após seu falecimento, em São Paulo, em 19 de abril 1980, os operários solicitaram à Prefeitura que pusesse o nome dela numa rua no bairro Padre Faria. Infelizmente, com o passar dos anos o nome da rua foi modificado.

***IR. ADÉLIA NAKAD HADAD***

Ir. Adélia nasceu em São Paulo, tinha um irmão e duas irmãs e foi também co-fundadora da Congregação. Trabalhou na evangelização, aqui em São Paulo, durante alguns anos.

Quando foi fundada a casa de Ouro Preto, foi transferida para lá, juntamente com a Irmã Araci Antinori. Trabalhava ajudando também no artesanato e no apostolado nas comunidades.

Ao voltar para São Paulo, trabalhou na oficina de roupas de seu irmão e, depois de alguns anos, resolveu sair da Congregação. Esteve internada por ter adquirido câncer e logo depois faleceu em 05 de agosto de 1992.

***IR. CARMEM MYRIAM KRAEMER***

Ir. Carmem nasceu em 16 de julho. Seu pai era alemão e a mãe, mineira. Estudou curso primário, colegial e fez Teologia. Trabalhou na Frente Nacional dos Trabalhadores com Dr. Mário Carvalho de Jesus e foi co-fundadora da Congregação, e primeira Superiora Geral. Ela trabalhou também nas comunidades de Perus, com os grevistas da Fábrica de Cimento Perus (os Queixadas), e nas comunidades aqui de São Paulo. Ir. Carmem e Frei Alamiro são mencionados em documento do Serviço Nacional de Informações, órgão da ditadura em São Paulo, por terem participado de uma reunião no Convento dos Dominicanos em

25 de junho de 1982. Isso demonstra o grau de engajamento da religiosa<sup>4</sup>.

Depois de alguns anos, deixou a Congregação e se tornou leiga consagrada, através de Dom Paulo Evaristo, indo morar na favela, para onde também foi Frei José Alamiro. Lá, conseguiram fazer um bonito trabalho, levando os moradores a transformarem a sua moradia e a terem consciência de seus direitos e deveres, transformando o ambiente da favela da Brasilândia, onde continuou morando. Uma vez por mês, vinha para os Encontros, que eram feitos com operários aqui em nossa casa. Ao final, adoeceu e faleceu, deixando um bom testemunho de vida cristã junto aos marginalizados. Faleceu em 23 de março de 2015.

**Ilustração: As religiosas Carmen, Adélia e Aracy em atuação pastoral**



**Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário**

***IR. MARIA JOSÉ SANTOS***

Ir. Maria nasceu no dia 13 de agosto, em São Paulo. Antes de entrar para a Congregação, morava na favela com a mãe e o irmão. Já na Casa-mãe, era responsável pelas tarefas diárias e, como não trabalhava fora, cuidava do Sacrário com o Santíssimo. Morou um tempo na Casa de Retiro no Valflor com a Ir. Heni e depois foi transferida para Petrópolis, para, junto com a Ir. Iris, fazer o trabalho de evangelização.

Quando sua mãe ficou sozinha, devido à morte do irmão, ela veio morar na Congregação. Mais tarde, foi para Petrópolis e, anos depois, saiu da Congregação, indo morar com suas sobrinhas. Tempos depois, solicitou reingresso e foi aceita. Porém, saiu novamente e casou-se com um argentino que havia conhecido. O novo casal participava dos encontros mensais feitos pela Congregação.

Ir. Maria faleceu há alguns anos.

*Frei Luís aos olhos de  
Dom Luiz Flávio Cappio  
Um posfácio para continuar  
a caminhada*

**S**ou Frei Luiz Flávio Cappio, OFM, bispo emérito da Diocese de Barra na Bahia, nascido na cidade de Guaratinguetá, em São Paulo, em 04/10/1946. Minha família é de origem italiana. Meu pai, trabalhador em fábrica de tecidos; minha mãe, doméstica. Sou o filho mais novo de quatro irmãos. Em minha juventude, ao terminar o 2º grau, ingressei na Ordem dos Frades Menores Franciscanos e fiz todo o curso eclesiástico, sendo ordenado sacerdote em 19 de dezembro de 1971.

Conheci Frei Luiz Maria Sartori como estudante, em Petrópolis, quando foi falar sobre a Pastoral Operária aos estudantes. Imediatamente comecei a fazer parte desta pastoral, ao ver o grande valor desse trabalho e sentir o carisma de Frei Luís.

Em minha primeira transferência como sacerdote franciscano, fui encaminhado para a Comunidade de Pastoral Operária, que tinha sua sede na Vila Guilherme, em São Paulo. Além de mim, faziam parte da comunidade os confrades Frei Luís Maria, Frei Antonio Sperandio e Frei José Alamiro. Rezávamos em comum, visitávamos as fábricas, durante a semana, e realizávamos cursos e retiros para operários e suas famílias em ValFlor - Casa de Retiros de São Paulo -, na Casa de Retiros de Mogi das Cruzes e, vez por outra, na Casa de Retiros de Ouro Preto, em Minas Gerais.

A realidade operária nessa época era muito desafiadora, pois estávamos em plena ditadura militar. Todo nosso trabalho era vigiado e não tínhamos liberdade para desenvolvermos nossas atividades. Contudo, Frei Luís, sempre corajoso, tomava a frente em nossos trabalhos, enfrentando todas as dificuldades e nós o seguíamos. Ele criou a Congregação das Irmãs de Cristo Operário, que era nosso braço direito em nossas atividades.

Frei Luís Maria vivia o texto bíblico “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Ele era um estudioso das questões

religiosas e sociais, sempre muito atento aos documentos da Igreja, principalmente do Concílio Vaticano II. Era um religioso profundamente espiritualizado. Sua vida de oração nos levava também a seguirmos seus passos.

Frei Luís Maria deixa à Igreja o grande legado de compromisso com os pobres, especialmente o operariado. Ele buscava, de forma profética, uma síntese pacífica da “luta de classes”. Nosso trabalho era baseado na Doutrina Social da Igreja e nos documentos do Concílio Vaticano II.

Em algumas fábricas, éramos muito bem recebidos pelos patrões e operários; em outras, havia, sim, rejeições por parte de alguns. Mas, isso não nos intimidava e seguíamos adiante, entrando nas empresas de forma muito natural. Uma vez obtida a autorização dos patrões, aproveitávamos o momento do almoço dos operários para conversar com eles. Alguns, de outras denominações religiosas ou de convicções ideológicas diferentes, não participavam de nossas explanações, enquanto outros se mostravam interessados em conhecer nosso pensamento.

Sentíamos verdadeiramente esse trabalho como ação de Deus na vida dos operários, pelas inúmeras mudanças de vida verificadas por eles e seus familiares e também pela transformação no modo de relação entre operários e seus patrões.

Para mim, a Pastoral Operária foi um grande aprendizado de como lidar com o povo, principalmente com os mais pobres e injustiçados, buscando soluções para seus problemas no trabalho e familiares. Sim, a Igreja tem um caminho social e não apenas ideológico na condução da realidade operária no Brasil e no mundo. O Evangelho e a Doutrina Social da Igreja respondem aos grandes questionamentos feitos na realidade operária e sindical.

Hoje a chamada Pastoral do Mundo do Trabalho é contemplada pela CNBB na Comissão das Pastorais Sociais. Com certeza, se Frei Luís Maria estivesse vivo, estaria neste setor da evangelização, sendo “fermento, sal e luz”, como sempre foi.

Assim como o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja têm sempre um caminho a ser trilhado pela Pastoral do Mundo do Trabalho, certamente Frei Luís estaria nos mostrando este caminho. Aliás, ele o está fazendo, através de seus inúmeros livros escritos sobre o assunto. Cabe a nós, Igreja, sabermos aproveitar este rico legado deixado pelo nosso querido Frei.

A grande mudança suscitada pelo Evangelho e pela Doutrina Social da Igreja e preconizada por Frei Luiz é que temos um caminho de comunhão das classes sociais e não uma histórica luta de classes. Seu grande lema para nós deixado é a consciência do “Jesus Operário” e a melhor maneira de celebrarmos o centenário deste grande homem cristão, franciscano, é procurando viver e pondo

em prática, em nossas vidas, o legado deixado por ele, sejamos religiosos, operários ou simples cidadãos brasileiros.

Sugiro que nossos leigos e leigas de nossas comunidades, a exemplo de Frei Luís, procurem conhecer, viver e praticar os ensinamentos do Evangelho e os da Doutrina Social da Igreja.

*Dom Frei Luiz Flávio Cappio, OFM*

Barra-BA, 10 de junho de 2023



Ilustração: Poesia de D. Alzira Alves Sartori em homenagem ao Frei Luís

PARTIDA

20 de janeiro de 1942 (Por ocasião da partida de meu filho  
Marcius para o convento, hoje Frei Luiz Maria Alves Sartori)

E... cinco horas batia...  
A noite em seu longo avanço,  
lenta... se tornava dia.

Tênuê sombra se esmaece,  
luta ainda contra o dia,  
frágil treme e desfalece...

Plena a madrugada em flor,  
perfumando a natureza,  
que conta e vibra c'o amor!

Na penumbra de seu leito  
vela triste a pobre mãe  
numa dor que parte o peito.

Em sua mente dolorida,  
perpassa no pensamento,  
de seu filho, toda a vida...

Num profundo desalento,  
chega a hora da partida  
do filho para o convento.

Com seu coração desfeito,  
ela aperta, num abraço,  
o seu filho contra o peito.

Com voz surda e decidida:  
"Coragem, meu Deus, coragem"  
é hora da despedida...

Dois corações que palpitam,  
num elo santo de amor:  
se confundem, se consomem,  
num holocausto de dor.

Partiu... deixando a saudade,  
o vácuo, a desolação.  
Partindo, com ele, a su'alma  
foi também o coração.

A Deus ela roga tanto,  
em troca do sacrifício,  
fazer de seu filho um santo.

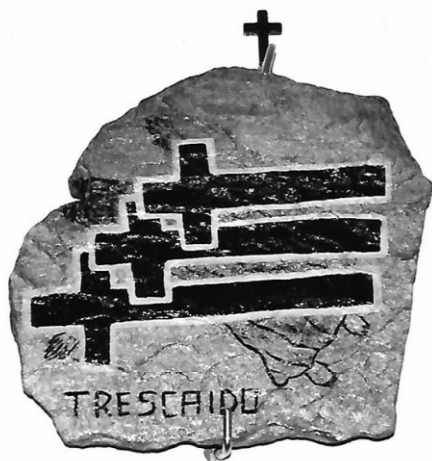
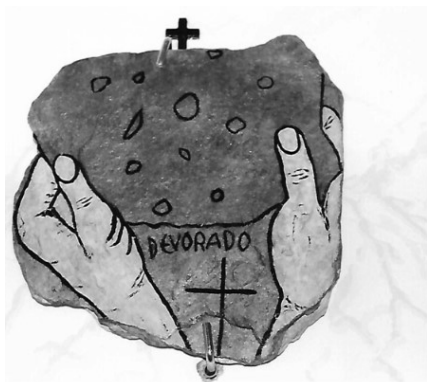
O pranto nos olhos seus...  
a renúncia sem revolta  
e o filho: tudo pra Deus!

Fonte: Acervo das Missionárias de Cristo Operário e SARTORI, Alzira Alves. *Nevoeiro de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ibérica, 1977, p. 84-85.



VIA-CRUCIS PINTADA POR FREI LUÍS ALVES MARIA SARTORI









## Música a Nossa Senhora da Escada

A versatilidade de Frei Luís Alves Maria Sartori também pode ser percebida em sua imersão na música. A composição em honra a Nossa Senhora da Escada ganha na partitura de Frei Luís novas aberturas à compreensão do mistério de Deus que opera e faz maravilhas na vida dos que respondem ao seu chamado.

Maria, Escada de Deus e dos homens

The image shows a handwritten musical score for a piece titled "Maria, Escada de Deus e dos homens". The score is written on a single treble clef staff in 2/4 time. It consists of nine measures of music. The first measure starts with a quarter rest followed by a quarter note G4. The second measure contains a quarter note G4, a quarter note A4, and a quarter note B4. The third measure contains a quarter note C5, a quarter note B4, and a quarter note A4. The fourth measure contains a quarter note G4, a quarter note F4, and a quarter note E4. The fifth measure contains a quarter note D4, a quarter note C4, and a quarter note B3. The sixth measure contains a quarter note A3, a quarter note G3, and a quarter note F3. The seventh measure contains a quarter note E3, a quarter note D3, and a quarter note C3. The eighth measure contains a quarter note B2, a quarter note A2, and a quarter note G2. The ninth measure contains a quarter note F2, a quarter note E2, and a quarter note D2. The score ends with a double bar line and the word "final" written above the final note.

---

## MARIA ESCADA DE DEUS E DOS HOMENS

### Nossa Senhora da Escada

#### REFRÃO...

**Escada para Deus lá do céu descer  
Fostes vós, Maria pelo Pai escolhida!  
Escada pr'o homem ao Pai ascender.  
Mostrai-nos Jesus como doce subida!**

Profundo abismo do nada nos apagava  
Velando-nos do ser a bondade.  
Quando o amor do Pai que já nos amava  
Lançou-nos na escada da realidade.

Imagens de tal Deus, mas tão pequeninos  
O amor divino a Si nos quis elevar!  
E o Verbo, Filho de Deus, se fez menino,  
Jesus, escada ao Pai nos quis reportar

#### Refrão...

Pelo pecado, miseráveis tornados  
De Deus o coração e o amor provocando;  
Misericórdia pela cruz conquistados  
Pela escada de seu perdão nos salvando!

A escada da fé para nossa mente  
Pr'a nossa vida os degraus da esperança;  
Escada sois para nosso coração contente  
E vosso amor, Mãe para Jesus nos lança.

#### Refrão.....

Pela amizade a santa paz demonstrando  
Por vossa humildade dai-nos alegria;  
De vossa doçura os degraus nos levando  
Pr'a JESUS CRISTO ESCADA SOIS, MARIA



EDITORA  
SCHREIBEN